

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e
Aprendizagem

Rafael Augusto Barduchi Pereira

**AS CONTROVÉRSIAS FREUD/JUNG À LUZ DA OBRA *TRANSFORMAÇÕES E
SÍMBOLOS DA LIBIDO***

BAURU

2024

Rafael Augusto Barduchi Pereira

AS CONTROVÉRSIAS FREUD/JUNG À LUZ DA OBRA *TRANSFORMAÇÕES E
SÍMBOLOS DA LIBIDO*

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, área de concentração desenvolvimento e aprendizagem, sob a orientação da Profª Drª Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

BAURU

2024

Pereira, Rafael Augusto Barduchi.

As controvérsias Freud/Jung à luz da obra
Transformações e símbolos da libido / Rafael Augusto
Barduchi Pereira. - Bauru, 2024

114 f.

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Patrícia Porchat Pereira da Silva
Knudsen

1. Incesto. 2. Libido. 3. Carl Gustav Jung. 4.
Sigmund Freud. I. Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE RAFAEL AUGUSTO BARDUCHI PEREIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU

Aos 26 dias do mês de março do ano de 2024, às 14:00 horas, no(a) Google Meet, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de RAFAEL AUGUSTO BARDUCHI PEREIRA intitulada

"AS CONTRAVERSÍAS FREUD/JUNG À LUZ DA OBRA
TRANSFORMAÇÕES E SÍMBOLOS DA LIBIDO"

.....'. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. PATRICIA PORCHAT PEREIRA DA SILVA KNUDSEN (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / UNESP Faculdade de Ciências de Bauru SP, Profa. Dra. JULIA KADDIS EL KHOURI (Participação Virtual) do(a) Departamento de Gênero e Sexualidade / Associação Junguiana do Brasil (AJB), Profa. Dra. CHRISTIANE CARRIJO ECKHARDT MOUAMMAR (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências (Unesp/Campus de Bauru), Prof. Dr. ERICO BRUNO VIANA CAMPOS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências Unesp Campus de Bauru. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO..... Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Profa. Dra. PATRICIA PORCHAT PEREIRA DA SILVA KNUDSEN

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho foi de uma realização e satisfação incríveis. Foram muito os desafios e teria sido impossível percorrer este caminho sem auxílio. Por isso, preciso agradecer às diversas pessoas que estiveram a meu lado durante o percurso.

Aos meus pais, pelo incentivo, apoio e por proporcionarem todas as condições necessárias para que eu me dedicasse aos estudos até este momento.

Meu namorado que desde sempre tem sido meu parceiro, me acompanhando, me dando forças e me apoiando em todos os momentos.

Aos meus amigos, tão compreensíveis com meus momentos de reclusão aos estudos e tão companheiro também, nos momentos de lazer.

À Patricia, minha orientadora, por me indicar os caminhos necessários para percorrer este mundo complexo da psicologia junguiana e da psicanálise freudiana. Agradeço pelas instruções, explicações e paciência.

Ao Caio, meu coorientador, por me auxiliar em diversos momentos na realização do trabalho, complementando, sugerindo correções e apontando caminhos. Agradeço, também, às instruções, explicações e paciência.

Ao Rodrigo Gewehr pelas sugestões e apontamentos teóricos, tão importantes e que fizeram uma grande diferença no percurso do desenvolvimento de meu trabalho.

À Christiane Carrijo, Érico Bruno e Júlia Kaddis, que generosamente aceitaram participar da banca de defesa.

À Thamires, da Seção Técnica de Pós-graduação da UNESP/Bauru por sempre estar presente e solícita para tirar as dúvidas, de maneira educada, de todos nós, estudantes do programa.

Por fim, à instituição UNESP/Bauru por proporcionar as condições para que este mestrado fosse realizado.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

“Se, na qualidade de psicoterapeuta, eu me sentir como autoridade diante do paciente e, como médico, tiver a pretensão de saber algo sobre a sua individualidade e fazer afirmações válidas a seu respeito, estarei demonstrando falta de espírito crítico, pois não estarei reconhecendo que não tenho condições de julgar a totalidade da personalidade que está lá à minha frente. Posso fazer declarações legítimas apenas a respeito do ser humano genérico, ou pelo menos relativamente genérico. Mas como tudo o que vive só é encontrado na forma individual, e visto que só posso afirmar sobre a individualidade de outrem, o que encontro em minha própria individualidade, corro o risco, ou de violentar o outro, ou de sucumbir por minha vez ao seu poder de persuasão. Por isso, quer eu queira quer não, se eu estiver disposto a fazer o tratamento psíquico de um indivíduo, tenho que renunciar à minha superioridade no saber, a toda e qualquer autoridade e vontade de influenciar. Tenho que optar necessariamente por um método dialético, que consiste em confrontar as averiguações mútuas. Mas isto só se torna possível se eu deixar ao outro a oportunidade de apresentar seu material o mais completamente possível, sem limitá-lo pelos meus pressupostos. Ao colocar-nos dessa forma, o sistema dele se relaciona com o meu, pelo que se produz um efeito dentro do meu próprio sistema. Este efeito é a única coisa que posso oferecer ao meu paciente individual e legitimamente.”

(Carl Gustav Jung, A prática da psicoterapia, §2)

PEREIRA, Rafael Augusto Barduchi. As controvérsias Freud/Jung à luz da obra *Transformações e Símbolos da Libido*. 2024. 114f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências. Bauru, 2024.

RESUMO

A partir da sugestão de alguns comentadores da obra de Freud, que afirmam que *Totem e Tabu* (1912-1913) foi escrito para responder a questões levantadas por Jung em *Transformações e Símbolos da Libido* (1911-1912), bem como a críticas diretas de Freud e de Ferenczi a Jung, este trabalho discute alguns conceitos e ideias propostos por Jung que seriam motivo de críticas por parte de Freud e de Ferenczi, resgatando elementos da história de Jung e da relação com Freud que puderam ser considerados como influenciadores para seu percurso teórico distante da psicanálise. Algumas ideias de Jung expostas em *Transformações e Símbolos da Libido* foram selecionadas para análise por se tratar de modificações da teoria psicanalítica, como: a ampliação do conceito de inconsciente; o uso da mitologia como central para compreensão da psique humana; uma modificação do conceito de libido e uma proposta de simbolização do incesto, alterando a compreensão do adoecimento psíquico. Analisando a relação entre Freud e Jung também encontramos fatores emocionais próprios da dinâmica relacional estabelecida entre os dois que serviram de catalisadores para o rompimento da relação entre eles e consequente saída de Jung do movimento psicanalítico. A conclusão é a de que uma reação de Freud era inevitável, em vista do caráter das alterações propostas por Jung e de que as divergências teóricas se sobressaíram perante os elementos constituintes da relação entre os dois. Trata-se de um trabalho oriundo de uma pesquisa teórica de cunho histórico-conceitual que, como resultado, pretende contribuir para as discussões acerca das raízes do conflito entre Freud e Jung, dando destaque ao momento em que Jung apresenta publicamente seus pontos de divergência na compreensão do funcionamento e do adoecimento psíquicos.

Palavras-chave: Incesto; Libido; Carl Gustav Jung; Sigmund Freud.

PEREIRA, Rafael Augusto Barduchi. The Freud/Jung controversies in the light of the work *Transformations and Symbols of the Libido*. 2024. 114p. Dissertation (Master's in Psychology of Development and Learning) – UNESP, Faculdade de Ciências. Bauru, 2024.

ABSTRACT

Based on the suggestion of some commentators on Freud's work, who claim that Totem and Taboo (1912-1913) was written to answer questions raised by Jung in Transformations and Symbols of the Libido (1911-1912), as well as direct criticism of Jung by Freud and Ferenczi, this paper discusses some of the concepts and ideas proposed by Jung that were criticized by Freud and Ferenczi, recovering elements of Jung's history and relationship with Freud that could be considered influential in his theoretical path away from psychoanalysis. Some of Jung's ideas set out in Transformations and Symbols of the Libido were selected for analysis because they were modifications of psychoanalytic theory, such as: the expansion of the concept of the unconscious; the use of mythology as central to understanding the human psyche; a modification of the concept of libido and a proposal to symbolize incest, altering the understanding of psychic illness. Analyzing the relationship between Freud and Jung, we also find emotional factors specific to the relational dynamic established between the two that served as catalysts for the break-up of their relationship and Jung's consequent departure from the psychoanalytic movement. The conclusion is that Freud's reaction was inevitable, given the nature of the changes proposed by Jung and the fact that the theoretical differences stood out from the constituent elements of the relationship between the two. This work is the result of theoretical research of a historical-conceptual nature which, as a result, aims to contribute to discussions about the roots of the conflict between Freud and Jung, highlighting the moment when Jung publicly presents his points of divergence in the understanding of psychic functioning and illness.

Keywords: Incest; Libid; Carl Gustav Jung; Sigmund Freud.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
1. A PSICANÁLISE FREUDIANA DE 1905 A 1910	17
1.1 1905 – <i>Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade</i>	18
1.2 1906 a 1909 - <i>Meus Pontos de Vista Sobre o Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses</i> (1906) e outros textos.....	28
1.3 1910 – <i>Cinco Lições de Psicanálise e Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelo Homem</i>	33
1.4 Síntese	37
2 A VIDA E OBRA DE JUNG ATÉ <i>TRANSFORMAÇÕES</i>	38
2.1 Breve epistemologia junguiana.....	38
2.2 A Vida antes de Freud	40
2.3 A Relação com Freud	43
2.4 1911-1913: Os anos de <i>Transformações</i>	69
3 A ANÁLISE DE <i>TRANSFORMAÇÕES</i>	79
3.1 Inconsciente	80
3.2 A Mitologia e sua relação com o psiquismo	83
3.3 Potencial prospectivo da mente	87
3.4 Conceito de libido	89
3.5 O incesto e o desejo incestuoso	97
3.6 O adoecimento psíquico.....	100
4 CONCLUSÃO	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

APRESENTAÇÃO

O interesse pela realização deste trabalho surgiu com as minhas aulas em cursos a respeito da teoria junguiana. Muito se falava sobre a relação dele com Freud durante algumas aulas e sobre a repercussão da escrita de *Transformações e Símbolos da Libido*, porém, pouco se falava sobre o motivo do rompimento entre eles. Nas minhas aulas sobre psicanálise durante minha graduação UNESP, também se comentava sobre a relação entre os dois, porém pouco se dizia sobre o motivo do rompimento. Minha curiosidade a respeito desse episódio foi surgindo nesses momentos até que, em minha iniciação científica, pesquisei a respeito das diferenças entre as teorias de Freud e Jung a respeito dos sonhos e precisei ler algumas das cartas trocadas entre eles e minha curiosidade se intensificou mais ainda, pois, parte da pesquisa, se dava no período de relacionamento entre os dois.

Na época de realização de minha iniciação científica, pude ler *Transformações e Símbolos da Libido*, porém, de maneira superficial. Não sabia direito ainda quais ideias estavam contidas ali e nem o porquê da repercussão causada no círculo psicanalítico. Então, após minha graduação, surgiu a oportunidade de realizar o mestrado e percebi que seria uma boa chance de estudar a respeito dessa temática. Originalmente, o objetivo do projeto era o de examinar a obra de Freud, *Totem e Tabu*, para verificar quais respostas foram dadas a Jung. Aos pouco fomos entendendo que era mais importante construir um primeiro momento da obra freudiana para compreender melhor ao que Jung também respondia em *Transformações e Símbolos da Libido* e, desse modo, estabelecer as bases de discordância entre os dois para, numa próxima pesquisa, poder averiguar as respostas do Freud.

Sempre tive gosto por Jung, desde antes de minha graduação em Psicologia. Já em minha adolescência, a curiosidade a respeito de saber o motivo pelo qual os humanos se comportam de determinada maneira me levou a conhecer um Jung superficial e místico. Ao longo de minha trajetória de estudos, já sabia que essa seria a abordagem que seguiria, tamanho foi o prazer e o sentido que as respostas que ela oferecia. Então, durante minha graduação em Psicologia na UNESP tive a oportunidade de me aprofundar na teoria junguiana através de cursos de extensão que frequentei por quatro anos. Ao terminar minha graduação, entrei em um curso de especialização em clínica junguiana e iniciei minha atuação profissional clínica na abordagem junguiana e, no ano seguinte, ingressei no mestrado. Também ministrei algumas aulas dessa abordagem no instituto do qual faço parte. Com o mestrado, tive a oportunidade de me aprofundar mais em uma parte da história de Jung com a qual pouco tivera contato e que é negligenciada em nossos estudos. Parece que não há

psicologia analítica antes de *Transformações e Símbolos da Libido*. Pelo menos foi a vivência que tive. Então, poder entender um pouco mais a respeito desse momento histórico de Jung me foi muito gratificante.

INTRODUÇÃO

A relação entre Freud e Jung é uma das mais conhecidas no meio psicanalítico. Tal relação gerou frutos, mas também alguns dissabores a ambos. Um dos pontos que pode ser destacado com maior ênfase é o rompimento dessa relação, que se deu em 1913, e que foi marcada pela obra *Transformações e Símbolos da Libido*¹ (livro também conhecido como *Metamorfoses e Símbolos da Libido* e, mais tarde, em 1952, reformulado por Jung e publicado com o título *Símbolos da Transformação*).

O livro é reconhecido como uma das principais causas do rompimento. A teoria ali contida divergia em muitos aspectos das ideias de Freud e pode ter sido entendida como uma crítica, a ponto de alguns pensadores, como Schmidl (1952, apud Stea, 2012), Mezan (2006) e Ribeiro (2020), acreditarem que ele escreveu uma resposta a Jung com seu livro *Totem e Tabu*.

Em um artigo de 1952, intitulado *Freud's Sociological Thinking*, escrito por Fritz Schmidl, encontramos a ideia de que *Totem e Tabu* foi uma resposta ao livro de *Transformações e Símbolos da Libido* de Jung, por este ter manifestado por escrito seu desacordo com a importância das fantasias edípicas na história da humanidade (Schmidl, 1952, apud Stea, 2012, p. 187). Mezan, em sua obra clássica, *Freud, Pensador da Cultura*, referindo-se a *Totem e Tabu*, afirma que “Freud escreve esse livro explicitamente para responder a *Símbolos e transformações da libido*, a fim de mostrar que, (...) não é a mitologia que explica a sexualidade, mas o contrário” (Mezan, 2006, p. 207). Em um texto mais recente, de Cecília Ribeiro Rodrigues, intitulado *Totemismo e Tabu Hoje*, ela afirma que “É de comum conhecimento que a obra [de Freud] é uma resposta a Jung e sua teoria do inconsciente coletivo, noção pensada diferentemente por Freud através daquilo que ele descreve como filogenética” (2020, p.1).

¹ A obra *Transformações e Símbolos da Libido - uma contribuição para a história da evolução do pensamento* (*Wandlungen und Symbole der Libido – Beitrage zur Entwicklungsgeschichte des Denkens*, originalmente em alemão), publicada em 1911-1912, não foi traduzida no Brasil, mas ficou conhecida também como *Metamorfoses e Símbolos da Libido*. A versão americana foi publicada como *Psychology of the Unconscious – a study of the transformations and symbolisms of the libido* (*Psicologia do Inconsciente – um estudo sobre as transformações e simbolismos da libido*) e data de 1916. Em 1952, Jung reformula seu livro, alterando, dentre outros pontos, seu título. A primeira edição publicada no Brasil e traduzida para o português provém da edição já reformulada por Jung, com o título original em alemão *Symbole der Wandlung - Analyse des Vorspiel zu einer Schizophrenie*, em português *Símbolos da Transformação - análise dos prelúdios de uma esquizofrenia*. Será a versão em inglês, de 1916, *Psychology of the Unconscious – a study of the transformations and symbolisms of the libido*, a utilizada neste trabalho. Vale lembrar que Jung tem outra obra datada de 1916 com o título em português de *Psicologia do Inconsciente*, pertencente às Obras Completas, com a qual não se deve confundir nossas referências.

Essa não foi a única reação de Freud e nem do círculo psicanalítico. Freud escreve dois textos com uma crítica direta a Jung: *Introdução ao Narcisismo* e *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico*, ambos de 1914. Ferenczi escreve um artigo inteiro criticando a obra de Jung como um todo, publicado em 1913. Além disso, alguns outros membros do grupo psicanalítico também não gostaram do que Jung escreveu e, em parte motivados por isso, organizaram um boicote para que não fosse eleito novamente o presidente da Associação Internacional de Psicanálise, o que não ocorreu. Porém, mesmo eleito, Jung tinha poucos adeptos. Isso contribuiu para que ele próprio se retirasse do grupo em 1914 e cortasse totalmente as relações com Freud.

Diante de toda essa repercussão, algumas questões se colocam: afinal, quais foram os conceitos, hipóteses e ideias de Jung, colocados nesse livro, que mereceram essa reação? Suas ideias eram tão distantes da psicanálise, assim? Tais questões nortearam o presente estudo.

Para dar início a essa investigação, consideramos relevante elencar os conceitos contidos no livro de Jung e entender por que ele teria merecido uma resposta por parte de Freud. Olhar para as críticas realizadas a Jung também nos oferece um bom contraste de ideias, contribuindo para que se entenda melhor essas questões.

A obra *Transformações e Símbolos da Libido* foi publicada em duas partes, no *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, periódico psicanalítico da época. A primeira parte foi publicada em agosto de 1911 e a segunda em setembro de 1912 (Moritz, 2007). O livro, como volume único, reunindo as duas partes, apareceu logo após a publicação da segunda parte, ainda em 1912 (Massière, 2016).

Nesta obra, Jung utilizou algumas fantasias de uma senhora americana chamada de Miss Miller relacionando-as com diversas mitologias de diferentes povos para justificar seu ponto de que existe algo de comum entre a nossa psique atual e a dos povos antigos e como esses conteúdos estão presentes nas fantasias de pessoas adoecidas psiquicamente. Com isso, também apresenta e discute os conceitos que trarão tanto incômodo à Freud na época. Na primeira parte desse trabalho, Jung (1911-12/1916) expõe o que entende ser duas formas de pensamento, o “pensamento dirigido” e o “pensamento onírico ou de fantasia” e apresenta algumas fantasias de Miss Miller realizando as primeiras relações com alguns mitos. Na segunda parte é quando apresenta o conceito modificado de libido e sua nova compreensão sobre o incesto e sobre o surgimento das neuroses.

Nesta mesma obra, mais especificamente, na primeira parte, Jung também realiza uma introdução à ideia de inconsciente coletivo, ainda não elaborada completamente, e que pode ser exemplificada nesta passagem:

Assim como nossos corpos ainda guardam em muitos órgãos obsoletos a lembrança de funções e estruturas antigas, também nossas mentes, que aparentemente ultrapassaram essas tendências arcaicas, carregam, no entanto, as marcas da evolução passada, de modo que o muito antigo continua a ressoar, ao menos por meio de sonhos, nas fantasias (Jung, 1911-12/1916, p.35, tradução nossa).

Jung aqui está se referindo aos conteúdos situados nas camadas mais profundas da mente e que são oriundos da cultura de povos primitivos, mas que, ainda assim, se mantêm presentes em nossa psique.

Vemos que neste trecho já há alguma discordância em relação ao pensamento freudiano, ao menos no que se refere ao entendimento da amplitude do inconsciente. Seria ele composto unicamente por conteúdos reprimidos de nossa infância, conforme dizia Freud (1900/2019), ou abarcaria também conteúdos muito antigos, que “carregam, no entanto, as marcas da evolução passada”, conforme propôs Jung?

Além disso, também aparecerá no livro de Jung a questão de uma função destruidora da libido. Ele sugere uma ampliação da noção da libido a partir de sua consideração de um ponto de vista genético, como explicitaremos posteriormente.

Jung também inova ao introduzir o mito do herói como mais importante para o desenvolvimento psíquico, sugerindo um deslocamento do complexo de Édipo do lugar central que ocupava na etiologia das neuroses (Jung, 1911-12/1916). Trata-se de uma ideia diferente daquela proposta por Freud, na medida em que, na neurose, tal como Jung a concebe, seria o mito do herói, e não o complexo de Édipo, que organizaria o desenvolvimento humano.

Já quanto ao complexo de Édipo, Freud (1910/2013a) afirma que este representa o complexo nuclear de toda a neurose, podendo ser encontrado em outros âmbitos da vida psíquica. O mito do rei Édipo, que mata o pai e esposa a própria mãe, constitui uma revelação desse desejo infantil que, posteriormente, sofre interdição pela barreira do incesto (Freud, 1910/2013a). A criança escolhe seu objeto primitivo a partir de sua necessidade de amparo. Ela se volta inicialmente para todas as pessoas que cuidam dela e a relação que estabelece com seus cuidadores não é isenta de elementos de excitação sexual. Ela toma os pais, especialmente um deles, como objeto de seus desejos sexuais. O complexo formado é, então, logo reprimido; entretanto, continua possuindo um grande e persistente efeito a nível inconsciente.

Notamos que tal afirmação de Freud data de 1910. Nessa época, a ideia de que o complexo de Édipo constituía o complexo nuclear de toda a neurose estava se consolidando.

Freud, durante alguns dos anos de relacionamento com Jung, buscou entender e identificar qual seria este complexo, até chegar em sua conclusão a respeito do complexo de Édipo. Os dois debateram a questão do incesto em suas cartas e este tema, não por acaso, foi extensamente trabalhado por Jung em *Transformações*².

Ainda, Freud não deixa de lado a própria centralidade do complexo de Édipo em relação aos mitos, tema caro ao pensamento junguiano. Como afirma Mezan:

Quando Freud diz que a mitologia está centrada no mesmo complexo nuclear que as neuroses, isso implica que o complexo de Édipo está na raiz de ambas, e que, atrás desse complexo, se encontra a sexualidade reprimida, sendo os mitos projeções de conteúdos inconscientes e personificação das tendências silenciadas (...) (2006, p.223).

Não encontramos essa mesma crença em Jung. Muito pelo contrário. Em Jung, “os conteúdos psíquicos atuais se explicam pela revivescência dos mitos (‘a história permite compreender a psique’), sendo estes, primeiros, e os outros, derivados” (Mezan, 2006, p. 223). Tal visão é perceptível em *Transformações*, o que marcou uma das diferenças entre os dois autores.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar os conceitos junguianos presentes em *Transformações*, explicitando sua divergência com os pensamentos freudianos. Os objetivos específicos são: compreender as bases teóricas do pensamento psicanalítico na época anterior à escrita de *Transformações*; acompanhar o relacionamento entre Freud e Jung e o que desse relacionamento poderia ter influenciado na ruptura entre ambos; compreender as bases do pensamento junguiano até *Transformações*.

Quanto à metodologia, o presente projeto propõe uma pesquisa teórica de cunho histórico-conceitual das ideias contidas em *Transformações*, de Carl G. Jung. Para isso, será utilizada a primeira edição do livro *Transformações*, em inglês (1911-12/1916). Tal escolha se justifica pois, em 1952, Jung reescreve seu livro, modificando: parágrafos, adicionando ou retirando informações, ou trocando palavras; suprimindo páginas; a terminologia da psicanálise e psiquiatria da época é abandonada; alguns conceitos criados por ele mesmo são adicionados e utilizados com mais firmeza.

Fábio Massière (2016) realizou uma comparação entre as obras *Transformações*, de 1911/1912, e *Símbolos da Transformação*, de 1952. O primeiro corresponde à versão original, a primeira edição da obra de Jung; já o segundo é a quarta e última edição. O autor faz uma descrição das ideias de Jung em cada capítulo e aponta as diferenças entre as duas edições em

² A partir de agora, faremos referência a *Transformações e Símbolos da Libido* apenas como *Transformações*.

cada um deles, destacando outras alterações realizadas na quarta edição, como: a modificação realizada por Jung de algumas interpretações quanto às fantasias de Miss Miller para confirmar o suposto quadro de esquizofrenia, pois não são mais as imagens que são patológicas como na primeira edição, mas sim a postura da consciência que pode determinar o desencadear de uma patologia ou não; a acentuada influência das ideias de Haeckel na primeira edição são suavizadas na quarta; substituição de alguns termos, como, por exemplo, no lugar de “desejo incestuoso” ele fala em “regressão da libido”; fala-se menos em “mãe” do que em “inconsciente” etc. Por fim, Jung também modificou o título (de *Transformações e Símbolos da Libido* para *Símbolos da Transformação – análise dos prelúdios de uma esquizofrenia*), indicando uma modificação também na conceituação e no objetivo do livro (Jung, 1952/1999). Como nos interessa compreender a reação de Freud e seus discípulos fiéis, a versão de 1952 se torna inadequada, pois não é esta a que leram.

O presente estudo pode nos ajudar a compreender melhor o papel das ideias contidas em *Transformações* no rompimento do relacionamento entre Freud e Jung, bem como, na reação do pai da psicanálise, ao mesmo tempo que apresenta um panorama histórico do contexto em que tais querelas ocorrem. Outro ponto que este estudo fornece são informações a respeito da história da psicologia analítica e da construção das ideias de Jung.

Para isso, apresentaremos as ideias freudianas referentes à sexualidade, à etiologia das neuroses, à libido e ao complexo de Édipo no primeiro capítulo, dentro de um recorte histórico de 1905 a 1910, época do relacionamento entre Freud e Jung, de modo a organizar a apresentação das ideias freudianas em relação ao psiquismo e às neuroses no momento imediatamente anterior à publicação do livro de Jung. No segundo capítulo, traremos uma breve análise da biografia de Jung até a escrita de *Transformações*, atribuindo maior importância ao relacionamento entre Freud e Jung, utilizando como principal material de análise, as cartas trocadas entre os dois, destacando nelas algumas ideias que já se mostram discordantes entre eles e que são discutidas por Jung, com maior profundidade, em *Transformações*. No terceiro capítulo, apresentaremos alguns dos pontos principais de *Transformações* que marcam a divergência com o pensamento freudiano, bem como expor algumas das críticas que Jung recebeu por parte de Freud e Ferenczi.

1. A PSICANÁLISE FREUDIANA DE 1905 A 1910

No presente capítulo, propomos um panorama das ideias de Freud a partir de seu contato com Jung, justamente no período de elaboração do texto junguiano *Transformações*.

Para organizar essas ideias, isolamos o conceito de complexo de Édipo, considerando-o como um conceito central no pensamento clínico freudiano daquele período. Daremos início ao seu estudo a partir de 1905, ano que precede o contato de Jung com Freud em torno dos trabalhos clínicos que o médico suíço vinha realizando no Hospital Burghölzli. Este ano é considerado um marco nos estudos freudianos sobre a sexualidade, com a publicação de *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Seguiremos com o comentário das obras de Freud até 1910, período que foi estabelecido considerando que Jung publicou a primeira parte de *Transformações* já no ano seguinte, em 1911.

No período estabelecido, pesquisamos os textos freudianos que mencionam o Édipo, o que nos levou ao artigo *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelo Homem*, onde, pela primeira vez, Freud apresenta publicamente o conceito por meio da denominação de “complexo de Édipo”. Tal conceito, que se torna, aos poucos, central na psicanálise, aglutina elementos fundamentais da teoria que serão contraditos por Jung em *Transformações*, como as noções de inconsciente, libido, incesto e a ênfase na sexualidade. Os textos selecionados abordam a concepção freudiana de sexualidade, chamando a atenção para o seu lugar na etiologia das neuroses.

Para muitos comentadores de Freud, a elaboração do conceito de Complexo de Édipo possui algumas etapas de desenvolvimento ao longo da construção da teoria psicanalítica. Estevão (2017), por exemplo, reconhece nessa história três momentos bem definidos: a) o clínico, que vai até o ano de 1913, com a publicação da obra *Totem e Tabu*; b) o cultural, que se inicia com a obra *Totem e Tabu* e vai até 1923; e c) o constitutivo, que começa na virada dos anos 20, de 1923 em diante.

Considerando os objetivos desta dissertação, apenas o primeiro desses momentos — aquele relativo ao Édipo clínico — irá nos interessar neste capítulo. Ele é caracterizado pela distância existente entre a teoria freudiana, exposta em suas obras, e a observação clínica. O Édipo, basicamente, é identificado na prática clínica e percebido como importante, porém, ainda não há espaço para ele dentro da teoria psicanalítica. Freud precisará repensar alguns pontos de sua teoria para que seja possível esse encaixe - movimento que será feito pelo autor ao longo de sua obra (Estevão, 2017).

Tendo isso em vista, este capítulo está subdividido em três seções. A primeira será dedicada à apresentação e análise do livro *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*³, de 1905; a segunda abordará alguns textos publicados por Freud entre 1905 e 1909; a terceira privilegiará o texto já citado de 1910, *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelo Homem*, bem como o texto *Cinco Lições sobre Psicanálise*, publicado no mesmo ano. Em cada seção será feita uma exposição geral dos textos abordados, destacando os conceitos que serão mais tarde questionados por Jung.

1.1 1905 – *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*

O texto em questão foi inicialmente publicado em 1905. Nele, Freud formula hipóteses mais gerais a respeito da sexualidade humana e faz algumas considerações sobre a sua influência na gênese das neuroses. Para os nossos fins, destacamos aqui suas contribuições sobre o conceito de libido, sobre a noção de desenvolvimento sexual e sua importância na dinâmica psíquica e, enfim, certos elementos de base que irão mais tarde fundamentar o conceito de complexo de Édipo.

No primeiro ensaio, fazendo referência à literatura especializada, Freud aborda a questão das aberrações sexuais; no segundo, discute o tema da sexualidade infantil; no terceiro, realiza uma análise das mudanças ocorridas na puberdade e da importância psicopatológica dessas transformações. Por fim, conclui a obra com um resumo do que foi escrito, acrescentando novos comentários ou enfatizando ideias já expostas anteriormente na obra.

Para esta dissertação, os ensaios mais importantes são o segundo e o terceiro, por abordarem a questão da sexualidade infantil e do incesto, respectivamente. Estes tópicos estão diretamente relacionados com o conceito de complexo de Édipo, posto que, basicamente, sua definição inclui o desejo sexual que o filho nutre pela mãe. Ainda assim, o primeiro ensaio possui alguns trechos importantes, que serão destacados a seguir.

Para iniciar a discussão, Freud abre sua obra apresentando brevemente, já no primeiro ensaio, a compreensão dos instintos sexuais na biologia, afirmando que a ideia de instinto sexual supõe a existência de necessidades sexuais nos seres humanos e nos animais. Nesse sentido, ele faz uma analogia com a fome e o instinto de nutrição, dizendo que, no âmbito sexual, “não tem uma designação correspondente à palavra ‘fome’” (Freud, 1905/2016a, p. 20); e que, portanto, “a ciência emprega ‘libido’” (ibidem). Dessa forma, indo ao encontro

³ Doravante, nos referiremos a esse texto apenas como *Três Ensaios*.

dessa analogia, a libido poderia ser entendida como o impulso ou força motriz que busca satisfazer as necessidades dos instintos sexuais⁴.

Freud segue afirmando que, de acordo com a opinião geral, o instinto sexual estaria ausente na infância e apareceria somente na puberdade, ligada ao processo de maturação do metabolismo sexual e manifestando-se por meio da atração entre pessoas de sexo oposto, cuja meta seria a união genital ou ações que caminham nesta direção. Para o psicanalista, no entanto, essa forma de ver as coisas se mostrará falha e imprecisa, conduzindo a conclusões precipitadas⁵.

Será nesse contexto que Freud apresentará as noções de objeto sexual e de meta sexual, definidas, respectivamente, como a pessoa a partir da qual a atração sexual se origina e a ação impelida pelo instinto. Uma série de desvios serão elencados em ambos os casos, tanto no que diz respeito ao objeto, quanto à meta. No tocante ao objeto sexual, por exemplo, um tipo particular de desvio será observado em pessoas denominadas por ele de “invertidas”⁶, que tomam como objeto sexual pessoas do mesmo sexo; outros tipos em pessoas que tomam crianças ou animais como objeto sexual. Quanto à meta sexual, ela é definida em sua dimensão normal como: “a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual (satisfação análoga à saciação da fome)” (Freud, 1905/2016a, p. 40).

Portanto, por “meta sexual normal”, Freud entende um ato sexual heterossexual voltado à reprodução envolvendo, assim, a participação dos genitais. Caso haja o uso sexual de partes do corpo que não sejam os genitais, como a boca ou o ânus, Freud compreenderá este ato como perverso. Isso estará relacionado ao complexo de Édipo no sentido de que se trata de um investimento libidinal do menino no genitor do sexo oposto, ou seja, sua mãe, em acordo, assim, com a “meta sexual normal”. Freud deixará a seus leitores um questionamento a respeito da relação entre o complexo de Édipo e os praticantes de uma sexualidade considerada desviante, como os “invertidos” e os perversos. Mas, essa questão não será respondida no primeiro ensaio, que se limita a trazer comentários mais gerais a respeito da

⁴ Manteremos o termo “instintos sexuais” em acordo com a tradução da obra de Freud utilizada aqui, publicada pela Companhia das Letras. Sabemos que há um grande debate acerca da melhor maneira de se traduzir o termo alemão “Trieb”, que no Brasil é com frequência traduzido como “pulsão”.

⁵ Apesar de Freud dar a entender com seu texto de que a ideia da existência de uma sexualidade infantil seria uma inovação sua, a discussão sobre este tema já ocorria desde meados do século XIX por diversos profissionais. Para mais informações a este respeito, conferir o artigo *Loss of Innocence: Albert Moll, Sigmund Freud and the Invention of Childhood Sexuality Around 1900*, de Lutz D. H. Sauerteig, 2012.

⁶ Termo utilizado, na época, para se referir aos homossexuais.

sexualidade, não abordando, nem a sexualidade infantil, nem seus corolários edípicos, envolvendo aqui o desejo sexual do filho pela mãe.

Outro trecho importante deste primeiro ensaio para as diferenças que mais tarde serão estabelecidas para com Jung no que diz respeito ao papel etiológico da sexualidade, é quando Freud expõe sua visão sobre a relação entre vida sexual e sintomas psiconeuróticos. O psicanalista afirma que a fonte de energia das neuroses provém dos instintos sexuais, ou seja, a vida sexual dos doentes manifesta-se nesses sintomas, seja em parte, seja de maneira exclusiva. Os sintomas, dirá Freud, são a atividade sexual dos neuróticos.

Com base nesse princípio, a psicanálise assumirá como premissa que os sintomas psiconeuróticos se organizam a partir de um conflito envolvendo as exigências do Eu e os desejos sexuais reprimidos⁷, impedidos pelas instâncias repressoras de ter acesso à consciência. Admite-se que, mesmo estando fora do campo da consciência, os representantes psíquicos do desejo sexual reprimido buscarão expressão e descarga da libido acumulada. No caso da histeria, a descarga tende a ocorrer por meio de um processo conversivo, expressando-se em forma de sintomas somáticos, como paralisias e contraturas. A manifestação de um quadro histérico desse tipo denota, portanto, a participação de um processo repressivo que foi além da medida normal, causando um desequilíbrio da economia psíquica.

O motivo facilitador da doença se dá quando o indivíduo é confrontado, devido a seu amadurecimento ou a circunstâncias da vida, às exigências reais da sexualidade. Como já dito, o estado psiconeurótico surge como resultado do encontro conflituoso entre a pressão do instinto sexual com uma força contrária a ela, de rejeição à sexualidade, exercida pelo Eu. O conflito não se resolve, ele é evitado por meio de um trabalho psíquico que busca transformar impulsos libidinais intoleráveis à consciência em sintomas neuróticos. Notamos aqui a ênfase dada por Freud ao papel da sexualidade na etiologia das neuroses. Essa é uma ideia que serve de pontapé inicial para a futura teoria do complexo de Édipo. Contudo, mesmo sabendo da importância da sexualidade na dinâmica psíquica, Freud ainda não consegue encaixar a questão edípica em sua teoria. É por esta razão que, como veremos mais adiante, não há menção explícita ao complexo de Édipo na edição de 1905 de *Três Ensaio*s. Em edições posteriores, Freud o incluirá.

Ainda no primeiro ensaio, Freud escreve a respeito dos chamados instintos parciais e das zonas erógenas. Estas últimas correspondem a partes do corpo suscetíveis de manifestar

⁷ Optamos por adotar “repressão”, mesmo termo utilizado pela versão da Companhia das Letras, consultada por nós, ao invés de “recalque”.

grande excitação, como a pele, as mucosas e os órgãos genitais, dando ao instinto o caráter sexual. Tais órgãos são apresentados como fontes de prazer para a criança, tornando-se objeto de estímulo constante por parte dos pais e cuidadores que dela se ocupam. Pela mãe desempenhar, no entender de Freud, um papel preponderante nessas práticas de cuidado, será ela a principal fonte geradora de prazer no filho, e o amor sexual da criança pela mãe tenderá a surgir em consequência. Por fim, Freud encerra este ensaio apresentando a ideia de que os neuróticos se mantêm no estado infantil de sua sexualidade ou então retornam a ele. Essa ideia serve de gancho para o próximo ensaio, no qual a sexualidade infantil será diretamente abordada.

No segundo ensaio, Freud se detém na elucidação e explicação da sua concepção de sexualidade infantil. Para ele, as crianças também possuem uma sexualidade, que teria um papel importante na organização sexual adulta, apresentando fases de desenvolvimento sexual, como: a fase pré-genital (dividida em fase oral e sádico-anal), a fase fálica ou genital⁸ e a fase de latência, que seria seguida pela puberdade. Todavia, Freud dirá que o desenvolvimento sexual na infância é inconstante e sujeita a fixações, dando origem a forças psíquicas capazes de afetar a realização dos impulsos sexuais. A educação exerce aqui uma grande influência, principalmente pela via da repressão de impulsos socialmente inadequados – por meio dos sentimentos de nojo, medo, vergonha, por exemplo. Nesse contexto, a energia investida nos impulsos sexuais será desviada e dirigida para outros fins. A esse processo, que está na base da cultura, Freud dará neste momento o nome de sublimação.

O autor fornece alguns exemplos do que seria a manifestação de uma sexualidade infantil, como o ato de chupar e sugar, o de agarrar, a retenção das fezes etc. No início, esse tipo de prazer será considerado por Freud como autoerótico, na medida em que se apoia em uma zona do próprio corpo, como um dedo, por exemplo, no ato de chupá-lo, sem exigir a presença física de outra pessoa na obtenção da satisfação.

Sintetizando, Freud afirma que a vida sexual infantil é autoerótica, encontrando prazer no próprio corpo. Nesse sentido, os instintos parciais obtêm prazer de forma independente, de acordo com a zona erógena solicitada, caracterizando o que Freud chama de “predisposição polimorficamente perversa”. Posteriormente, sob os efeitos da educação, a vida sexual infantil dá lugar à vida sexual adulta, a obtenção de prazer tende a se associar à função reprodutiva e os instintos parciais tendem a se concentrar em uma zona erógena particular, os genitais.

⁸ A fase fálica foi assim nomeada apenas em 1923, na obra *A Organização Genital Infantil*.

Nessa fase do desenvolvimento do instinto sexual, a satisfação das exigências libidinais deixa de ser autoerótica e passa a depender da presença de um objeto externo.

Freud supõe, em todo caso, que já na primeira infância ocorre a escolha de um objeto sexual que, mais tarde, se apresentará na puberdade, com a diferença de que a satisfação dos instintos sexuais terá como foco uma só pessoa. Como dito há pouco, outra diferença importante é que durante a primeira infância a vida sexual ainda não se organiza sob o primado dos genitais.

Com base nesse desenvolvimento bitemporal da sexualidade, a escolha do objeto sexual será feita em dois tempos, separados pelo período de latência: o primeiro dele se dá entre os dois e os cinco anos de idade, sendo justamente interrompido ou submetida à regressão no período de latência; o segundo se inicia na puberdade, dando origem à configuração definitiva da vida sexual. As escolhas sexuais infantis tendem, portanto, a perseverar ao longo do desenvolvimento do instinto sexual, conservando-se ou reavivando-se no período da puberdade, momento de consolidação da sexualidade humana.

Isso posto, entendemos melhor a importância atribuída por Freud, já em 1905, à sexualidade infantil. A experiência sexual na infância influencia de maneira determinante a vida sexual adulta. Durante esse período infantil da sexualidade, um dos pais aparecerá como objeto de amor sexual privilegiado para a criança, objeto ao qual ela deverá necessariamente renunciar ao chegar na puberdade. A participação das zonas erógenas é fundamental ao longo desse processo. Ao serem estimuladas pelo investimento afetivo dos pais, a criança será exposta a uma experiência de satisfação que tornará possível uma primeira escolha de objeto.

Cabe aqui, no entanto, chamar a atenção para a posição de Mezan (2011) a respeito da concepção freudiana acerca da cronologia do Édipo. O autor questiona a razão pela qual Freud não situou teoricamente, logo de imediato, a posição cronológica do Édipo, preferindo se ater, ainda nas conferências de 1910, à ideia de que o grande conflito se dá na puberdade, onde o adolescente está se separando da autoridade dos pais, e não aos cinco anos de idade, na fase fálica. O autor acrescenta uma hipótese do porquê este fato aconteceu, dizendo que a inexistência de um conceito de identificação torna impossível a colocação do Édipo na proximidade dos cinco anos, já que a questão é abordada, por Freud, somente do ângulo da escolha do objeto. Como a teoria psicanalítica ainda não reconhecia as organizações pré-genitais da libido - o que ocorre apenas na terceira edição dos *Três Ensaio*s, publicada em 1915 - a escolha de objeto definitiva se daria apenas quando os instintos parciais se subordinassem à zona genital, o que tende a ocorrer durante a puberdade.

Seguindo adiante em nossa análise, partimos para o terceiro ensaio, o qual possui particular importância para a presente pesquisa, pois nele Freud irá discorrer sobre o amor infantil, a escolha de objeto infantil, a barreira do incesto, entre outros temas que conduzem diretamente ao conceito de complexo de Édipo, além de abordar as transformações ocorridas na puberdade.

Freud apresenta a ideia de que, ao chegar na puberdade, há uma reorganização do instinto sexual e a definição de um objeto sexual baseado na escolha de objeto feita na infância. O protótipo desse objeto será a mãe. Nessa etapa do desenvolvimento, os instintos parciais também se submetem ao primado dos genitais e à função reprodutiva. Entretanto, Freud não esclarece, como indica Monzani (2014), de que maneira se dá a escolha de objeto e a submissão dos instintos parciais à zona genital. Tudo neste processo parece indicar a necessidade da existência de um princípio ordenador e organizador para torná-lo viável, capaz de integrar essa multiplicidade de instintos. Porém, não será neste momento que Freud irá propor um tal princípio.

Em seu último ensaio, Freud aprofunda e detalha uma ideia exposta ainda no final do primeiro, a saber, a questão do amor da criança pelos seus cuidadores. Tal amor se manifesta em função dos cuidados, das carícias e dos embalos recebidos. Por intermédio desses contatos, as zonas erógenas da criança serão estimuladas e uma excitação de caráter sexual se fará presente. Esses carinhos despertam, portanto, o instinto sexual na criança, preparando o caminho para as fases posteriores. As próprias crianças se comportam como se o seu apego aos cuidadores fosse algo da ordem do amor sexual. Será a partir dessa dinâmica que a criança passará a estabelecer os cuidadores como objeto sexual.

No entanto, o fato desse amor ser de ordem incestuosa faz dele alvo de uma série de censuras visando impedir que a criança tome como objeto sexual parentes e demais pessoas amadas na infância, cumprindo assim uma exigência social da cultura, suscetível de ordenar os laços entre famílias, clãs, grupos, e levando à geração do que o psicanalista chama de “unidades sociais mais elevadas” (Freud, 1905/2016a, p. 147). Freud se pergunta até que ponto os pais devem intervir impedindo que as crianças se apeguem eroticamente e exclusivamente a membros da família. Trata-se, segundo ele, de prorrogar a maturação sexual da criança e inibir o despertar precoce do instinto sexual antes de seu tempo, ou seja, da puberdade – momento em que as condições físicas são, de fato, propícias a isso. Já se sabe que uma das fontes de satisfação sexual para as crianças são as carícias dos pais, portanto, para que o caminho descrito acima ocorra, é necessário que este carinho seja realizado com uma intensidade tal, que não resulte em despertar precoce.

A respeito da escolha do objeto na puberdade, ela é realizada, primeiramente, pela imaginação, através das fantasias. Com estas, reaparece o impulso sexual da criança inicialmente dirigida aos pais, já mediado pela tendência à atração pelo sexo oposto (o do filho pela mãe e da filha pelo pai).

A superação e o repúdio a essas fantasias incestuosas garantem ao adolescente seu desprendimento da autoridade dos pais, uma das realizações psíquicas mais importantes e dolorosas da puberdade. Algumas pessoas não conseguem superar essa autoridade, não retirando - ou retirando de maneira incompleta - a ternura por eles. Isso resultará em possíveis inibições sexuais na vida adulta⁹.

Para Freud, nos neuróticos, a atividade psicosexual da busca pelo objeto sexual infantil permanece no inconsciente devido à rejeição da sexualidade. É possível observar em pessoas que adoeceram após uma experiência amorosa infeliz a libido se reverter para pessoas amadas na infância, como mecanismo da doença; um apego às inclinações sexuais infantis. Este é o componente de infantilização ou regressão à vida infantil da neurose e ocorre devido a uma fixação da libido no objeto incestuoso. Esse ponto também será explorado por Jung, mas de outra perspectiva. Ele concorda com Freud a respeito da infantilização da neurose, mas diz que esta se daria de uma maneira diferente, conforme será visto no terceiro capítulo.

Ao cabo do terceiro ensaio, Freud parece assumir uma posição muito próxima daquela que será tomada no artigo de 1910, *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelo Homem*, posição que diz respeito à fixação libidinal nos primeiros objetos de amor e sua repercussão nas futuras escolhas de objeto durante a puberdade. Isso será observado no homem, quando ele expressa sua primeira paixão por uma mulher mais madura. Ele busca nessa mulher um objeto capaz de reavivar a imagem de sua mãe.

Em suma, podemos dizer que, ao longo dos *Três ensaios*, Freud tenta mostrar que o instinto sexual é complexo e diverso, e que as várias interações entre fontes de prazer externas e os instintos parciais na primeira infância parecem determinar a organização da vida sexual adulta. Para haver excitação sexual, deve haver excitação de algumas zonas erógenas, como os genitais, a boca e o ânus. Todas elas contribuem para isso. Entretanto, os destinos das excitações provenientes dessas regiões não são os mesmos em todos os períodos da vida. A sexualidade ganha importância na dinâmica psíquica, embora ainda não esteja clara a relação entre a escolha de objeto sexual da criança por um dos pais e as neuroses.

⁹ Veremos adiante que Jung também abordará esta ideia em seu livro, mas oferecendo outra compreensão.

Estevão (2017) afirma que, inicialmente, o complexo de Édipo foi tido por Freud como uma noção, para depois se afirmar como um conceito teórico e ganhar espaço dentro da psicanálise. Os *Três Ensaio*s evidenciam o modo como Freud encarou o complexo de Édipo em um primeiro momento. Estevão (2017) ainda acredita que, em algumas passagens, Freud tenha sugerido a importância do Édipo para o desenvolvimento afetivo e sexual da criança e para a etiologia das neuroses, mas que ainda estaria muito tímido para expô-lo ao público.

Há menções ao Édipo em uma carta endereçada a Fliess em 1897, e na obra *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900 — alguns anos antes, portanto, da escrita de *Três Ensaio*s — sugerindo que Freud não ignorava completamente a existência deste fenômeno em seus pacientes, percebendo assim a sua importância.

Na carta a Fliess supracitada, de 15 de outubro de 1897, Freud revela ter concluído a partir de sua auto-análise que, tal como seus pacientes, também ele havia se apaixonado pela mãe e sentido ciúmes do pai, e segue sugerindo ser esse um fenômeno universal. Seria inclusive por essa razão que o mito de Édipo continua provocando efeitos em seus espectadores contemporâneos, pois todos já foram um dia Édipo-Rei em suas vidas e seu conflito seria, portanto, característico da espécie humana. Já encontramos aqui a ideia de universalização do fenômeno edípico. Eis o trecho da carta:

Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas. (Semelhante à inversão da filiação romance familiar na paranóia — heróis, criadores da religião.) Se assim for, podemos entender o poder de atração do Oedipus Rex, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a pressuposição do destino; e podemos entender por que o “teatro da fatalidade” estava destinado a fracassar tão lastimavelmente. Nossos sentimentos se rebelam contra qualquer compulsão arbitrária individual, como se pressupõe em *Die Ahnfrau* e similares; mas a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da platéia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento¹⁰ que separa seu estado infantil do estado atual (Masson, 1986, p. 273, grifos do autor).

O trecho traz à luz que Freud, já à época, tinha consciência de que havia uma dinâmica de amor e ódio da criança para com seus pais e já relacionava esse fato com o mito de Édipo. No entanto, o fenômeno edípico não seria naquele momento diretamente associado às neuroses. O que será afirmado a esse respeito é, tão somente, que o fenômeno era mais

¹⁰ Este termo poderia ser substituído por “repressão”, mas por se tratar de uma citação direta do autor, aqui ele precisou ser mantido.

frequentemente observado em crianças neuróticas do que nas consideradas normais, mas não afirma qualquer relação dinâmica entre o Édipo e o surgimento de sintomas neuróticos. Esse fato nos leva a questionar o que Freud poderia ou não saber sobre a possível correlação entre esses dois fenômenos, Édipo e neurose, conduzindo-nos à seguinte pergunta: o pai da psicanálise já estava atento à relação entre o mito de Édipo e o desenvolvimento sexual infantil? Um trecho do livro *A Interpretação dos sonhos*, de 1900, aponta para uma resposta positiva à questão:

Segundo minhas experiências já numerosas, os pais exercem o papel principal na vida psíquica de todas as crianças que, mais tarde, desenvolvem uma psiconeurose, e a paixão por um e o ódio pelo outro dos pais são elementos do acervo imutável do material de impulsos psíquicos formado naquela época e tão significativo para a sintomatologia da neurose posterior. Não creio, porém, que os psiconeuróticos se distingam tanto dos indivíduos que permaneceram normais a ponto de conseguirem criar algo absolutamente novo e exclusivo a eles. É muito mais provável, e isso é apoiado por observações ocasionais em crianças normais, que esses desejos afetuosos ou hostis em relação aos pais nos mostrem apenas de modo ampliado algo que ocorre com nitidez e intensidade menores na psique da maioria das crianças. Para apoiar essa descoberta, a Antiguidade nos deixou uma lenda cuja eficácia penetrante e universal só se torna compreensível se admitirmos uma universalidade semelhante da precondição da psicologia infantil acima discutida. Refiro-me à lenda de Édipo rei e ao drama homônimo de Sófocles (Freud, 1900/2019, p. 273).

Freud mantém a ideia que escreveu na sua carta a Fliess, mas desta vez, relaciona mais explicitamente o fenômeno edípico ao surgimento das neuroses. Ele diz que esse mesmo fenômeno ocorre em todas as crianças, porém, com intensidade e nitidez menores nas consideradas normais. Nas consideradas neuróticas, portanto, o fenômeno edípico é mais evidente e intenso. E essa ocorrência em todas as crianças é o que tornaria possível a compreensão do motivo da lenda do Édipo ter a eficácia penetrante e universal que tem. No trecho destacado, a seguir, Freud explica melhor a relação entre a universalidade do fenômeno edípico e o mito do Édipo:

Se o Édipo rei consegue abalar o ser humano moderno tanto quanto os gregos contemporâneos, isso só pode se dever ao fato de que o efeito da tragédia grega resulta não do contraste entre destino e vontade humana, mas da peculiaridade do material que serve para demonstrar esse contraste. Deve existir uma voz dentro de nós disposta a reconhecer o poder imperioso do destino em Édipo, mas que refuta como arbitrárias as providências em outras tragédias do destino como, por exemplo, *Die Ahnfrau* [A avó, de Grillparzer]. A história de Édipo rei realmente contém um elemento desse tipo. Seu destino nos comove apenas porque poderia ter sido também o nosso, porque o oráculo pronunciou a mesma maldição contra nós antes mesmo de nascermos. Todos éramos talvez predestinados a voltar nosso primeiro impulso sexual para a nossa mãe e nosso primeiro ódio e desejo violento contra o pai; nossos sonhos nos convencem disso. O Édipo rei, que matou seu pai, Laio, e se casou com sua mãe, Jocasta, é apenas a realização do desejo de nossa infância. Desde então, porém, contanto que não tenhamos nos tornados psiconeuróticos,

temos sido mais felizes em desprender nossos impulsos sexuais da nossa mãe e em esquecer nosso ciúme do nosso pai. Estremecidos, recuamos da pessoa na qual se realizou aquele desejo infantil primordial, e o fazemos com todo o peso da repressão que esses desejos têm sofrido desde então em nosso íntimo. O poeta, ao revelar a culpa de Édipo, nos obriga ao conhecimento de nosso próprio interior, no qual aqueles impulsos, mesmo que reprimidos, continuam a existir (Freud, 1900/2019, p. 275).

Portanto, Freud associa o efeito exercido pelo mito do Édipo à existência de impulsos edípicos reprimidos, justificando assim sua validade universal. Isso nos leva a questionar: por que Freud precisa encontrar um mito? Por que se utilizar dele para explicar a etiologia sexual da neurose de modo universal? Ora, essas são justamente as questões levantadas por Mezan (2006) ao tematizar algumas diferenças entre Freud e Jung. Segundo o autor, para Freud os mitos encontrariam seu fundamento último no complexo nuclear das neuroses, ou seja, no complexo de Édipo. Nesse sentido, eles seriam projeções de conteúdos inconscientes e serviriam como uma espécie de prova para as hipóteses de Freud. Daí sua importância e suposta universalidade. Em contrapartida, para Jung, os conteúdos psíquicos atuais encontrariam seu fundamento nos mitos, o que faz desses conteúdos subprodutos derivados de mitos e o que faz dos mitos a base do psiquismo. Dito de outro modo, são os mitos que explicam os conteúdos psíquicos, e não o inverso, como queria Freud. Fica claro que os dois autores acabam sustentando pontos de vista opostos no que tange à relação entre psiquismo e mitologia.

Dando prosseguimento ao nosso questionamento, com base no que foi dito até aqui, poderíamos ainda nos questionar por que razão Freud não chegou a discutir o complexo de Édipo de maneira mais direta em seus textos posteriores dedicados à sexualidade infantil.

Sobre esse assunto, Monzani (2014) apresenta algumas ideias que talvez nos ajudem a responder a questão. Segundo o autor, há uma defasagem entre a prática de Freud e sua teoria, de modo que, por vezes, seus conceitos tardam em absorver toda a riqueza da experiência. De acordo com Monzani (2014), isso ocorre — ao menos no que diz respeito à teoria freudiana do desenvolvimento psicosexual — ao fato de Freud privilegiar questões de natureza orgânica e hereditária, portanto internas ou constitucionais, deixando de lado fatores externos, como as relações humanas, diretamente associadas ao complexo de Édipo. O tema do Édipo só aparece para “explicar outra coisa, isso sim, o objeto específico do discurso, a escolha do objeto” (Monzani, 2014, p. 38). A ideia norteadora dos *Três Ensaio*s é a de que a sexualidade tem um desenvolvimento autônomo, próprio, que se submete aos estágios e pode ter fixações, estando sujeita a bloqueios, portanto. Apesar disso, muitos dos elementos necessários para

que o complexo de Édipo fosse empregado já se encontram na obra, como: a sexualidade infantil, o inconsciente, a escolha de objeto, o incesto, a repressão etc.

Em síntese, vimos que em *Três Ensaio*s, Freud já falou a respeito da barreira sexual do incesto e da possibilidade de os filhos elegerem seus pais como objeto de amor. Entretanto, não desenvolveu esta ideia e nem a nomeou como complexo de Édipo.

A seguir, será dada continuidade ao estudo da construção teórica de Freud a respeito do conceito de complexo de Édipo, com enfoque nos anos de 1906 a 1909.

1.2 1906 a 1909 - *Meus Pontos de Vista Sobre o Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses* (1906) e outros textos

Com o texto de 1906, *Meus Pontos de Vista Sobre o Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses*, Freud (1906/2016b) descreve a evolução de suas hipóteses a respeito da importância da sexualidade na etiologia das neuroses, apresentando suas justificativas para tal concepção e para as posições que foi assumindo ao longo do processo de construção da teoria. Este texto marca e reafirma a sexualidade como etiologia das neuroses, mostrando o quanto de espaço ela tem na teoria psicanalítica freudiana.

Nos textos subsequentes, nos quais o autor aborda a mesma temática, a reafirmação da teoria da sexualidade se manifesta. Ao mesmo tempo, são introduzidos elementos mais específicos que contribuem para a compreensão da ideia do complexo de Édipo. No entanto, vale ressaltar que o autor ainda não o cita enfaticamente.

No artigo *O Esclarecimento Sexual das Crianças*, escrito por Freud em 1907, o autor aborda a questão de fornecer ou não esclarecimento às crianças sobre a vida sexual. Desde o início do texto, ele defende a ideia de que é necessário esclarecer as crianças sobre esse assunto, baseando-se textualmente em afirmações feitas por ele mesmo nos *Três Ensaio*s. Freud destaca a existência da sexualidade nas crianças e como a vivência dessa dimensão pode desencadear sintomas patológicos.

Antes mesmo de atingirem a puberdade, as crianças já são capazes de perceber a relação entre sentimentos amorosos e sensações físicas de excitação sexual. Se não forem esclarecidas sobre essas sensações, ficam apenas privadas de uma compreensão intelectual desses fenômenos. Muitas vezes, ao não obterem respostas para suas perguntas inconscientes sobre sexualidade, podem se atormentar em segredo, desenvolvendo aversão à vida sexual.

Isso desempenha um papel na questão da repressão, pois cria-se um motivo para a repressão dos desejos sexuais.

O texto freudiano nos leva a refletir sobre a importância da questão sexual na vida e na atenção das crianças. No contexto do uso intelectual para a descoberta de respostas para os mistérios, observa-se a preocupação da criança em relação a ter outro irmãozinho, encarando-o como um rival e concorrente em seus esforços para receber afeto dos pais. Esse receio evidencia o papel ocupado pelo amor da criança pelos pais.

Em outro texto, *As Fantacias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade*, de 1908, Freud estabelece uma ligação entre as fantasias sexuais inconscientes e a formação dos sintomas histéricos. Ele argumenta que os sintomas são conversões de fantasias sexuais reprimidas, as quais permanecem no inconsciente e buscam satisfação por meio da manifestação sintomática.

As fantasias inconscientes, que foram reprimidas, têm um conteúdo idêntico ou alterado em relação às fantasias que proporcionaram prazer sexual durante a masturbação. Os atos masturbatórios funcionariam como uma realização parcial dessas fantasias. Caso essa satisfação não ocorra, ou haja um redirecionamento dessa libido para outra atividade, como a sublimação, a fantasia sexual pode se manifestar na forma de um sintoma patológico. Assim, as fantasias sexuais são consideradas precursoras de diversos sintomas histéricos.

Essa relação entre fantasias e sintomas é vinculada ao complexo de Édipo, pois Freud interpreta o desejo sexual da criança pela mãe como uma fantasia impossível de ser concretizada, devido à barreira do incesto. A satisfação desse desejo só poderia ocorrer através da masturbação durante a puberdade, quando essas fantasias retornam à mente do jovem, mas de maneira distorcida, com outros indivíduos assumindo os papéis fantasiosos.

Freud considera as fantasias como tentativas da psique de realizar um desejo latente. Portanto, aquelas envolvendo os pais representam esforços para concretizar os desejos que a criança nutre por seus cuidadores.

Em resumo, o texto contribui fornecendo elementos para explicar a questão da fantasia, essencial para compreender a ideia e a própria noção do complexo de Édipo, sendo considerado o complexo nuclear de toda a neurose. As fantasias relacionadas aos conteúdos edípicos são apontadas como precursoras dos sintomas histéricos, aprofundando nossa compreensão sobre a interconexão desses conceitos.

No texto *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças*, também de 1908, Freud faz uma referência tímida ao “complexo nuclear da neurose”, mais tarde identificado como complexo

de Édipo. Ele alude a um conflito psíquico vivenciado pela criança devido à sua curiosidade sexual e às respostas que dela decorrem.

Concomitantemente, ainda em 1908, Freud escreve uma carta a Jung, datada de 11 de dezembro, na qual declara estar “tão obcecado pela ideia de um complexo nuclear nas neuroses, tal como ocorre no âmago do caso do Pequeno Herbert, que já não posso fazer nenhum progresso” (McGuire, 1976, p. 235). O mencionado “Pequeno Herbert” é o nome real do menino do caso do Pequeno Hans.

Ao analisarmos o conteúdo dessa carta de Freud, identificamos mais uma evidência de seu conhecimento acerca da existência do “complexo nuclear da neurose”. A referência ao caso do Pequeno Hans sugere ser esse complexo o próprio complexo de Édipo, pois Freud interpreta o caso à luz do conflito edípico. Pode-se questionar, com base na afirmação de Freud na carta, se essa obsessão do autor não estaria relacionada ao seu desejo de universalizar a psicanálise, tornando-a mais científica. Poderia representar uma tentativa de aprimorar esse conceito e buscar mais dados para fundamentar sua universalização.

O caso do Pequeno Hans foi publicado em 1909 sob o título *Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos*. A análise feita por Freud se deu através das anotações do pai da criança, que era estudioso de psicanálise e, portanto, sem contato direto com o menino. Hans sofria de uma fobia por cavalos e tinha medo de que um cavalo o mordesse quando saísse para a rua. Além disso, ele se interessava muito pela genitália masculina, a que chamava de “faz-pipi” e tinha uma teoria de que os seres animados se diferenciavam dos inanimados pela presença do “faz-pipi”. Possuía interesse em olhar o pênis de outros animais e adultos, bem pela manipulação do seu próprio. Certa vez, foi pego mexendo em seu pênis, por sua mãe, que o ameaçou de castração. Em sua fobia, ele pareceu reprimir esses dois desejos, o de olhar e o de se manipular.

O menino também apresentava um desejo de dormir na cama com a mãe. Mezan (2011), analisando e sintetizando esta mesma obra, acredita que este fato deve ser entendido de maneira literal e não metafórica. O menino sente desejo do contato do corpo da mãe na cama, como quando era levado para adormecer com seus pais. Este desejo surgiu durante as férias de verão, quando o pai viajava, o que tornava possível sua realização. Com o retorno do pai a Viena, este já não podia ir embora, então, o desejo passou a ser pela morte do pai¹¹. A angústia gerada pelo conflito entre o afeto pelo pai e o desejo de que morresse, está na raiz de

¹¹ Freud realiza a primeira menção aos impulsos hostis contra os pais, ideia relacionada diretamente ao complexo de Édipo, no rascunho N anexado à carta para Fliess datada de 31 de maio de 1907 (conferir *A Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*).

sua fobia por cavalos. O cavalo é um substituto do pai: é grande como ele, tem um grande “faz-pipi” que atrai a atenção do menino e, em seus sonhos, os cavalos possuem bigode e óculos como o pai.

Nas brincadeiras infantis, onde ele trabalha com a fantasia de ter filhos, o desejo de morte em relação ao pai é substituído pelo desejo de conferir a ele o mesmo destino que deseja para si mesmo: o de casar-se com sua mãe. O menino encena o casamento de seu pai com sua mãe, que, por sua vez, equivale a casá-lo com a avó do menino. Esse cenário deixa o caminho livre para o menino casar-se com sua mãe, representando o destino feliz ao qual Freud faz referência. Dessa forma, Freud associa o comportamento do menino em relação aos pais à narrativa do personagem mitológico Édipo: “Tudo termina bem. O pequeno Édipo encontrou uma solução mais feliz do que a prescrita pelo destino. Em vez de eliminar seu pai, concede-lhe a mesma felicidade que busca para si; torna-o seu avô e o casa também com a própria mãe” (Freud, 1909/2015, p. 155).

A análise desta obra nos permite auferir que Freud já possuía grande convicção do papel da dinâmica edípica na psique infantil, mas não podemos afirmar que Freud tinha noção do papel organizador do Édipo para a psique humana, pois, essas afirmações ainda não tinham sido feitas até então. De qualquer forma, acreditamos que o caso do Pequeno Hans se mostrou de muita importância para a concretização da teoria edípica.

Por fim, o último texto deste período a que nos propomos analisar é o artigo datado de 1909, *O Romance Familiar dos Neuróticos*. Ele inicia com a afirmação de que o desprendimento da autoridade dos pais é uma das mais necessárias e dolorosas realizações da criança. Aquele que o fez, torna-se um indivíduo normal e aquele que não pôde fazê-lo, torna-se um neurótico. No decorrer de seu desenvolvimento intelectual, a criança entra em contato com outros pais e percebe que alguns podem ser considerados melhores do que os seus próprios, dando início a uma avaliação crítica. Diversos fatores contribuem para esse processo, incluindo os impulsos de rivalidade sexual e outros elementos que influenciam a percepção da criança em relação aos seus pais.

A base desse fenômeno se dá no sentimento infantil de ser preterido pelos pais. A criança tem a sensação de que seus afetos por eles não são correspondidos. É nesse ponto que Freud insere o complexo de Édipo, de maneira indireta, ao comentar sobre o amor infantil direcionado aos pais. Freud também aborda os desejos hostis do filho pelo pai¹² e o desejo de querer se livrar dele mais do que da mãe. A fantasia da filha pode ser bem menos intensa

¹² Na obra *O Homem dos Ratos*, publicada no mesmo ano de 1909, Freud também fez alusão, com maior profundidade, à rivalidade do filho com seu pai na busca pelo amor materno.

nesse ponto. Em determinado trecho, Freud faz uma referência aos mitos: “Em tais impulsos psíquicos infantis conscientemente lembrados encontramos o fator que nos possibilita compreender os mitos” (Freud, 1909/2015, p. 295-296). Aparentemente, os impulsos nos quais Freud se refere são os de hostilidade com relação aos pais, mas não dá mais detalhes sobre isso.

O estágio seguinte desse afastamento dos pais pode ser designado como o romance familiar do neurótico. É da natureza do neurótico a realização de uma atividade imaginativa, conhecida como devaneio, que prossegue muito além da puberdade. Esses devaneios servem à realização de desejos eróticos. Na infância, como forma de expressão desses desejos, a criança substitui em suas fantasias os pais reais por outros, geralmente de posição social melhor.

Ao entrar em contato com o conhecimento das diferentes funções sexuais entre pai e mãe, a criança põe a mãe, que é seu objeto de curiosidade sexual, fantasiosamente em situações de infidelidade amorosa, adaptando as antigas fantasias assexuais ao conhecimento adquirido até então.

Ao se referir a essas invenções, Freud afirma que elas, “aparentemente tão hostis (...), conservam, sob ligeiro disfarce, a afeição original da criança por seus pais” (Freud, 1909/2015, p. 297). Esses são os muitos casos em que o romance familiar é guiado.

Um ponto interessante de destacar nesse texto é a referência que Freud faz à figura do herói: “Uma variante interessante desse romance familiar ocorre quando o herói fantasiador reclama para si a legitimidade, enquanto afasta como ilegítimos seus irmãos e irmãs.” (Freud, 1909/2015, p. 297)¹³. Nesse trecho, Freud chama a criança de herói, mesmo ainda não tendo realizado a denominação de “complexo de Édipo” (sabe-se que o Édipo é um herói mitológico) e, portanto, sem mencionar, explicitamente, o Édipo. Isso nos permite corroborar mais uma vez a afirmação de Monzani (2014), de que Freud já sabia da presença do Édipo no desenvolvimento psicosssexual da criança. O pai da psicanálise vai, aos poucos, encontrando espaço e introduzindo o Édipo em sua teoria.

¹³ Lembramos que o texto de Freud foi inicialmente publicado como uma espécie de seção da obra de Otto Rank, *O mito do nascimento do herói*. A passagem se encontra entre as páginas 64-68 de Rank, O. (1909). *Der Mythos von der Geburt des Helden: Versuch einer psychologischen Mythenforschung*. Leipzig/Wien: Franz Deuticke.

1.3 1910 – *Cinco Lições de Psicanálise e Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelo Homem*

A obra *Cinco Lições sobre Psicanálise*, também possui conteúdo interessante para a proposta do capítulo. Foi publicada em 1910 e é uma versão de várias conferências proferidas por Freud em setembro de 1909 na Clark University, Estados Unidos. Juntamente com Freud, Jung também profere algumas palestras nesta mesma ocasião.

A quarta conferência é a mais importante por apresentar alguns pontos novos. A terceira possui menor importância para os nossos propósitos; mesmo assim, merece ser citada.

Em relação à terceira conferência, vale destacar que Freud, mais uma vez, faz alusão ao termo “complexo”, afirmando ser “pertinente, acompanhando a escola de Zurique (Bleuler, Jung e outros), denominar ‘complexo’ um grupo de elementos ideativos relacionados e investidos de afeto” (Freud, 1910/2013a, p. 189). Freud diz ser possível chegar a um complexo reprimido partindo das recordações do paciente, desde que ele ofereça um número suficiente de pensamentos espontâneos. Assim, deixa o paciente falar o que quiser, espontaneamente, tendo em mente que tudo o que disser estará, de alguma forma, relacionado ao complexo buscado.

A interpretação dos sonhos, tema principal dessa conferência, é considerada por Freud a “via régia para o conhecimento do inconsciente” (Freud, 1910/2013a, p. 191). Freud faz uma alusão a temas típicos presentes em sonhos:

Também desejo lhes assinalar que pela análise dos sonhos pudemos notar que o inconsciente se utiliza — especialmente para a representação de complexos sexuais — de um simbolismo determinado, que em parte varia individualmente, mas também é fixado em formas típicas, e que parece coincidir com o simbolismo que conjecturamos haver em nossos mitos e fábulas. É possível que tais criações dos povos venham a ser esclarecidas através dos sonhos (Freud, 1910/2013a, p. 195).

Nesse ponto, Freud está em aparente concordância com Jung. Os dois se correspondiam nessa época, como veremos no capítulo seguinte, e Jung já havia comunicado ao seu interlocutor algumas de suas descobertas relacionadas ao teor típico das fantasias inconscientes. Esses ditos “temas típicos” serão utilizados por Jung, anos mais tarde, para se referir ao inconsciente coletivo. Trata-se aqui, dos arquétipos. Nessa época, ele ainda não havia formulado tal conceito e denominação, mas sua ideia essencial se fará presente em *Transformações*, conforme será visto no terceiro capítulo.

Em seguida, Freud realiza uma explicação acerca dos atos falhos, usando reiteradamente o termo complexo, ao dizer, por exemplo, que os atos falhos podem se originar dos “mesmos complexos e desejos reprimidos que já conhecemos como criadores dos sintomas e formadores dos sonhos” (Freud, 1910/2013a, p. 196). Freud parecia estar aderindo bem às denominações de Jung e do grupo psicanalítico de Zurique.

A quarta conferência é a mais importante para o presente estudo, pois será nela que Freud falará a respeito da sexualidade infantil, afirmando a hipótese de que o desejo que a criança tem pelos pais corresponde ao complexo nuclear de toda a neurose. Isso nos mostra que Freud já concluiu que o desejo incestuoso pode levar ao desencadeamento de uma neurose, indicando, portanto, que a totalidade do conceito do complexo de Édipo já parece estar formulada, só faltando espaço na teoria para sua inserção de maneira formal.

Nessa conferência, Freud afirma que o trabalho de análise para a cura completa de um caso não se limita às vivências da época em que a pessoa adoeceu, mas remonta sempre à puberdade e à primeira infância. É somente ali que se depara com os acontecimentos e impressões que foram determinantes para o adoecimento posterior. Apenas essas vivências da infância explicam a suscetibilidade a traumas posteriores e, apenas adquirindo a consciência desses traços mnemônicos é que se adquire, também, a capacidade para eliminar os sintomas. O resultado até aqui é que os desejos reprimidos da infância emprestam sua força à formação dos sintomas, força sem a qual a reação aos traumas seguintes seguiria um caminho normal. Esses desejos infantis poderiam ser designados, de maneira geral, de sexuais.

Freud aborda, então, a escolha primitiva de objeto da criança, derivada de sua necessidade de amparo, retomando o que havia dito em *Três Ensaio*s e acrescentando que ela tende a tomar um dos pais como objeto de seus desejos eróticos. A afeição dos pais, por um lado, possui características de uma atividade sexual que se manifesta, de certa maneira, na preferência deles pela criança do sexo oposto. O pai prefere a filha e a mãe o filho. A criança, sendo menina, reage a isso desejando estar no lugar da mãe, e, no caso de ser um menino, no lugar do pai. Por essa razão, os sentimentos despertados nessas relações são também hostis. O complexo formado é reprimido, continuando a ter um efeito persistente e grande por meio do inconsciente. Com isso, Freud formula a hipótese de que esse é o complexo nuclear de toda a neurose e o relaciona ao mito do rei Édipo:

Os sentimentos despertados nessas relações entre pais e filhos e nas dos irmãos entre si, que são apoiadas naquelas, são de natureza não só positiva, afetuosa, mas também negativa, hostil. O complexo assim formado é logo reprimido, mas continua a ter um efeito grande e persistente a partir do inconsciente. É lícito formular a hipótese de que ele representa, com suas ramificações, o *complexo nuclear* de toda e

qualquer neurose, e não nos surpreenderá encontrá-lo, igualmente atuante, em outros âmbitos da vida psíquica. O mito do rei Édipo, que mata seu pai e toma por esposa a mãe, constitui uma revelação ainda pouco modificada desse desejo infantil, que depois é rechaçado pela barreira do incesto (Freud, 1910/2013a, p. 207, grifos do autor).

De acordo com Freud, é normal e inevitável que a criança tome os pais como objeto de sua primeira escolha amorosa. Entretanto, sua libido não deve permanecer fixada neles; ela deve passar para outras pessoas na época da escolha definitiva do objeto. O desligamento da criança para com os pais passa a ser uma tarefa necessária para que ela não tenha prejuízos em suas relações sociais. Assim, Freud finaliza a quarta conferência.

Nessa obra, em especial na quarta conferência, Freud faz um resumo de suas conclusões até o momento, possibilitando compreender melhor o lugar da sexualidade e do incesto em sua teoria. Neste momento, Freud já atribuía ao desejo incestuoso o lugar de complexo nuclear de toda a neurose, faltando pouco para denominá-lo publicamente de complexo de Édipo.

Finalmente, em 1910, Freud publica o artigo *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelo Homem*. Nele, explora a temática do amor masculino, estabelecendo condições específicas que o objeto de amor deveria atender para que o amor masculino pudesse se manifestar. Além disso, Freud descreve algumas atitudes que o amante deveria ter em relação a esse objeto.

Freud relaciona alguns traços como a necessidade de ciúme, a fidelidade, o propósito de salvamento, dentre outras, com a origem psíquica da vida amorosa do indivíduo, ou seja, esses traços derivam da fixação infantil de sentimentos ternos pela mãe, seu primeiro objeto de desejo. A principal hipótese que Freud pretende avançar nesse texto é a de que a escolha de um objeto amoroso na vida masculina adulta é um substituto de seu objeto amoroso na infância, neste caso, a mãe. O sentimento de amor depositado em uma mulher mais velha seria, de acordo com o autor, um exemplo desse tipo de substituição.

A primeira menção ao complexo de Édipo se dá no contexto da seguinte passagem:

Ele [menino] começa a desejar a mãe, no sentido então descoberto [o sexual], e a novamente odiar o pai, como o rival que põe obstáculos a esse desejo; ele cai, segundo costumamos dizer, sob o domínio do complexo de Édipo. Não perdoa isto à mãe, e vê como uma infidelidade que ela tenha concedido ao pai, e não a ele, o favor do intercurso sexual (Freud, 1910/2013b, p.266).

Percebe-se, então, que dentro dessa concepção, o filho começa a desejar a mãe e a enxergar o pai como um rival, um obstáculo que se opõe à realização deste desejo. Vê como

traição da mãe a permissibilidade sexual que ela tem com o pai e não com ele. Freud segue afirmando que, quando esse desejo não passa rapidamente, se torna fantasia de atividade sexual com a mãe, levando-o a buscar alívio na masturbação (conforme já explicado no texto *As Fantacias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade*). Nessas fantasias, ele projeta sua figura mais amadurecida em uma pessoa mais velha, com a qual vê sua mãe fazendo sexo. Freud faz uma distinção em relação à ideia de romance familiar introduzida em seu texto de 1909, *O Romance Familiar do Neurótico*, afirmando que tal romance “abrange as múltiplas ramificações dessa atividade da fantasia e o seu entrelaçamento com variados interesses egoístas desse período de vida” (Freud, 1910/2013b, p. 266).

Na puberdade, haverá uma fixação dessas fantasias que, em um segundo momento, buscarão saída para a vida real. Dentre essas fantasias, está a de salvar a mulher amada¹⁴. Tal fantasia é proveniente da relação da amada com a infidelidade e a inconstância, gerando um sentimento de proteção para com ela, no garoto.

O filho sente-se em dívida para com os pais e quer retribuir isto devolvendo a eles o que lhe foi dado. Nisso, impulsos de independência e de grandeza afloram no filho, para que o pagamento da dívida seja possível. No caso da fantasia de salvamento com o pai, ela provém do desejo do filho de lhe devolver o que sua criação lhe custou. Tal fantasia é frequentemente deslocada para algum grão-senhor, rei ou imperador. Prevalece, nesse caso, o sentido desafiador.

No caso da fantasia com a mãe, o filho deseja retribuir o fato da mãe ter-lhe dado a dádiva da vida. Para isso, ele compreende inconscientemente que o melhor modo de dar essa retribuição é fazendo a mãe engravidar de uma criança que seja igual a ele, tornando-se seu próprio pai. Desse modo, ela receberia outra vida em troca. Seus impulsos de gratidão, ternura, independência e desafio são satisfeitos a partir do desejo de ser seu próprio pai. Há também nessa fantasia a questão do perigo, pela mãe tê-lo salvo do ato de nascer, pois o nascimento é o primeiro dos muitos perigos da vida. A fantasia de salvação do pai também tem um sentido carinhoso e quer expressar o desejo do menino de ser pai de alguém como seu próprio pai.

Freud apresenta com este texto alguns desdobramentos, na vida adulta, dos efeitos do complexo de Édipo na psique e na vida dos homens. Ao postular que a escolha pelo objeto amoroso da vida adulta masculina é uma substituição para a primeira escolha de objeto do

¹⁴ Tal informação pode parecer sem sentido ao leitor neste momento, mas é importante que seja inserida no texto, pois Jung terá uma visão diferente a respeito da fantasia de salvamento da mulher amada na puberdade. Essa discordância será explicitada no próximo capítulo.

menino, no caso, a mãe, ele expõe a ideia de que o fenômeno edípico possui alguma função de organização e determinação na psique masculina. Dito de outra maneira, o que Freud quer dizer no texto é que o Édipo “é o determinante na escolha de objeto tanto dos sujeitos normais quanto dos neuróticos” (Estevão, 2017, p. 53).

Com este texto é possível compreender por que o complexo de Édipo foi tido como o aglutinador dos conceitos mais importantes da psicanálise na época: nele encontramos a fantasia, onde se localiza o desejo, a libido, que está relacionada intrinsecamente à noção de sexualidade, o incesto e, obviamente, o inconsciente.

1.4 Síntese

Ao longo deste capítulo, torna-se evidente que a sexualidade ocupa um espaço significativo na teoria freudiana. Freud a considera como a base dos distúrbios neuróticos. Observamos que a dimensão sexual se integra à sua teoria por meio das noções de incesto e, posteriormente, do complexo de Édipo. Nesse estágio do pensamento freudiano, a narrativa de Édipo estava intrinsecamente associada à etiologia das neuroses, sendo considerada um evento universal.

Assim, o complexo de Édipo é concebido como uma fase pela qual todo homem deve passar durante a infância. Nesse período, a mãe é eleita como objeto sexual, dando origem a fantasias relacionadas à satisfação de desejos que emergem dessa relação. No entanto, pela impossibilidade de satisfazer esses desejos devido à barreira do incesto, essas fantasias tornam-se inconscientes, ressurgindo apenas na puberdade, quando ocorre a necessidade de transferir essa escolha objetal para alguém fora do âmbito familiar.

Esse processo pode resultar em conflitos e angústias para o indivíduo. Uma possível resolução desse conflito é a formação de sintomas neuróticos. Esses sintomas procuram atender às duas exigências conflitantes: satisfazer o amor pela mãe e, ao mesmo tempo, agir de acordo com a barreira que proíbe o incesto.

No próximo capítulo, analisaremos as relações entre Freud e Jung para uma compreensão mais profunda de como as divergências em seus pensamentos culminaram no término dessa colaboração. Exploraremos como isso está intrinsecamente vinculado, entre outras coisas, às discrepâncias teóricas discutidas anteriormente. Apresentaremos, também, um breve resumo da história de vida de Jung e algumas de suas influências epistemológicas que deram contornos específicos às suas ideias, favorecendo assim as divergências para com Freud.

2 A VIDA E OBRA DE JUNG ATÉ *TRANSFORMAÇÕES*

Este capítulo tem como objetivo apresentar a vida de Jung, sua origem, interesses e campo de trabalho para que possamos compreender melhor como foi que ele chegou à escrita e publicação de *Transformações*.

O impacto causado em Freud por *Transformações* é resultado de uma história que começa em 1906, quando Jung envia a Freud um exemplar de *Estudos Diagnósticos de Associação*. Ambos se encontram pela primeira vez em três de março de 1907. Mas, antes disso, Jung já era leitor de Freud, pois discute suas ideias em *Sobre a Psicologia e Patologia dos Fenômenos Chamados Ocultos* (1902), na obra enviada a Freud e em *A Psicologia da Demência Precoce*, publicada em 1907.

Jung nasceu no ano de 1875, na cidade de Kesswil, na Suíça. Seu pai era um pastor protestante e sua mãe era ligada à espiritualidade por influência da família, possuindo conexões com o oculto e o sobrenatural. Diversas sessões espíritas foram realizadas na casa de uma sobrinha, tida como capaz de incorporar espíritos, tendo a família de Jung como participante. Na infância, Jung sempre esteve próximo do tema da espiritualidade e do oculto e isso contribuiu para que, na vida adulta, seus interesses profissionais também se voltassem para o estudo desses temas. A vida estudantil foi marcada por situações em que sofria *bullying*, o que fez com que gostasse cada vez menos de ir à escola e se tornasse cada vez mais introspectivo. Suas vivências dessa época contribuíram para que ele se embrenhasse na biblioteca de seu pai e conhecesse alguns dos autores e filósofos que foram importantes para a construção de sua teoria como um todo, bem como, para *Transformações*.

Para compreender melhor o caminho que Jung percorreu e o olhar que desenvolveu para os fenômenos, se faz necessária uma contextualização breve de sua trajetória epistemológica, destacando alguns dos teóricos que o influenciaram até a escrita de *Transformações*.

2.1 Breve epistemologia junguiana

Dentre as muitas referências com as quais Jung entrou em contato, algumas das mais importantes para se compreender *Transformações* foram Goethe, Schopenhauer, Carus e von Hartmann.

Sobre a obra de Schopenhauer (1788-1860), o contato se deu na juventude. Não se sabe com qual idade, exatamente, Jung o leu, mas é possível estimar, por meio de sua biografia *Memórias, Sonhos, Reflexões*, que foi entre seus 16 e 19 anos. O conceito de “vontade” de Schopenhauer influenciou a elaboração da noção de libido de Jung¹⁵. Schopenhauer descreve a “vontade” como constituinte da natureza mais essencial humana, dos animais e de toda a existência (Shamdasani, 2011). É uma força cega, sem propósito e amoral que impele o mundo (Clarke, 1993). Schopenhauer permitiu que Jung voltasse sua atenção ao papel do irracional na psicologia humana, da vontade, da repressão e do poder selvagem dos instintos. Esses conceitos se somam à importância que Jung concedia às imagens, ao inconsciente e aos sonhos.

Carl Gustav Carus (1789-1869) e Karl Robert Eduard von Hartmann (1842-1906), respectivamente, médico e filósofo, influenciaram Jung em sua representação do inconsciente, pois ambos pensaram a respeito de sua estrutura. Tiveram como obras mais importantes *Psique: sobre a história do desenvolvimento da alma* e *A Filosofia do inconsciente*, respectivamente. Jung conheceu essas obras na mesma época em que leu Schopenhauer. Eram contemporâneos a Freud e o próprio Jung lembrou que já se falava do inconsciente muito antes de Freud (Shamdasani, 2011).

O pensamento de Carus a respeito do inconsciente era o de que este consistia na base essencial da alma humana, o que interessou enormemente a Jung (Shamdasani, 2011). Carus acreditava que havia a presença no inconsciente de funções criativas, autônomas e curativas, além de compreender a psique como um processo dinâmico compensatório entre o inconsciente e o consciente. Além disso, também elaborou um modelo de inconsciente dividido em absoluto geral, absoluto parcial e relativo, o qual influenciou Jung em seu conceito de inconsciente coletivo e pessoal (Young-Eisendrath; Dawson, 2002).

Von Hartmann, filósofo alemão, foi influenciado por Carus em suas ideias a respeito do inconsciente. Escreveu *A Filosofia do Inconsciente*, onde tentou reconciliar o idealismo alemão com as ciências naturais por meio do conceito de inconsciente. Realizou uma reformulação do conceito de vontade de Schopenhauer na perspectiva do inconsciente, afirmando que este não possuía uma autoconsciência, sendo, portanto, uma vontade inconsciente. Considerava, também, o consciente como proveniente do inconsciente. Acreditava numa iniciativa teleológica psíquica inata, que levava ao surgimento do

¹⁵ Schopenhauer, Arthur. **O Mundo como vontade e representação**. 1819.

inconsciente e dirigia a psique a um estado mais elevado de consciência, que para ele significava um retorno ao estado original, anterior a seu início (Shamdasani, 2011).

Acreditava que os instintos eram provenientes do inconsciente e que tinham como propósito a preservação da espécie e do indivíduo. Para ele, havia uma pluralidade de instintos, como os sexuais, sociais e de aquisição. Considerava que as ações inconscientes tinham um propósito, embora a pessoa não tivesse consciência desse propósito. O inconsciente nunca errava e era atemporal e a-espacial. A realização de algumas atividades, por exemplo, dependia do que chamava de invasão do inconsciente na consciência, como o misticismo e as artes. A noção de inconsciente coletivo e transindividual também estava presente em suas ideias, pois o considerava idêntico em toda a parte, formando o substrato de todas as consciências individuais (Shamdasani, 2011).

Goethe (1749-1832), filósofo alemão, por sua vez, influenciou Jung na maneira de encarar os fenômenos. Pregava a união da observação empírica com a intuição espiritual. Para ele, somente com a interação entre esses dois aspectos é que se poderia chegar à essência da natureza, em que o universal se revelaria no particular e novamente unido a ele. O ser humano não poderia compreender a natureza através de uma análise fria, separando-se dela. Acreditava que a natureza permeava tudo, inclusive a cognição e o espírito humano. Dessa forma, a natureza não existiria como algo independente do ser humano, mas se revelaria em seu ato cognitivo. O ser humano seria um órgão para a auto-revelação da natureza, produzindo sua própria ordem através dele (Tarnas, 2000).

Além das influências que situamos nessa contextualização epistemológica, cabe ressaltar um fato que também influenciará Jung a trilhar um caminho teórico diferente do de Freud. Trata-se do trabalho no hospital Burghölzli de 1900 a 1909, onde dedicou-se a pacientes esquizofrênicos, enquanto Freud teve como referência os pacientes neuróticos provenientes de sua clínica particular, em sua maioria, mulheres histéricas.

2.2 A Vida antes de Freud

Na mesma época em que se iniciou na vasta leitura dos autores acima citados, questões com a religião começaram a aparecer, colocando-o em dúvida a respeito dos desígnios de Deus sobre si mesmo e sobre a própria fé e religião. Jung ansiava por respostas e, uma vez, ao tentar entrar numa discussão com seu pai para obtê-las, este respondeu para deixar estas questões de lado, o que foi um grande desapontamento para Jung, que passou a

ver que o pai possuía uma fé cega nas Escrituras. As diferenças religiosas marcaram o início do pior período de discussões dentro de sua casa (Bair, 2006).

Outro fator de desconforto na vida familiar de Jung, era o fato de seus pais não terem um casamento feliz. Para fugir desse clima, Jung se refugiava no escritório do pai, onde estavam seus livros (Bair, 2006).

Após terminar a escola, entrou na fase de decidir o seu futuro. Em sua autobiografia, *Memórias, Sonhos, Reflexões*, diz ter escolhido a medicina pela perspectiva de poder ser cientista e não pela atuação em si com os pacientes. Jung entrou na faculdade de medicina na Universidade de Basel em 1895 e formou-se em 1900 (Jung, 1961/2016).

Quanto à escolha pela psiquiatria, dois eventos “inexplicáveis” ocorridos em sua casa o influenciaram na decisão. O primeiro ocorreu numa tarde em que estudava em seu quarto e ouviu um som parecido com um tiro vindo da sala de jantar. Ao sair para ver, percebeu que a mesa de jantar de nogueira, de 70 anos de idade, quebrou do centro até a beirada, sem nenhum motivo e condições aparentes para o ocorrido (Bair, 2006).

O segundo evento ocorreu semanas mais tarde, quando entrou na cozinha e viu sua mãe e irmã visivelmente desconcertadas. Houve outro barulho, dessa vez, vindo do aparador. Ao abrir o armário lateral, Jung viu a faca de cortar pão quebrada em diversos lugares. Esse evento ocorreu sem motivos e condições aparentes, pois ninguém tocou na faca e ela não se quebraria dessa forma de maneira natural. Jung guardou esta faca despedaçada pelo resto de sua vida (Bair, 2006).

Após esses eventos, encontrou por acaso, na biblioteca do pai de um amigo, um livro que tratava de fenômenos do espiritualismo. Jung atribuiu a este livro o lugar de ter tirado muitas de suas dúvidas sobre o poder da mente. A leitura o levou a muitos outros livros que relatavam sobre fenômenos inexplicáveis. Foram os primeiros relatos que encontrou sobre “fenômenos psíquicos objetivos” (Bair, 2006, p. 68).

Jung insistia, junto a seus colegas de universidade, no fato de que havia espaço na ciência para a consideração destes fenômenos e incorporava a descoberta de autores espiritualistas em seus argumentos. Foi devido ao seu interesse pelo espiritualismo e pela teoria religiosa que escolheu a especialidade da psiquiatria, em 1898, para seguir sua carreira profissional.

Ao escolher o tema para sua dissertação, o que lhe valeria o título de doutor, optou por escrever sobre os fenômenos chamados de ocultos. Tomou como objeto de estudo sua prima, Hélène Preiswerk e sua conhecida capacidade de incorporar espíritos. Aproveitou as sessões de espiritismo que já frequentava na família para colher seus dados. O objetivo era mostrar

que os poderes psíquicos têm sua origem em estados alterados da mente e não possuem relação com o sobrenatural (Bair, 2006).

Shamdasani (2011) aponta que Jung, já na dissertação, expressou discordâncias com Freud no que dizia respeito aos sonhos. Ele não via a ação de uma “censura”¹⁶ sobre o conteúdo inconsciente, como postulava Freud. O conteúdo dos sonhos seria mostrado à consciência “com simbolismos mais ou menos transparentes, coisas que a pessoa nunca admitiu a seu próprio respeito, tão clara e abertamente” (Jung, 1902/2013, §97). Outro ponto correspondia ao desejo realizado no sonho:

Mas sua teoria da reencarnação, na qual aparece como a mãe ancestral de incontáveis milênios, brota, em sua ingênua nudez, de uma fantasia exuberante, o que é bem característico da época da puberdade. É o sentimento sexual apreensivo da mulher, o sonho da fecundidade, que criou aquelas ideias monstruosas na paciente (Jung, 1902/2013, §120).

Os desejos sexuais realizados no sonho, a qual Jung faz referência e afirma serem a causa daquele sonho da jovem, não provém de seus desejos infantis, mas de sua fase de vida, a adolescência (Shamdasani, 2011). A respeito desse período da obra de Jung, Bair (2006) destaca dois pontos de concordância com a teoria freudiana: a) questiona se a divisão da personalidade de um médium durante uma sessão espírita não representaria “um paralelo aos resultados da pesquisa de Freud sobre os sonhos” (Jung, 1902/2013, §97), fazendo uma referência a conteúdos reprimidos da consciência. A divisão da personalidade seria dada por uma parte consciente e outra reprimida; b) a outra ideia é sobre os pensamentos reprimidos poderem gerar “personalidades automáticas” (1902/2013, §132), como no caso de Ivenes, uma das entidades canalizadas pela pessoa espírita observada na pesquisa. Neste trecho, Jung novamente cita os resultados das pesquisas sobre sonhos realizadas por Freud: “Este comportamento nos lembra as pesquisas de Freud sobre os sonhos que põem a descoberto a vegetação autônoma dos pensamentos reprimidos” (1902/2013, §133). Essas são as poucas referências a Freud encontradas na dissertação. Jung afirmou não ter dado muita atenção e nem compreendido muito bem *A Interpretação dos Sonhos* em seu primeiro contato com a obra (Jung, 1961/2016).

Em 1900, Jung se formou na faculdade de medicina e ingressou no Hospital de Zurique, o Burghölzli (Shamdasani, 2011). Além de ter contato com pacientes histéricos,

¹⁶ Freud chama de censura a ação da defesa da consciência sobre o conteúdo inconsciente latente do sonho, que representa um desejo reprimido. Para que esse desejo não seja revelado diretamente à consciência, que o considera indigno de reconhecimento, durante o sono, há a ação da censura sobre ele, dissimulando-o e tornando-o suportável para a consciência (Freud, 1900/2019).

tratava de esquizofrênicos (ou dementes precoces, como chamados na época), doentes que Freud não atendia. Tal fato terá sua importância na elaboração teórica de ambos, pois trata-se de dinâmicas de funcionamento diferentes.

No hospital, em 1902, Jung, juntamente com Riklin¹⁷, iniciou sua famosa e importante pesquisa com os testes de associações, uma continuação aperfeiçoada de outra já em andamento de Riklin, sobre associação de palavras. Para a coleta dos dados, foi selecionada uma quantidade de indivíduos e uma lista de palavras que estimulariam determinadas reações ou não. As palavras eram lidas aos sujeitos, individualmente, e pedido que respondessem com a primeira palavra que lhes viesse à mente. Caso os sujeitos hesitassem em suas respostas, significava que a palavra havia tocado em informações pessoais penosas (Bair, 2006), despertando, dessa forma, o que Riklin e Jung chamaram de *complexos com carga emocional*, referidos por eles como “a totalidade de ideias que se referem a um determinado evento com carga emocional” (Jung, 1904/2012, p. 86). Jung, então, media o tempo de reação dos sujeitos e, de acordo com esse tempo, identificava ou não o despertar de um complexo (Jung, 1904/2012).

Jung buscava “desenvolver um método clínico-experimental, que denominou de psicologia experimental” (Shamdasani, 2011, p. 49). A grande impressão positiva que isso causou no mundo científico com a possibilidade de se poder adotar alguns procedimentos laboratoriais na condução da psicologia, uma maneira de aplicar uma psicologia científica, contribuiu para que Jung obtivesse popularidade no cenário internacional, principalmente na América (Shamdasani, 2011). Porém, não somente na América, pois foi com o texto produzido com os resultados desse experimento que Jung iniciou sua correspondência com Freud e ganhou o seu lugar, mesmo que temporário, no círculo psicanalítico.

2.3 A Relação com Freud

Em 1903, Jung retomou a leitura de *A Interpretação dos Sonhos*, levando-o mais a sério dessa vez (Bair, 2006). Inclusive, percebeu que algumas dessas ideias poderiam lhe ajudar em seu trabalho.

¹⁷ Franz Riklin (1878-1938), psiquiatra suíço e médico assistente no Burghölzli. Foi colaborador de Jung nos experimentos de associações. Quando Jung foi eleito presidente da Associação Internacional de Psicanálise, nomeou Riklin como seu secretário. Em *Memórias, Sonhos, Reflexões*, Jung (1961/2016) expõe que Riklin foi um dos que ficaram a seu lado após a publicação de *Transformações* e rompimento com Freud e com o círculo psicanalítico.

Em 1905, Jung se baseou no texto de Freud, *Fragmento de uma Análise de Caso de Histeria*, para escrever seu ensaio *Psicanálise e o Experimento de Associações*, relatando o tratamento de uma mulher com neurose obsessiva, em que utilizou o teste de associação de palavras e diversas sessões de psicanálise. O resultado positivo do tratamento contribuiu para a decisão de Jung de enviar a Freud um exemplar de seu livro *Estudos de Diagnósticos de Associação*, com resultados de suas pesquisas no Burghölzli, em 1906 (Bair, 2006).

Freud respondeu com uma carta, datada de 11 de abril de 1906, agradecendo o envio e destacando que Jung demonstrou, com base em sua própria experiência, “que tudo o que” ele havia podido “dizer sobre os campos ainda inexplorados de nossa disciplina é verdade” (Mcguire, 1976, p. 43). E ainda reiterou que confia que Jung “venha a estar, muitas vezes, em condição de me apoiar” (ibidem) e que aceitaria também, “quaisquer retificações de sua parte” (ibidem). Aceitar, talvez Freud o fez. Porém, concordar e incorporar as “retificações” do suíço à sua teoria, bem, a história já mostra que não foi bem isso que aconteceu.

É com essa carta que a relação dos dois tem início. Em sua resposta, datada de 5 de outubro de 1906¹⁸, Jung manifestou sua discordância com relação à gênese exclusivamente sexual da histeria postulada pelo pai da psicanálise. Mesmo com essa discordância, Freud ainda tinha esperanças de que Jung se aproximaria mais de seus pensamentos ao longo dos anos, conforme respondeu na carta seguinte, de 7 de outubro de 1906: “me atrevo a esperar que, com o passar dos anos, o senhor chegue muito mais perto de mim do que julga possível atualmente” (Mcguire, 1976, p. 46). Além disso, Jung representava um meio pelo qual a psicanálise poderia se expandir para outros territórios: Jung atuava em um hospital psiquiátrico e tinha contato com pacientes esquizofrênicos, aos quais Freud tinha pouco acesso. O Burghölzli era um dos hospitais mais célebres da Europa e ter sua psicanálise aceita num hospital desse porte traria um grande reconhecimento por parte dos cientistas oficiais. Com Jung, seria possível provar que a psicanálise também tinha condições de auxiliar no tratamento das psicoses. A psicanálise ganharia um porta-voz com acesso ao mundo da psiquiatria acadêmica, que poderia divulgar a teoria aos seus diversos alunos suíços e estrangeiros. Além disso, o fato de Jung não ser judeu contava muito para Freud, pois a psicanálise estava limitada ao círculo judaico de Viena e Jung era o primeiro não-judeu a se interessar pela teoria (Mezan, 2006).

¹⁸ É interessante notar o tempo que Jung levou para escrever sua resposta a Freud. Essa foi uma característica do contato dos dois. Jung levava muito tempo para responder a algumas cartas de Freud. Geralmente, conforme afirma Bair (2006), Jung esperava o volume de cartas chegar a um tamanho que não pudesse mais ignorar e depois passava metade da madrugada respondendo a elas. Tal comportamento se devia ao número de responsabilidades que Jung possuía no hospital, o que tornava inviável tirar um tempo do dia para responder às cartas. Isso será um ponto de insatisfação para Freud nos anos seguintes.

Entretanto, logo no início do contato entre eles, na carta de 23 de outubro de 1906, Jung demonstrou considerar a existência de outro impulso básico além da sexualidade, o da fome. Como veremos no capítulo seguinte, a consideração da fome, da nutrição, será constituída como a primeira das fases do desenvolvimento da libido para Jung, que será exposta em *Transformações*. Freud respondeu a esse assunto dizendo que não se opunha a fazer uma concessão ao outro impulso básico, “desde que ele se evidencie inequivocamente nas psiconeuroses.” (ibidem). Como é perceptível pelos rumos que a teoria psicanalítica tomou, Freud nunca fez essa concessão. Provavelmente, Freud deixou esse momento passar, sem repreender fortemente a Jung, por ser o começo da relação entre eles e por ter esperanças de que o suíço viesse a pensar como ele ao longo dos anos e viesse a ser seu sucessor. Mas é interessante notar a forma como essa relação se iniciou: com Freud nutrindo expectativas pelo alinhamento futuro das ideias de Jung às suas e com Jung já expondo uma diferença de pensamento básica com Freud.

Esse ponto de divergência com relação à sexualidade esteve muito presente nas palestras de Jung pelo mundo. Ele não fazia uma defesa enfática do papel da sexualidade na etiologia das neuroses e Freud veio a se mostrar incomodado com isso nos anos seguintes.

É de se chamar a atenção as diferentes justificativas que Jung deu a Freud sobre essas atitudes. Passa-nos a impressão de que Jung quis esconder sua discordância nesse assunto, o que poderia ser o real motivo para a falta de defesa da centralidade da sexualidade nas neuroses. Jung sempre apresentou cautela ao defender o ponto de vista sexual ao longo de seu relacionamento com Freud e sempre se justificou dizendo que adaptou seu discurso para torná-lo mais aceito pelo público. Freud não aprovava tais medidas, sempre incentivando Jung a não censurar seu discurso e se manter fiel aos preceitos psicanalíticos com relação à sexualidade, mas este nunca agiu de forma diferente.

Na carta de 29 de dezembro de 1906, Jung se desculpou por causar aborrecimento a Freud com seu livro *Psicologia da Demência Precoce*¹⁹ em que apresenta certa reserva frente às pesquisas de Freud e afirmou haver pontos de discordância entre eles. Em seguida, elencou cinco razões pelas quais esses pontos existem: o tipo de pacientes, já que Jung trabalhava com pacientes dementes precoces sem instrução, diferentemente de Freud; sua educação, premissas e ambientes foram diferentes dos de Freud; a falta de experiência de Jung comparada à de Freud; a balança da quantidade e da qualidade pendiam em favor de Freud; e, a ausência de contato com Freud era algo que pesava muito para ele naquele momento. De

¹⁹ O livro possui prefácio datado de julho de 1906, mas foi publicado apenas em 1907. Jung enviou uma cópia a Freud antes da publicação.

fato, são motivos bem realistas. Jung soube identificá-los e apresentá-los bem ao pai da psicanálise. Talvez Jung quisesse uma validação de suas ideias? Validar que ele tinha motivos para pensar diferente e que suas ideias não seriam inferiores às de Freud por isso? Talvez. Mas Jung não deixou claro se isso era verdade.

Freud, em 1 de janeiro de 1907, percebendo o real motivo pelo cuidado de Jung ao apresentar as ideias psicanalíticas ao público, respondeu sugerindo que desse menos atenção à oposição e não deixasse que ela o afetasse em seus escritos. E ainda pediu para que não sacrificasse o essencial da teoria e nem que se afastasse muito dele (Freud), pois isso poderia jogá-los um contra o outro. Freud pareceu prever o que, de fato, aconteceu.

No início de 1907, finalmente, ambos se encontraram pessoalmente no dia três de março na casa de Freud, em Viena, para um almoço. Passaram um total de 13 horas, ininterruptas, conversando. Jung disse, em sua autobiografia, que ficou muito impressionado com a inteligência de Freud e com o que disse sobre sua teoria sexual. Jung relatou que durante a conversa, em diversos momentos expôs suas dúvidas a Freud, porém, a resposta sempre ia na direção de lembrá-lo o quanto era inexperiente (Jung, 1961/2016, p. 157). Jung percebeu que a teoria sexual de Freud era de grande importância filosófica e pessoal para o pai da psicanálise, mas ficou em dúvida se a importância atribuída era devida a preconceitos do próprio Freud ou por experiências objetivamente demonstráveis.

A atitude de Freud com relação ao espiritualismo foi o que mais gerou incômodo em Jung. Nessa longa conversa, afirmou Jung, sempre que uma expressão de espiritualidade era manifestada em uma obra de arte ou em um ser humano, Jung dizia que Freud recorria à ideia da “sexualidade recalcada”. O suíço não concordava com Freud, mas também não se sentia em posição de debater com ele (Jung, 1961/2016, p. 157).

Apesar de não ter saído desse encontro totalmente convencido acerca da veracidade da teoria sexual de Freud (Jung, 1961/2016), sua próxima carta revelou uma ambiguidade quanto a isso. Em 31 de março de 1907, Jung escreveu dizendo que a concepção de sexualidade de Freud já fora assimilada e posta à prova em casos concretos, o que dava sinais de abertura às ideias de Freud; porém, apenas até certo ponto. Em determinado momento da carta, Jung citou o conceito de libido e sua relação com a sexualidade, deixando claro que ele não considerava apenas a sexualidade como uma manifestação libidinal:

Não seria concebível, tendo em vista a limitada concepção de sexualidade que prevalece em nossos dias, que a terminologia sexual se reservasse apenas às formas mais extremas de sua “libido” e que um termo coletivo menos ofensivo fosse estabelecido para todas as manifestações libidinais? (McGuire, 1976, p. 66).

E ainda acrescentou que mesmo estudando a teoria da sexualidade de Freud há quatro anos, não a compreendeu bem. Bair (2006) afirma que Jung não estava muito disposto ainda a sacrificar sua independência de pensamento. É fácil de se perceber que tal disposição nunca se fez presente em seu relacionamento com Freud e isso terá seus desdobramentos. Certamente, essas reflexões desembocaram na escrita de *Transformações* e, com isso, podemos afirmar que Jung viu mais razões para caminhar distante das ideias de Freud do que junto delas.

Nas cartas seguintes, Jung manifestou concordância com Freud em suas observações sobre a regressão ao autoerotismo na demência precoce. Frequentemente, ao comentar sobre seus casos clínicos, apontava para os complexos sexuais de seus pacientes. Jung estaria realmente se aproximando das teorias de Freud nesse período pós-encontro ou estava tentando uma aproximação parcial, já que em alguns momentos manifestava, indiretamente, sua linha de pensamento própria?

Na carta de 6 de junho de 1907, Freud propôs a Jung a criação de uma revista de psicanálise (o futuro *Jahrbuch*) para a divulgação de suas ideias e sugeriu a Jung que fosse o editor. Jung não aceitou a proposta de imediato, mas reiterou que seria bom para a divulgação do material que sai do laboratório onde trabalha.

Em setembro de 1907, Jung teve a oportunidade de mostrar a Freud seu apreço pela teoria e de que estava a seu lado, ao proferir uma palestra em Amsterdã defendendo as ideias freudianas, mas ainda com ressalvas, reiterando que a “‘histeria’ freudiana existe”, mas que não se sabia a extensão da aplicação dessa teoria, se para todos os casos de histeria ou não (Jung, 1908/2014, §62). Disse, ainda, que “os materiais de Freud não se prestam ainda à formulação de teorias universalmente válidas” (Jung, 1908/2014, §47, grifos do autor). Freud só entrou em contato com o conteúdo dessa palestra em abril de 1908.

Em 2 de novembro de 1907, Jung contou a Freud sobre seu trabalho como ocultista dizendo que, devido a ele, foi eleito membro honorário da Sociedade Americana de Pesquisas Psicológicas e perguntou o que Freud pensava sobre esse campo de pesquisa. Este não respondeu. Aqui percebe-se uma curiosidade de Jung a respeito do que Freud pensa sobre o ocultismo (ou queria sua aprovação?), campo de grande interesse para Jung. A esquiva de Freud à pergunta pode demonstrar muitas coisas, bem como sua falta de interesse no assunto. É fato que Jung questionou pessoalmente Freud, em 1909, sobre o que pensava sobre o ocultismo, e não gostou da resposta, que afetou o curso do relacionamento entre eles.

Em abril de 1908, enfim, é publicada a palestra proferida por Jung em Amsterdam. Na carta de 19 de abril de 1908, Freud discordou e demonstrou seu descontentamento com duas

afirmações feitas na palestra: a exclusão da histeria infantil na aplicação de seu método e a de que as suas opiniões não eram corretas para a totalidade dos casos de histeria. Suas justificativas para cada ponto de discordância, respectivamente, foram que as condições da infância seriam as mesmas das da puberdade, pois, para ele, as etapas de crescimento, ou seja, todos os aumentos de libido, criariam “as mesmas condições do grande salto da puberdade” (Mcguire, 1976, p. 186); e, que há características na histeria que são fundamentais e não podem variar entre os casos, havendo a necessidade de, nos casos em que elas não se aplicam, atribuir um nome totalmente diferente, ao invés de histeria ou demência precoce.

Em paralelo a essa conversa, os dois também debateram a respeito da dinâmica e etiologia da paranóia e da demência precoce. Freud se concentrou na dinâmica libidinal envolvida nessas psicopatologias, comentando a respeito de um “desligamento [da realidade] malogrado da libido” (Mcguire, 1976, p. 173)²⁰ na paranoia, pois a libido retornaria na “projeção com a intensidade da catexia transformada em certeza, exatamente como na regressão do estado de sonho ela é transformada em realidade palpável” (Mcguire, 1976, p. 174). No caso da demência precoce, ele afirmou haver “um retorno muito bem-sucedido ao autoerotismo. Tudo indica que ambos sejam geralmente parciais” (ibidem). Jung, por sua vez, focou no conflito psíquico e atuação dos complexos, bem como na maneira como “*o alívio do complexo pode ser obtido*” (Mcguire, 1976, p. 178, grifos do autor). Ou seja, sem atribuir a mesma ênfase ao aspecto sexual que Freud.

Essa discussão pode ter sido importante para Jung, pois em *Transformações* sua ideia própria de libido é elaborada com alguns questionamentos à característica atribuída por Freud de “desligamento malogrado da libido”. O fato é que Jung já expressou discordância com Freud em relação à paranóia em carta de 11 de março de 1908 (“Sua linha de pensamento sobre a questão da paranóia dá a impressão de ser muito diferente da minha e assim tenho grande dificuldade em segui-lo” (Mcguire, 1976, p. 178)). E, mais adiante na mesma carta, comentou acerca do desligamento da libido em casos de delírio:

Há indubitavelmente casos em que a libido tem de ser desligada e isso então ocorre de maneira imprópria através do sentimento de perseguição, mas é de se presumir que existam também os outros mecanismos, pois dificilmente se poderia supor que a paciente ainda tivesse que desligar da família sua própria libido (Mcguire, 1976, p. 179).

Jung desconfiava do modo como esse desligamento libidinal da realidade ocorreria. Total ou parcial? Quais áreas abrangeria? Isso ainda não estava claro para ele, levando-o a

²⁰ Carta datada de 3 de março de 1908.

algumas reflexões que culminaram no desenvolvimento de seu próprio conceito de libido, diferente do psicanalítico e que será explicado em *Transformações*²¹. Já era observável uma discordância expressa entre os dois pensadores a respeito da etiologia da demência precoce. Jung acreditava ser devido a conflitos puramente psicológicos, enquanto Freud, nessa época, acreditava ser “somática e não psicogênica” (McGuire, 1976, p. 185).

Em 26 de abril de 1908 ocorreu a realização do congresso de Salzburg, servindo para que a ideia de Freud de criação de uma revista psicanalítica fosse concretizada: o *Jahrbuch*. A direção do jornal ficou a cargo de Bleuler²² e Freud e, a edição, a Jung (Bair, 2006).

Nesse período, Karl Abraham²³ que já frequentava o círculo psicanalítico, manifestava rivalidade com Jung. Ambos trabalharam juntos no Burghölzli, de 1904 a 1907 e Abraham pareceu não ter gostado de algumas atitudes do suíço. Além disso, havia um certo ciúme da relação de Jung com Freud. A rivalidade se estendeu até a edição do primeiro volume do jornal e Freud resolveu intervir, enviando uma carta a Abraham no dia 3 de maio de 1908 que, conforme aponta Bair (2006), apresenta uma passagem final frequentemente debatida por estudiosos da relação entre Freud e Jung. Nela, Freud praticamente pede que Abraham se submeta às opiniões de Jung, pois para Abraham era mais fácil de seguir Freud devido a “afinidades raciais” e descreveu Jung como “cristão e filho de pastor” que “encontra seu caminho a mim [Freud] apenas contra uma grande resistência interna” (Freud, 1908/1965, p. 34, tradução nossa).

Essa preocupação o levou a tomar medidas para aproximar mais o Grupo de Zurique, da qual Jung fazia parte, da Sociedade Psicanalítica de Viena e pedir a Jung que lhe escrevesse semanalmente para que trocassem notícias e informações e que não deixasse que suas muitas obrigações o afastassem da pesquisa psicanalítica com as neuroses (Bair, 2006).

Tal preocupação também o fez externalizar mais incisivamente suas expectativas com relação à sua sucessão. Freud dizia que Jung era o mais qualificado para difundir as ideias psicanalíticas com sucesso pelo mundo. Na carta de 18 julho de 1908 enviada a Jung, disse explicitamente precisar do suíço e que ele era indispensável à causa (McGuire, 1976, p. 212). Jung comentou em sua biografia o incômodo com o desejo de Freud de que ele fosse seu sucessor, diversas vezes expresso em cartas ao suíço. Não acreditava que poderia defender as

²¹ Para maiores explicações, ler tópico Libido do capítulo seguinte.

²² Paul Eugen Bleuler (1857-1939), professor de psiquiatria na Universidade de Zurique e diretor do Hospital Burghölzli desde 1898 até 1927. Reviu o conceito de demência precoce para esquizofrenia (McGuire, 1976).

²³ Karl Abraham (1877-1925), psicanalista alemão. Entrou no Burghölzli em 1904, trabalhando com Jung, até 1907, quando se demitiu e voltou a Berlim (McGuire, 1976). No hospital, conheceu as ideias de Freud e construiu uma amizade com o pai da psicanálise que durou até o dia de sua morte, em 1925 (Bair, 2006).

ideias de Freud com convicção, pelo menos da forma como este gostaria, e não conseguiu formular suas objeções de uma maneira que o pai da psicanálise apreciasse. Não se sentia confortável em seguir por um caminho que o obrigasse a desistir de sua convicção íntima e arriscar perder sua independência (Jung, 1961/2016).

Porém, a julgar pelo desfecho do relacionamento e por esse incômodo de Jung, as preocupações de Freud com relação a seu eleito para sucedê-lo poderiam ter fundamento. O movimento de aproximação/distanciamento da aceitação do fator sexual continuava, como na carta de 11 de agosto de 1908, em que postulou a existência de um conflito psicológico como mais importante do que as desordens sexuais:

[o] conflito, a meu ver muito mais importante que as desordens sexuais; estas, como sabemos, podem ser toleradas por anos a fio, enquanto não houver ainda um conflito a encimá-las. Alguns casos chegam mesmo a demonstrar claramente que os sintomas não provêm de deficiências sexuais, mas do conflito (McGuire, 1976, p. 214).

Freud não respondeu diretamente a essa afirmação, se limitando, apenas, a ressaltar a importância que Jung tinha para o movimento psicanalítico e as suas qualidades pessoais que colaboravam para cativar mais o público. Nessa mesma carta de Freud, também há a primeira referência feita à relação entre as neuroses e os mitos, durante o relacionamento dos dois (McGuire, 1976). Apesar do interesse sobre o assunto desde que Riklin escreveu sobre contos de fadas em 1907, Jung ainda pensava em como iniciar sua própria investigação sobre os mitos e não comentou com Freud a esse respeito (Bair, 2006).

Em correspondência de Abraham com Freud, o primeiro atribuiu a Jung o baixo nível de adesão do Grupo de Zurique por conta das inclinações espiritualistas do suíço (Abraham, 1908/1965). Freud, então, aceitou um convite de Jung para visitar o Burghölzli, para averiguar esta questão, e lá esteve de 18 a 21 de setembro de 1908. Durante este tempo, os dois conversaram e observaram pacientes. Jung se decepcionou com a reação de Freud a alguns de seus pacientes, sobretudo uma idosa psicótica que tinha passado seus anos adultos todos, internada, chamada Babette S. Jung achava os delírios da mulher lindos e esse caso o convenceu de que os delírios considerados desconexos pelos outros, na verdade poderiam ter coerência se fossem interpretados corretamente. Freud, ao vê-la, questionou Jung sobre como ele poderia gastar tanto tempo do dia na companhia de uma mulher tão feia. Em entrevista

dada a Kurt Eissler, em 1957²⁴, Jung contou sobre esse episódio, dizendo que esse comentário o deixou “estupefato” com a “falta de objetividade de Freud” e o atribuiu à falta de conhecimento em psiquiatria. Mesmo já idoso, Jung se mostrou ainda incomodado com o comentário de Freud, dizendo à Eissler que Freud não sabia sobre psiquiatria, que só sabia sobre sua teoria e que ela não servia para todos os casos, apenas para alguns (Bair, 2006).

Jung queria que Freud compreendesse Babette. Então, pediu para que lesse um livro que vinha estudando desde a sua publicação, em 1903, o *Memórias da Minha Doença Nervosa*, de Daniel Paul Schreber²⁵. Jung acreditava que havia muito a aprender com o tratamento hipotético que Freud daria a Schreber, porém, se decepcionou com sua análise, afirmando, na entrevista a Eissler, que Freud não conhecia o espírito da esquizofrenia (Bair, 2006).

Após deixar o Burghölzli, Freud ficou com uma sensação otimista em relação a Jung, conforme escreveu a Abraham, em carta do dia 29 de setembro de 1908, ao voltar para casa, dizendo que Jung tinha superado sua hesitação com a teoria e tinha aderido à causa sem reservas. E que também acreditava que tinha superado a barreira entre Abraham e Jung. Freud estava enganado em relação à adesão de Jung (Bair, 2006).

Na carta de 11 de dezembro de 1908, a questão das neuroses foi retomada por Freud, ao mencionar sua obsessão em descobrir um complexo nuclear para as neuroses. Como visto no capítulo anterior, ele conquistou tal objetivo relacionando a mitologia do rei Édipo com este complexo nuclear.

Alguns dias após esta carta de Freud, Jung iniciou um debate, principalmente, acerca da demência precoce, mas também da histeria. Expôs sua visão acerca do autoerotismo e como este se desdobrava na demência precoce. Afirmou que o autoerotismo “só é característico quando se evidencia na tentativa de compensação” e uma tentativa malograda, acrescentou (McGuire, 1976, p. 238). Essa compensação sempre fracassava na demência precoce.

No caso da histeria, também considerava que havia uma forma de autoerotismo. Nesse caso, o fracasso da compensação gerava um aumento de libido objetal. A diferença entre as

²⁴ Moritz (2007), em nota de rodapé, afirma que essa entrevista teve a veiculação proibida pelos Arquivos até 2013. Deirdre Bair (2006), a biógrafa de Jung, recebeu das mãos de Eissler uma cópia da entrevista para que pudesse utilizar em sua biografia.

²⁵ Kerr (1997) fornece outro momento em que Jung sugere a leitura do livro a Freud: no dia seguinte ao término do congresso de Nuremberg, em março de 1910. McGuire (1976) aponta apenas para uma discussão do livro nesse momento, porém, sem mais detalhes a respeito de quando se deu a sugestão de Jung para a leitura do livro. Bair (2006) se baseia na entrevista de Jung a Eissler para afirmar que foi durante a visita de Freud ao Burghölzli que Jung fez a sugestão. Optamos por seguir a informação de Bair (2006).

duas doenças, para Jung, se dava na tentativa de compensação. Na histeria seria bem-sucedida dentro dos limites conhecidos e na demência precoce seria sempre malograda e falsa.

Freud discordou da afirmação de Jung de que o autoerotismo só era percebido na compensação tentada, pois, para ele, era percebido antes disso, na culminância delineada da demência. E chama a atenção de Jung para o fato deste usar o termo autoerotismo de modo tão abrangente. Ele não deveria abranger a histeria, mas somente os estados em que não se verificam as relações com objetos.

Obviamente que tais ideias de Jung ainda não estavam totalmente amadurecidas como veremos em *Transformações*, mas aparece aqui o esboço de sua teoria da libido. Podemos supor que o termo “compensação” é o que vem a se tornar “adaptação à realidade” em *Transformações*, assim como “introversão da libido” substituirá o termo “autoerotismo”.

Jung se desligou de suas atividades no Burghölzli no dia 15 de março de 1909, permanecendo como médico voluntário, o que lhe permitia acessar os pacientes e supervisionar teses de doutorado. Desejava dedicar mais tempo a suas pesquisas científicas privadas (Bair, 2006).

Em 25 de março de 1909, Jung fez uma segunda visita a Freud em Viena. O suíço retomou, neste encontro, o questionamento feito a Freud por carta sobre misticismo e ocultismo, para o qual não obteve resposta. Jung insistiu em saber o que Freud pensava dos fenômenos parapsicológicos e dos pressentimentos. Freud rejeitou os dois temas e Jung acusou-o de ter um viés materialista. Jung insistiu mais uma vez nesse assunto pedindo para relatar suas vivências pessoais. Relatou, então, o evento da faca e Freud o tratou com um “preconceito materialista” (Jung, 1961/2016, p. 162), considerando-o mera tolice e apelando para um “positivismo de tal modo artificial” (ibidem), que fez Jung precisar conter uma resposta mais ácida.

Enquanto Freud relatava seus argumentos contrários, Jung sentiu seu diafragma como se fosse de ferro ardente. Foi nesse momento que os dois ouviram um forte estalido vindo de uma das estantes do escritório dando aos dois a impressão de que ela fosse cair em cima deles. Obviamente, se assustaram bastante. Jung nomeou este evento como um “fenômeno catalítico de exteriorização”, ao passo que Freud respondeu ser uma besteira. Jung retrucou dizendo que não e que o estalido voltaria a ocorrer. O estalido se repetiu e Freud o olhou horrorizado. Na opinião de Jung, Freud passou a ter uma desconfiança sobre ele e acreditou ter-lhe feito uma

afronta (Jung, 1961/2016). Poucas vezes retornaram ao assunto acerca do incidente²⁶ em suas cartas.

Este encontro despertou em Jung um sentimento de decepção com relação aos fortes ideais materialistas de Freud. Jung demorou cerca de duas semanas para escrever-lhe outra carta e, dessa vez, não poupou comentários envolvendo o ocultismo. Comentou sobre um caso que lhe chamou a atenção e que envolveu a ocorrência de fenômenos espiritualistas. Por este caso, Jung considerou existir “um complexo universal relacionado às tendências prospectivas” (Mcguire, 1976, p. 267) no ser humano. Este seria o conceito de psicossíntese, exposto pela primeira vez a Freud, e definido como um processo psíquico que criava acontecimentos futuros segundo as mesmas leis da psicanálise.

Retomou, também, o último encontro dos dois, escrevendo sobre sentimentos de incompletude que lhe afligiram ao sair de Viena e de como seu interesse “nos fantasmas” (Mcguire, 1976, p. 266) soou estúpido a Freud. Jung comentou que tal evento o libertou “no íntimo da opressiva sensação de sua [Freud] autoridade paterna” (Mcguire, 1976, p. 267). Jung seguiu sua carta afirmando que a causa de Freud prosperaria.

Na carta de 16 de abril de 1909, Freud não buscou dissuadir Jung a desistir de seguir pelo caminho do ocultismo, apenas se limitou a escrever uma resposta amena, sem deixar de lado seu ponto de vista cético com relação aos eventos ocultos. Retomou o acontecimento da estante afirmando que a observou por um tempo e não conseguiu confirmar a hipótese ocultista proposta por Jung. Também reprovou delicadamente o conceito de psicossíntese, afirmando ser um caminho que não poderia trilhar com o suíço. Jung respondeu a esses comentários dizendo que seria mais prudente em sua fé nos fantasmas e que não se converteu a nenhum sistema. Jung fez por carta a “manutenção” da relação, mas sabemos, diante de sua reação durante o encontro em Viena, que ela já estava abalada.

Os dois retomaram o tom amigável nas cartas e em 2 de junho, Jung escreveu a Freud manifestando seu interesse em estudar as “metamorfoses da libido na demência precoce”. Não por acaso, esses foram os termos utilizados no título de seu livro de 1912. Esse tema já tinha chamado a atenção de Jung, que logo se dedicaria a ele de modo mais profundo.

No dia seguinte, Freud tocou num assunto que estava trazendo dissabores a Jung: Sabina Spielrein. Fofocas e rumores de sua relação extraconjugal com Sabina começaram a se espalhar por Zurique, principalmente por conta da própria Sabina, que contava a quem quer

²⁶ Bair (2006) aponta esse evento como ocorrido no primeiro encontro dos dois. Porém, tanto na autobiografia de Jung quanto nas cartas trocadas entre os dois, há indícios fortes de que o estalido da estante tenha ocorrido no segundo encontro, em 1909. Bair (2006) não tece grandes comentários sobre esse segundo encontro.

que fosse, sobre seus sentimentos com relação a Jung. Isso afetou seu casamento com Emma, envolvendo Freud e a relação de Jung com o movimento psicanalítico (Bair, 2006).

Para entender melhor esta situação e seu desenrolar, vamos contextualizar a história apresentando algumas cartas trocadas entre Freud e Jung no mês de março de 1909. No dia 7 de março, Jung escreveu a Freud contando que uma paciente (ainda sem identificá-la) estaria espalhando a todos que Jung se negou a ser pai de seu filho. Contou a Freud que suas intenções com a moça sempre foram da ordem da amizade e que por isso, o fato o havia chateado ainda mais. Nessa mesma carta, Jung parecia desejar amenizar a gravidade do evento, contando a Freud que encontrou algo de bom na situação: por conta desse escândalo, identificou em si mesmo componentes de poligamia, o que lhe forneceu qualidades morais e que seu relacionamento com Emma melhorou em profundidade e segurança (McGuire, 1976).

Freud, então, no dia 9 de março de 1909, escreveu a Jung dizendo que conversou com Arthur Muthmann²⁷ e este lhe dissera que falara com uma mulher que se dizia amante de Jung. Dois dias depois, Jung respondeu a Freud negando a situação, afirmando que nunca tivera uma amante (McGuire, 1976).

Retornando para o mês de junho de 1909, em Zurique esse assunto agora estava sendo um grande incômodo. Frau Spielrein, mãe de Sabina, recebeu cartas anônimas (acredita-se terem sido enviadas por Emma (Bair, 2006)) pedindo para que ela retirasse sua filha do Burghölzli antes que Jung a arruinasse. Sabina, então, enviou cartas a Freud contando seu lado da história, procurando uma intercessão deste a seu favor. Entre 30 de maio e 20 de junho, conforme conta Bair (2006), foram oito cartas de Sabina a Freud que descreviam seu relacionamento com Jung, sem mencionar qualquer vínculo sexual. Freud respondeu a Sabina, tomando o lado de Jung como o certo e pediu explicações sobre o caso a Jung, anexando na carta uma missiva de Sabina pedindo um encontro com Freud.

Jung respondeu a Freud não deixando transparecer o quão ruim essa situação estava sendo para ele. O suíço, então, confessou que a paciente da qual falara a respeito em março, era Sabina e se justificou a Freud, omitindo o envolvimento amoroso. Insistia em se manter inocente na história perante os olhos de Freud e da sociedade (Bair, 2006).

Jung contou que ela tinha sido sua paciente e receava que tivesse uma recaída caso retirasse seu apoio. Por isso manteve contato com ela. Entretanto, percebeu que a situação caminhou para um rumo indesejado e rompeu totalmente relações com a moça. Disse que ela tentou seduzi-lo e que agora queria vingar-se. Citou o encontro dos dois e como isso o afetou

²⁷ Arthur Muthmann (1875-1957), um dos primeiros seguidores de Freud. Hoje, praticamente desconhecido (Pissardo, 2018).

por um longo tempo e se referiu a uma paixão compulsiva por uma judia em Abbadia (hoje chamada de Opatija, na Croácia) que conheceu em uma viagem com sua esposa e que depois a figura judia retornou sob a forma de Sabina. Contou também que as noções de Otto Gross²⁸ lhe passaram pela cabeça quando em contato com Sabina. E que tanto ela como Gross, foram experiências amargas (McGuire, 1976). As intenções de Jung surtiram efeito e Freud o absolveu. Freud, então, respondeu a Sabina dizendo para ela erradicar qualquer sentimento que tivesse por Jung e que não o envolvesse mais na história (Bair, 2006). Em 10/13 (a carta é datada desses dois dias) de julho²⁹, Jung escreveu a Freud agradecendo o auxílio no caso de Sabina e informando que tudo se resolveu de maneira satisfatória (McGuire, 1976). Jung e Sabina continuaram a se encontrar e a se comunicar, pelo menos, até 1910 (Carotenuto, 1984).

Em 20 de agosto de 1909, Freud, Jung e Ferenczi³⁰ se encontraram em Bremen antes de partir para os Estados Unidos, aceitando o convite feito pela Universidade Clark para darem uma conferência no mês de setembro. Entretanto, para que a viagem corresse bem e Jung ficasse mais tranquilo com suas atividades e pesquisas, deliberou tarefas a Honegger, seu mais novo assistente (Bair, 2006). Este ficou incumbido de observar, em sua ausência, um paciente que era de seu interesse: Emile Schwyser, conhecido historicamente como o Homem do Falo Solar. Esse caso interessava especialmente a Jung desde sua internação em 1901.

O interesse de Jung em Emile Schwyser estava em seus delírios, que lhe chamavam a atenção por serem bem peculiares. Eles alternavam entre delírios de perseguição e a megalomania. Um deles chamou muito a atenção de Jung em 1901: Schwyser se considerava Deus e, por isso, tinha o poder de criar tormentas ao olhar para o Sol com os olhos semicerrados e balançar a cabeça, fazendo com que o dito “falo”, que saía do sol, se movesse e gerasse a tormenta (Bair, 2006).

²⁸ Otto Gross (1877-1920) estudou medicina em Graz, se tornando um pensador do psiquismo anos mais tarde. Foi assistente na clínica de Kraepelin, em Munique (McGuire, 1976). Foi internado como paciente no Burghölzli em 1902, 1904 e 1908 por vício em drogas. Entretanto, entre 1904 e 1908 conseguiu publicar algumas obras. Era adepto da poligamia, do anarquismo e era antipatriarcal. Foi paciente de Jung em 1908, fazendo com que o suíço entrasse em contato com suas ideias poligâmicas e libertárias. Este dizia que o estado saudável para um neurótico, era a imoralidade sexual. Tais ideias se confrontaram com as de Jung, que via no amor monogâmico um ato civilizatório, mexendo com o suíço. Essa questão do amor poligâmico é que fez Jung repensar sobre suas atitudes e, talvez, o tenha encorajado a viver o caso com Sabina. Inicialmente, Otto foi diagnosticado com neurose obsessiva, mas Jung alterou seu diagnóstico para demência precoce. Otto fugiu do hospital em 19 de junho de 1908 e Jung nunca mais o viu (Bair, 2006). Passou a morar nas ruas em seus últimos momentos de vida e morreu de inanição e das consequências do frio (McGuire, 1976).

²⁹ McGuire (1976) apontou que as duas datas foram colocadas pelo próprio Jung. Aparentemente, ele fez uma pausa na escrita da carta.

³⁰ Sándor Ferenczi (1873-1933), foi um neurologista e psiquiatra húngaro, colaborador e amigo íntimo de Freud. Fundou a Sociedade Psicanalítica húngara em 1913 (McGuire, 1976).

Desde o início de seu interesse por esse caso, Jung se perguntava se os delírios tinham relação com algum mito com o qual o paciente tivesse entrado em contato. Porém, sua origem simples sugeria que teria sido difícil o acesso a algo desse tipo. Suas experiências de vida não indicavam qualquer contato com folclore ou literatura, mesmo mostrando ter um vasto conhecimento de geografia e ter aprendido inglês para ir à Inglaterra. Esse delírio só fez sentido para Jung quando leu o livro *Eine Mithrasliturgie* (Uma Liturgia Mitraica) na sua segunda edição, em 1910, que dizia: “Uma espécie de tubo, a origem do vento ministrante, (...) dependurado do disco do Sol” (Dieterich *apud* Bair, 2006, p. 233).

Outras descobertas similares vieram a se somar ao que fora encontrado no livro, como uma pintura de um artista anônimo alemão, em que mostrava uma pomba representando o Espírito Santo, descendo por uma espécie de tubo ou mangueira do céu voando para cima e para baixo das vestes da Virgem Maria para engravidá-la. A partir daí, percebeu que o ser humano possuía uma disposição para criar a mesma ideia ou outras semelhantes (Bair, 2006), o que será mais bem explicado no capítulo seguinte.

Após organizar as atribuições de Honegger, partiu para viagem na qual passaria sete semanas na companhia de Freud, Ferenczi e outros importantes estudiosos do psiquismo na época. Em Bremen, no início da viagem e já em companhia de Freud e Ferenczi, foi almoçar com os dois e tocou no assunto do passeio daquela manhã, em que viram corpos mumificados, interessantes para Jung, porém, não para Freud, que desmaiou. Jung culpou o tópico do assunto, Freud, o salmão que estavam comendo e a falta de sono da noite anterior. O caso é que, logo após Jung tocar nesse assunto, Freud o questionou acerca do motivo de seu interesse pelos cadáveres e desmaiou. Mais tarde, Freud esclareceu a Jung que a conversa sobre cadáveres significava que o suíço queria sua morte ou a morte do pai (Jung, 1961/2016). Jung tentou argumentar em sua defesa, porém, Freud ou não quis aceitar a explicação ou era incapaz disso, o que frustrou e irritou o suíço, ao perceber que o pai da psicanálise possuía suspeitas com relação a ele.

Durante a viagem, era comum um interpretar os sonhos do outro. Duas situações marcantes para Jung ocorreram. Uma delas é o momento em que estava interpretando um sonho de Freud e este, por considerar que a análise estava indo por um caminho íntimo demais, disse não querer mais continuar com o processo, afirmando: “não posso pôr em risco minha autoridade!”. O suíço afirmou em sua biografia que apesar de considerar Freud como seu pai, alguém mais maduro, com mais experiência e valioso para ele, irritou-se com o que ouviu, pois interpretou que Freud dava mais importância à sua autoridade do que à verdade.

Naquele momento, a autoridade que Freud protegia tinha se perdido. Jung guardou esta frase e prefigurou em sua mente o fim da relação de ambos (Jung, 1961/2016).

A segunda situação diz respeito ao sonho que se uniu à leitura do livro mitraico relacionado ao delírio do Homem do Falo Solar. O sonho de Jung foi o seguinte:

Eu estava numa casa desconhecida, de dois andares. Era a “minha” casa. Estava no segundo andar onde havia uma espécie de sala de estar, com belos móveis de estilo rococó. As paredes eram ornadas de quadros valiosos. Surpreso de que essa casa fosse minha, pensava: “Nada mal!” De repente, lembrei-me de que ainda não sabia qual era o aspecto do andar inferior. Desci a escada e cheguei ao andar térreo. Ali, tudo era mais antigo. Essa parte da casa datava do século XV ou XVI. A instalação era medieval e o ladrilho vermelho. Tudo estava mergulhado na penumbra. Eu passeava pelos quartos, dizendo: “Quero explorar a casa inteira!” Cheguei diante de uma porta pesada e a abri. Deparei com uma escada de pedra que conduzia à adega. Descendo-a, cheguei a uma sala muito antiga, cujo teto era em abóbada. Examinando as paredes descobri que entre as pedras comuns de que eram feitas, havia camadas de tijolos e pedaços de tijolos na argamassa. Reconheci que essas paredes datavam da época romana. Meu interesse chegara ao máximo. Examinei também o piso recoberto de lajes. Numa delas, descobri uma argola. Puxei-a. A laje deslocou-se e sob ela vi outra escada de degraus estreitos de pedra, que desci, chegando enfim a uma gruta baixa e rochosa. Na poeira espessa que recobria o solo havia ossadas, restos de vasos, e vestígios de uma civilização primitiva. Descobri dois crânios humanos, provavelmente, muito velhos, já meio desintegrados. Depois, acordei (Jung, 1961/2016, p. 166).

Jung contou esse sonho a Freud, que priorizou os desejos que apareceram no sonho. Freud também deu muita atenção aos crânios e perguntou de quem poderiam ser e o que Jung pensava deles. O suíço, lembrando o que houve em Bremen, já sabia o que esperar. Freud estava considerando que havia o desejo oculto no sonho de Jung, de que alguém morresse. Jung sentiu uma forte resistência contra esse tipo de interpretação e tratou de dar uma resposta falsa, dizendo que eram sua mulher e sua cunhada. Em sua biografia, Jung (1961/2016) afirmou que valorizava a opinião de Freud e que não se sentia preparado para questioná-lo e nem para confiar em seu julgamento. O temor do rompimento da amizade também estava no ar.

Ao analisar sozinho o sonho, percebeu que o segundo andar da casa simbolizava seu consciente e que o térreo simbolizava seu inconsciente e, quanto mais descia, mais primitivo os conteúdos ficavam. Por conta desse sonho, Jung pensou, pela primeira vez, “na existência de um *a priori* coletivo da psique pessoal, *a priori* que considerei primeiramente como sendo os vestígios funcionais anteriores” (Jung, 1961/2016, p. 168). Jung considerou esse sonho como o prelúdio de seu livro *Transformações*. E eis aqui a diferença entre o modo de cada um deles ver o sonho nessa época: Freud o enxergava como uma tentativa da psique de realizar um desejo, dissimulando seu conteúdo para que pudesse ser expresso; já para Jung, tratava-se

de uma mensagem verdadeira, dizia o que podia dizer do modo como podia ser dito. O sonho da casa também serviu para despertar em Jung seu desejo por arqueologia (Jung, 1961/2016).

Entre as pessoas presentes na viagem estava William James³¹. Jung o encontrou para discutir sobre a importância da parapsicologia no acesso ao inconsciente (Bair, 2006). Jung buscava, aos poucos, trilhar seu próprio caminho teórico, se aprofundando nos temas que sempre teve interesse e não se limitando ao círculo psicanalítico. Ao mesmo tempo, não o largava. Jung não queria renunciar a sua autonomia intelectual, mas ainda parecia em dúvida sobre o caminho a tomar. O fato de não aceitar a interpretação de Freud para o sonho e buscar a sua própria é um bom exemplo disso, bem como sua relutância em aceitar a primazia da sexualidade na constituição psíquica.

Jung e James se encontraram apenas duas vezes, pois James faleceu no ano seguinte. O tema dos dois encontros sempre foi o mesmo: a parapsicologia, a cura pela fé, espiritualismo e métodos de terapia não convencionais. Sentiu-se à vontade de conversar com ele, pois percebeu ser alguém que compartilhava da mesma linha de pensamento que a sua. Juntamente com outro intelectual que Jung mantinha contato, Théodore Flournoy (1854-1920), James formava um contraponto intelectual a Freud (Bair, 2006).

O contato com Théodore Flournoy se dera em 1902, quando, ainda no começo de seu trabalho no Burghölzli, leu um estudo sobre sonambulismo que o interessou muito e resolveu escrever a ele, encontrando-se pessoalmente em 1902, em Genebra (Bair, 2006), onde Flournoy era professor de psicologia e de filosofia. Flournoy acreditava que para a psicologia se tornar uma ciência, todos os fenômenos humanos deveriam ser estudados. Como os campos da hipnose e da sugestão já pertenciam à ciência, resolveu estudar os fenômenos religiosos e mediúnicos (Shamdasani, 2011). Jung atribuiu a Flournoy o modo global com que enxergou seus pacientes e suas questões, bem como seu aprendizado de manter um olhar distanciado deles. Todos os acontecimentos e fatos eram importantes para Flournoy e Jung adotou a mesma visão. Sua maneira era descritiva, não se comprometendo com suposições. Flournoy foi considerado um amigo paternal (Jung, 1961/2016).

³¹ William James (1842-1910), formado em medicina em Harvard, foi nomeado professor convidado de fisiologia na mesma instituição. Seus interesses voltaram-se para a psicologia. Escreveu um trabalho considerado como um dos melhores já escritos na área: *Os Princípios*, publicado em 1890. Era visto como um dos grandes expoentes da psicologia experimental da época, ao lado de Wundt. No ano em que conversou com Jung pela primeira vez, estava se voltando para a parapsicologia ao assumir um estudo com uma médium, a sra. Leonora Piper. A partir desse estudo, ele publicou um artigo intitulado *Relato Sobre o Controle de Hogson Aplicado a Sra. Piper*, em que explica claramente sua ideia da equação pessoal, considerada por Jung, mais tarde em sua obra, como um dos aspectos mais importantes para o estabelecimento da psicologia como ciência da subjetividade (Shamdasani, 2011).

De suas conversas com James, percebeu que ambos concordavam a respeito da importância do fator religioso para a psique. Mas percebeu que não obteria dele as respostas que precisava, assim como não as obteria de Freud (Bair, 2006).

Em 29 de setembro de 1909 Freud, Ferenczi e Jung retornaram para casa. Jung retomou de maneira mais intensa suas pesquisas com a mitologia e a arqueologia, conforme disse na carta de 14 de outubro de 1909 a Freud, ao passo que este o saudou por também compartilhar de sua crença de que deviam conquistar o campo da mitologia (McGuire, 1976). O interesse tão desperto de Jung pelo tema pode ter sido uma consequência de suas visitas a museus nos Estados Unidos e das conversas com William James.

Tão intenso é esse efeito que Jung interrompeu por 25 dias sua comunicação com Freud. Sua próxima carta é datada de 8 de novembro e ele se desculpou pela ausência, justificando que se dedicou aos estudos em história dos símbolos e arqueologia, acrescentando sua consideração acerca da existência de fontes valiosas para a teoria das neuroses nessa área (McGuire, 1976).

Freud respondeu irritado a essa demora de seu ainda considerado sucessor e lhe deu uma bronca. Ao final da carta, disse ficar feliz em saber que Jung também se interessava por mitologia e acrescentou que espera que em breve o suíço compartilhe da mesma crença que ele de que a mitologia “está centrada no mesmo complexo nuclear das neuroses” (McGuire, 1976, p. 312). No parágrafo seguinte, cita Édipo, sugerindo que estava quase chegando à conclusão de que este complexo nuclear tinha a ver com o mito de Édipo. E, mais uma vez, o pai da psicanálise expressou suas expectativas de que esperava que Jung seguisse o mesmo caminho que o dele. Porém, como será visto em cartas seguintes, as questões sobre o conceito de libido retornaram.

Jung respondeu à “bronca” acerca da demora de envio das cartas, desculpando-se e dizendo que isso não iria se repetir (McGuire, 1976). É de se notar que, mesmo em abril do mesmo ano, tendo escrito a Freud que havia se libertado da autoridade paterna dele, e, do ocorrido durante a viagem aos EUA enquanto interpretavam sonhos uns dos outros, Jung não deixou de depositar em Freud essa autoridade, assumindo a posição de um filho ao comunicar-se com ele, como uma submissão.

Nessa mesma carta de Jung, há também um seu comentário a respeito dos mitos, em que disse que os mais antigos e mais naturais mencionam o complexo nuclear das neuroses e apresenta alguns mitos onde os temas do incesto e da autocastração aparecem, bem como um culto ao falo (McGuire, 1976). Nesse momento, as diferenças entre os pensamentos de Freud e Jung a respeito de como se daria a relação dos mitos com as neuroses ainda não estavam tão

acentuadas, mas os sinais de discordâncias nesse âmbito não tardaram a aparecer. Jung adentrava cada vez mais no caminho teórico que definiu sua obra *Transformações*. As questões a respeito do incesto foram extensamente abordadas no livro. Mas naquele momento, Freud ficou contente em saber que seu sucessor ainda estava próximo: não supunha, ao que parece, o que o deslumbre do suíço com os mitos significaria para a relação dos dois: “Seus estudos mitológicos me entusiasma. Para mim é totalmente novo muito do que o senhor conta, p. ex., a atração sexual pela mãe e a ideia de que os sacerdotes se emasculavam para se punirem por isso” (McGuire, 1976, p. 318). Com esse comentário, Freud estimulou Jung a continuar com seus estudos e pesquisas envolvendo a mitologia.

O pai da psicanálise seguiu sua carta expondo seu interesse no mito de Édipo e em como ele pode ser percebido no fetichismo pelo pé. Para Freud, o pé era adorado por guardar alguma relação com o pênis da mulher na etapa primordial da infância: muito desejado, porém, perdido. Édipo, disse Freud, significa pé inchado, ou seja, pênis ereto (McGuire, 1976).

Na carta de Jung, datada de 30 de novembro de 1909, Jung lançou as bases do pensamento a respeito de conteúdos antigos presentes na psique, exposto em *Transformações*:

Sinto cada vez mais que uma compreensão aprofundada da psique (se de todo possível) não pode prescindir da História ou de uma íntima colaboração com ela, assim como a compreensão da anatomia e da ontogênese só se torna possível com base na filogênese e na anatomia comparada. Por isso é que a Antiguidade me aparece agora sob uma luz nova e significativa. O que hoje encontramos na psique individual — em formas comprimidas, atrofiadas ou unilateralmente distintas — pode ser visto no passado em plena integridade (McGuire, 1976, p. 322).

Aqui, Jung atribuiu um valor essencial ao estudo da história, afirmando haver uma íntima relação entre os conteúdos psíquicos de hoje e os do passado. Se Freud notou algo de estranho nisso, naquele momento não esboçou reação.

É nessa carta que os questionamentos de Jung acerca do conceito de libido retornam. O suíço afirmou que gostaria de extrair de Freud uma definição de libido, já que até o momento, não chegou a uma que o satisfizesse. Entretanto, é de se notar que Jung leu *Três Ensaio*s, portanto, estava ciente do conceito freudiano de libido e, mesmo assim, esse conceito não o satisfez? Jung percebia falhas teóricas nesse conceito? Queria uma revisão conceitual, uma alteração do conceito de libido? Ele não deixou claro. Porém, na carta de 19 de dezembro de 1909, Freud respondeu a essa indagação e apontando: “Veamos de início sua dificuldade em relação à ‘minha’ libido. Nas primeiras frases da *Teoria da Sexualidade* há uma clara

definição na qual acho que nada precisa ser alterado” (McGuire, 1976, p. 331). Percebe-se que Freud demorou quase três semanas para responder e não o fez, a nosso ver, de maneira acolhedora. Não lhe ocorreu questionar o suíço a respeito de uma eventual dúvida, apenas respondeu, indiretamente, que sua teoria não estava aberta a discussão e possível alteração. Freud deve ter percebido a tentativa de esquiva de seu herdeiro, já que nessas semanas de correspondência, esta não foi a única tentativa de Jung de alteração da teoria ou de demonstração de uma visão diferente daquela exposta por Freud.

Em carta de 14 de dezembro de 1909, outro embate teórico ocorreu entre os dois, dessa vez relacionado ao sadismo. Jung discorreu acerca de sua visão sobre o fenômeno e Freud discordou na carta seguinte, não abrindo margem para discussão ao relacionar o sadismo com a função biológica. Ao mesmo tempo em que revelava seu incômodo e era mais incisivo em suas respostas, tentava trazer o suíço de volta para perto de si, quando lhe questionava se ele já percebia que as teorias sexuais infantis eram indispensáveis para a compreensão do mito. Freud parecia fazer questão de pontuar o que era importante para sua teoria e indicava o caminho a seguir (McGuire, 1976).

Jung deve ter sentido o baque, pois na carta seguinte, de 25 de dezembro, desculpou-se, justificando que seus comentários não foram um ataque. E, na mesma carta, porém, em um trecho que foi escrito em 31 de dezembro, explica que suas dificuldades com relação à libido e ao sadismo provinham do fato de não ter ajustado sua atitude à de Freud e por não ter compreendido bem, ainda, o que ele escreveu. Isso encerrava seu comentário sobre o assunto (McGuire, 1976) numa tentativa, talvez, de evitar se aprofundar nas diferenças com Freud, temendo sua reação. Seria melhor uma conversa pessoal, acreditava.

Mas Jung também estava incomodado com Freud. Em sua carta de 19 de dezembro, Freud disse ansiar pela ajuda de mitólogos, linguistas e historiadores da religião por conta dos estudos que alguns psicanalistas estavam realizando. Jung interpretou que Freud não o percebia capaz de realizar tal trabalho (McGuire, 1976).

Com todas essas cartas de conteúdo agressivo trocadas ao final de 1909, é perceptível o grau de abalo na relação. Freud e Jung tentavam se redimir, um ao outro, e manter o relacionamento. Mas não nos parece que tudo que necessitava ser dito havia realmente sido dito. Parece-nos que Freud já nutria inseguranças com relação ao futuro de Jung como sucessor da psicanálise, mas não expressava isso de modo aberto. Jung nutria inseguranças com relação ao futuro dessa relação e, conseqüentemente, sua posição como sucessor, mas tampouco era transparente nessa questão.

Na mesma carta de Jung citada acima, de 25 de dezembro de 1909, novamente percebemos o quanto a mitologia vai se tornando essencial na compreensão das neuroses e das psicoses:

Tornou-se-me absolutamente claro que não desvendaremos os segredos finais da neurose e da psicose sem a mitologia e a história da civilização, pois a embriologia vai de par com a anatomia comparada e sem a última a primeira não passa de uma contrafação da natureza que permanece incompreendida no âmago (McGuire, 1976, p. 333).

Essa linha de pensamento será central para a escrita de *Transformações*, posto que suas análises e argumentos envolveram, essencialmente, a mitologia. Ele ainda complementou num trecho da mesma carta, escrita em 31 de dezembro, apresentando suas impressões acerca da presença do incesto em tais criações mitológicas. Para ele, a Antiguidade era assolada pela luta com o incesto, que pode ter dado origem à repressão sexual ou vice-versa.

No dia 2 de janeiro do ano seguinte, Freud respondeu positivamente ao interesse de Jung pela mitologia e ao seu incômodo, afirmando que ficou feliz em saber que Jung levava a sério seus estudos sobre mitologia e que ele mesmo poderia ocupar o lugar dos historiadores e arqueólogos que mencionara precisar em uma carta anterior. Porém, não sem dar um “puxão de orelha” no suíço: Freud sugeriu que ao invés de enfrentar o problema da mitologia diretamente, fosse preferível abordá-lo aos poucos, em estudos distintos (McGuire, 1976). Essa foi a primeira crítica que Freud fez, mesmo que disfarçada de conselho, ao modo como Jung conduzia seus estudos sobre mitologia.

Mais adiante, na mesma carta, Freud ainda fez uma apreciação a respeito da religião que é muito semelhante à visão que Jung apresentará em *Transformações*. Freud disse que “o verdadeiro fundamento da necessidade religiosa é o *desamparo infantil*” (McGuire, 1976, p. 337, grifos do autor), pois, passada a infância, o ser humano não sabe representar o mundo sem os pais e, então, cria para si uma natureza bondosa e um deus justo. Jung vai dizer, em *Transformações*, que a religião cristã pode ser um substituto do meio familiar, em que o deus é o Deus-pai, enquanto os seres humanos são considerados filhos desse Deus e, por isso, irmãos. Jung fez essas considerações relacionando a religião à sua compreensão de incesto, o que será explicado no capítulo seguinte. O desamparo infantil citado por Freud é um fator implícito na concepção de Jung.

Jung não respondeu a esse comentário de Freud sobre a religião, porém, na carta de 30 de janeiro de 1910, expôs uma ideia que serviu de pano de fundo para *Transformações*:

(...) tentei assentar o “simbólico” numa base psicogenética, ou seja, mostrar que na fantasia individual o *primum movem*, o conflito individual — matéria ou forma, como se prefira — é mítico ou mitologicamente típico. Os dados em que me apoio não são muito significativos (McGuire, 1976, p. 343).

Jung estava no início de seus estudos com a mitologia, por isso, não possuía dados significativos ainda, mas isso mudaria. O livro de Jung gira em torno dessa ideia. São apresentados inúmeros mitos oriundos de diferentes povos para comprovar a ideia exposta por ele no trecho citado. Em cada capítulo o suíço fez o movimento de trazer algum mito, destacando seu tema, para justificar sua ideia de um simbólico mitologicamente típico.

Freud respondeu a isso aprovando a ideia e incentivando-o a escrever sobre ela no *Jahrbuch*, com o argumento de que sentia que Jung estava na mesma linha de suas próprias pesquisas — a saber, a regressão arcaica — e comentou a respeito da demora que o suíço teve para enviar as cartas. O congresso de Nuremberg, a ser realizado em março do mesmo ano, também foi um assunto tratado por Freud e o trabalho que Jung estava tendo para sua organização será a justificativa, apresentada em sua próxima carta, de 11 de fevereiro de 1910, para a morosidade no envio das correspondências a Freud (McGuire, 1976). Com as cobranças a respeito de um menor intervalo de tempo no envio das cartas, parece-nos que Freud nunca teve ideia do real volume de trabalho que Jung tinha de dar conta e continuava exigindo dele um alto nível de excelência em seu desempenho.

Na carta de 13 de fevereiro, Freud assumiu um tom mais desaprovador ao comentar essa lentidão, referindo-se a ela como fruto de um “evidente desagrado em escrever” (McGuire, 1976, p. 349). O pai da psicanálise julgava a demora de Jung em enviar as correspondências como uma falta de prazer em escrevê-las. Uma semana depois, Jung respondeu a isso e se justificou novamente, mas dessa vez, atribuindo a causa de sua resistência a seu complexo paterno, que desaprovava tudo o que realizava e o fazia sentir-se temeroso em não corresponder às expectativas.

A carta de Freud com sua resposta a essa justificativa de Jung foi perdida (McGuire, 1976). Porém, alguns pontos levantados por Freud podem ser deduzidos por meio da carta seguinte de Jung, de 2 de março de 1910. Ele inicia sua carta afirmando que há muitos mal-entendidos no ar, ao que tudo indica, e questiona “como poderia o senhor se enganar tanto a meu respeito?” (McGuire, 1976, p. 353). Deduzimos que Freud inferiu que Jung estava sendo vacilante com suas ideias, no sentido de não seguir a teoria psicanalítica em muitas delas, pois, ao final da carta, Jung se despede de Freud dizendo: “deste que não está vacilante, Jung” (McGuire, 1976, p. 355). Talvez um dos pontos que Freud tenha apontado como vacilante na

visão de Jung seja relacionado ao inconsciente, pois Jung observou que a ideia de inconsciente de Freud se encontrava em harmonia com o que disse na palestra de janeiro de 1910 sobre simbolismo. Nessa palestra, Jung apresentou seu conceito de pensamento lógico e de pensamento analógico. Este último seria o pensamento inconsciente. O suíço não se alongou no assunto e logo tratou de escrever a respeito do congresso de Nuremberg. A mudança de assunto pareceu ter dado certo e Freud, em sua carta seguinte, afirmou não o tomar como um vacilante, mas que ainda se irritava por ele não ter vencido as resistências de seu complexo paterno. E, em seguida, voltou a enfatizar o lugar de herdeiro do movimento psicanalítico que atribuiu a Jung (McGuire, 1976).

Não são mais trocadas cartas significativas entre eles até a realização do congresso de Nuremberg nos dias 30 e 31 de março. A apresentação das pesquisas de Jung foi realizada por seu ajudante, Honegger, que deu uma palestra demonstrando os paralelos entre os delírios e sonhos de pacientes do Burghölzli com temas mitológicos. Dentre esses pacientes estava o Homem do Falo Solar (Bair, 2006). A palestra agradou a Freud. Por fim, um dos saldos positivos do evento foi a criação da Associação Internacional de Psicanálise, com Jung eleito seu presidente, a contragosto do grupo psicanalítico de Viena, que argumentou que se haveria uma associação internacional para o movimento, ninguém mais indicado do que Freud para assumir a presidência (Moritz, 2007). Isso fez com que a rivalidade já existente entre o grupo de Viena e o de Zurique se tornasse mais pronunciada.

As semanas seguintes ao evento foram marcadas pela troca de correspondências entre Freud e Jung focada em assuntos mais banais acerca da sociedade psicanalítica, com comentários sobre alguns membros e outros acontecimentos sem muita importância. Jung estava atribulado com suas atividades burocráticas da associação e edição do *Jahrbuch* e, para ajudar, estava sem seu assistente, Honegger. Entretanto, conseguiu manter uma boa frequência de correspondência com Freud e, juntamente com este, buscava o complexo nuclear da neurose ao mesmo tempo em que procurava se mostrar teoricamente próximo.

Na carta de 2 de junho de 1910, Jung retomou seus comentários teóricos, afirmando que “o mito astral pode ser solucionado segundo as regras da interpretação de sonhos: assim como o Sol vai cada vez mais alto, quando o inverno acaba, há de chegar à fecundidade a despeito da barreira do incesto (e dos efeitos odiosos sobre tua libido)” (McGuire, 1976, p. 382). Aqui, destacam-se duas questões: o método utilizado por Jung para interpretar os mitos segue a mesma lógica do de Freud, porém, ainda assim é diferente e não deixou de ser alvo de críticas por este. Em segundo lugar, é cada vez maior a relação que Jung vai traçando do complexo nuclear com os mitos. Gradativamente percebemos os movimentos em direção ao

que será *Transformações*. Jung terminou essa exposição afirmando que enviaria a Freud o material com a descrição detalhada deste pensamento.

Aparentemente Jung o fez antes do dia 22 de junho de 1910, pois McGuire (1976) destaca que foi encontrado um documento com algumas notas de Freud criticando um trabalho de Jung. Não se sabe se as críticas são direcionadas à palestra de Jung no começo do ano (que está perdida) ou ao texto de *Transformações* do qual essa palestra foi uma primeira versão. Como o texto original está perdido, não há como relacionar as críticas de Freud ao seu real objeto. Porém, uma das críticas é possível de se comentar, pois Jung a respondeu diretamente em sua carta datada de 26 de junho. Nela, Freud destacou uma frase de Jung “A sexualidade destrói a si mesma” (McGuire, 1976, p. 390), afirmando que sua profundidade não fica clara para o pensamento mitológico. Continua sua crítica fazendo referência a um mito mitraico citado por Jung no texto, mas que não pudemos identificar, em que há uma representação de um autossacrifício baseado na morte do ego animal pelo ego humano. Freud sugeriu interpretar essa passagem como a projeção mitológica da repressão, na qual a parte sublimada do homem sacrifica a energia dos impulsos próprios: “no fundo, uma parte do complexo de castração” (McGuire, 1976, p. 390). Ao final das críticas, Freud pontua que o mito sofreu muitas alterações, criticando o seu uso em seus estudos. Porém, elogiou o trabalho do suíço, dizendo que o essencial estava correto.

Em sua resposta, Jung explicou melhor sua visão a respeito do mito de Mitra e a dualidade percebida por ele na questão do autossacrifício, afirmando que seria, ao mesmo tempo, voluntário e involuntário. O que entraria em questão, para ele, seria um “*conflito no âmago da própria sexualidade*” (McGuire, 1876, p. 392, grifos do autor) e que a única razão para este conflito parecia ser a proibição do incesto, que veda à libido o alcance de sua satisfação pela saída mais próxima e acessível, tornando-a má. É necessário, então, que ela se liberte dessa proibição para alcançar seu objetivo de reprodução. Jung utilizou uma analogia a uma passagem de um mito iraniano que diz: “assim como o Sol ou a fecundidade da Natureza sucumbem ao rigor do inverno, mas chegam finalmente ao triunfo, tu também te libertas e ingressas então na condição fecunda” (McGuire, 1976, p. 392), para exemplificar e reforçar seu argumento sobre a semelhança das fantasias com os mitos, que talvez Jung tenha feito em seu texto.

Jung trouxe, então, a necessidade da figura do herói nesse processo, do qual depreende por livre e espontânea vontade o que a repressão propõe: uma renúncia temporária ou permanente à fecundidade, para que se concretize a sujeição do instinto. O resultado do autossacrifício, por fim, é a volta à fecundidade.

Freud respondeu a essa explicação dizendo que sua crítica foi muito precipitada, mas que acreditava que uma interpretação de nível tão profundo não poderia ser feita de modo tão resumido, e acrescentou, num tom talvez de crítica e de conselho, que a maior dificuldade nesses trabalhos de interpretação é que não se pode tomar o todo da fachada como revelador, mas que é necessário se limitar ao conteúdo, indo até a origem dos elementos que o compõem. Algo muito semelhante aos sonhos, fato que Jung já havia percebido e exposto a Freud (McGuire, 1976). Sobre isso, ressalta-se a diferença de tratamento dado ao sonho pelos dois, da qual Jung já tinha consciência desde seu sonho com a casa em 1909, durante a viagem para os Estados Unidos em que ambos o interpretaram de maneira diferente. Como os dois não possuíam o mesmo olhar a respeito dos sonhos, o tratamento dado por cada um à mitologia também será diferente. O procedimento de Jung com relação aos mitos pode ter sido um fator que o levou a chegar a conclusões tão diferentes das de Freud acerca da relação entre os mitos e as neuroses.

Mas Freud não o censurou tão diretamente, mesmo que o texto enviado a ele por Jung fosse um esboço do que mais tarde seria *Transformações*, nem desencorajou-o a continuar com seus estudos sobre a mitologia. Futuramente, as discussões entre os dois se tornarão mais tensas, pois Jung tocará mais diretamente em questões envolvendo o incesto e a libido, conceitos centrais para a psicanálise, e isso desagradará profundamente Freud.

Em paralelo a essa discussão teórica, outro assunto estava em pauta entre eles: os problemas com a Associação Internacional. Ambos, Freud e Jung, estavam passando por dificuldades referentes à adesão e aceitação das pessoas à associação e que começaram logo após sua criação, pois o grupo vienense não estava contente com o apoio de Freud ao grupo de Zurique. Para resolver a questão em Viena, Freud fez algumas concessões políticas e conseguiu contornar a insatisfação. Em Zurique o problema era outro: ninguém queria se filiar à associação e Bleuler decidiu não fazer mais parte do grupo psicanalítico, levando com ele toda a leva de estudantes e médicos do hospital Burghölzli, possíveis candidatos à filiação, mas que eram seguidores fiéis de Bleuler. Binswanger³², Riklin, Pfister³³ e o próprio Jung eram praticamente os únicos filiados à associação suíça. Binswanger, devido à situação, estava praticamente no comando do grupo, mesmo já tendo suas desavenças com Freud, quando este o acusou de decadência intelectual. Jung tampouco confiava nele. O caso é que,

³² Ludwig Binswanger (1881-1966), fez parte da equipe do Burghölzli e participou dos experimentos de associação de palavras. De 1911-1956 foi diretor de uma clínica particular em Kreuzlingen, no nordeste da Suíça. Um dos fundadores da análise existencial (McGuire, 1976).

³³ Oskar Pfister (1873-1956), pastor protestante de Zurique. Foi sócio-fundador da Sociedade Psicanalítica da Suíça em 1910. Ficou ao lado de Freud depois de 1914 (McGuire, 1976).

mesmo não filiados, os pertencentes ao grupo decidiram continuar frequentando as reuniões normalmente. Jung tentou persuadi-los à filiação oficial, mas foi voto vencido (Kerr, 1997), o que desagradou a Freud: “Estranho que o senhor não tenha sabido usar de autoridade para impedir essa decisão absolutamente insustentável.” (McGuire, 1976, p. 387). Freud se referiu à ocasião em que Jung não conseguiu exercer sua autoridade para tentar coibir essa decisão de Zurique. O pai da psicanálise estava desgostoso com a atuação do suíço frente à presidência da associação. Ele esperava que Jung tivesse outra postura, que soubesse utilizar as suas qualidades de cativar o público para atrair novos membros para a associação. Porém, não foi como aconteceu. Jung não sabia liderar as massas e se atrapalhava com as tarefas burocráticas, passando-as para Riklin, que não respondia às cartas. A desorganização administrativa da associação era uma verdade (Kerr, 1997).

Tal fato serviu para desgastar mais a já desgastada relação entre Jung e Freud. Este se desiludiu com seu herdeiro: será que ele poderia liderar e levar o movimento psicanalítico adiante se nem liderar o grupo de Zurique conseguia? Jung tampouco estava conseguindo divulgar e levar a causa adiante com a associação para conseguir novos filiados. Freud estava ponderando essas questões.

Em 10 de agosto de 1910, Freud criticou os primeiros meses de atuação de Jung (referindo-se a ele na carta como filho e herdeiro), dizendo que tinha a impressão de que ele não levava muito a sério suas atribuições e nem tinha começado a agir de acordo com seu novo posto. Ao final reforçou a visão positiva que tinha de Jung sobre seu poder de conquistar as pessoas (McGuire, 1976), quase num tom de “não me decepcione novamente”.

Em sua resposta, Jung tentou apaziguar o sentimento de Freud concordando com seu julgamento de que seu período como presidente da associação havia sido desastroso e pontuou que já estava se esforçando para agir melhor. Aparentemente essa tentativa surtiu efeito, pois, na carta seguinte, Freud se mostrou mais positivo sobre Jung: “Sua carta fez-me sentir envergonhado e restaurou meu bom humor. É provável que o senhor esteja certo quando diz que não podemos reger deliberadamente a marcha dos acontecimentos” (McGuire, 1976, p. 404). Todo esse episódio culmina na opinião de Jones (1989) acerca do principal motivo do rompimento do relacionamento entre Freud e Jung, a saber, a decepção de Freud com o desempenho do suíço na área administrativa. Freud queria ter seus desejos mais pessoais satisfeitos, como ver Jung liderando e levando adiante o movimento, mas percebeu que isso não seria realidade.

Em dezembro de 1910, Freud e Jung se encontraram novamente por ocasião de uma visita de Freud a Bleuler, em Munique, no intuito de tentar convencê-lo a entrar para a

associação. E mesmo tendo passado por essa desilusão com seu herdeiro, escreveu mais satisfeito sobre ele para Ferenczi, após retornar a Viena em 29 de dezembro de 1910: “Eu estou mais do que nunca convencido de que Jung é o homem do futuro” (Freud; Ferenczi, 1993, p. 246, tradução nossa). É intrigante que, mesmo com todas essas evidências a respeito da atuação prática de Jung, Freud ainda estivesse com esperanças sobre seu futuro enquanto herdeiro de seu legado. Faltava a ele aprender a reconhecer as suas qualidades e saber explorá-las, manejando suas expectativas de acordo com esses dados e não de acordo com seus próprios ideais. Sabemos que essas constantes desilusões de Freud, conforme apontou Jones (1989), contribuíram para o desgaste da relação.

É irônico notar que, enquanto Freud saiu animado do encontro com Jung, o oposto aconteceu com o suíço. Foi nesse contato³⁴ que Jung percebeu, de fato, o que a teoria sexual significava para Freud. Em sua autobiografia, Jung (1961/2016) expõe a fala de Freud:

Tenho ainda uma vívida lembrança de Freud me dizendo: “Meu caro Jung, prometa-me nunca abandonar a teoria sexual. É o que importa, essencialmente! Olhe, devemos fazer dela um dogma, um baluarte inabalável.” (...) Um tanto espantado, perguntei-lhe: “Um baluarte – contra o quê?” Ele respondeu-me: “Contra a onda de lodo negro do...” Aqui ele hesitou um momento e então acrescentou: “... do ocultismo!” (p. 158).

Jung (1961/2016) destacou que essa fala feriu o cerne da amizade deles. O que lhe surpreendeu foram as expressões “baluarte” e “dogma”, pois isto significava uma tentativa de poder pessoal e não uma impressão científica. Para Jung, a teoria sexual era apenas uma hipótese, um fato não demonstrável, não uma verdade incontestável. O suíço nunca poderia concordar com aquilo, já que, para ele, Freud atribuiu um significado quase religioso à ideia de sexualidade, que substituíra, inclusive, o ideal de Deus. Apesar disso, Jung continuou conversando com Freud amigavelmente, como se tal informação não tivesse acontecido. Pelo menos, nos parece que assim desejava agir. Talvez, mais uma vez, o medo de perder a amizade do pai da psicanálise estivesse agindo.

Dessa forma se encerra o período de anos pré-*Transformações*, com alguns pontos de tensão entre eles já se formando, como: a discordância entre os dois a respeito da consideração da importância da sexualidade, do conceito de libido e da dinâmica e etiologia da demência precoce; a decepção de Freud com relação aos primeiros meses de Jung à frente da Associação Internacional de Psicanálise e demora em enviar as respostas de suas cartas; a

³⁴ Tomaremos como referência para este evento, a mesma que Moritz (1997), que segue a afirmação de John Kerr (1997), para quem a conversa ocorreu no encontro deles em Munique. Em *Memórias, Sonhos, Reflexões*, Jung afirma que esta conversa ocorreu em Viena, porém, não há indícios de que os dois tenham se encontrado em Viena em 1910.

diferença entre eles no método de análise e interpretação dos mitos, o que rendeu algumas críticas de Freud a Jung; e, a decepção de Jung com o viés materialista de Freud, que não dava importância aos fenômenos ocultos.

Por todas essas desavenças e pela forma como cada um estava lidando com elas, a relação foi se desgastando. Freud e Jung estavam desiludidos um com o outro, mas sem uma iniciativa de nenhum lado para acertarem as contas, o que culminou no rompimento das relações entre eles, como veremos adiante.

2.4 1911-1913: Os anos de *Transformações*

Os anos de 1911 e 1912 são decisivos para o relacionamento entre Freud e Jung. Por serem os anos de publicação das duas partes da obra, o embate teórico entre os dois se tornou mais expressivo, principalmente após a publicação da primeira parte, em agosto de 1911³⁵.

Este foi o período que Jung sentiu seu medo pelo rompimento com Freud se intensificar, em decorrência da publicação de *Transformações* e, possivelmente, pela saída de Adler³⁶ da sociedade psicanalítica devido a divergências teóricas com Freud em relação à importância da libido na dinâmica psíquica. Porém, o ano de 1911 começou bem para o relacionamento dos dois, sem percalços ou embates, como quando Jung, em 18 de janeiro de 1911, escreveu a Freud dizendo que a conversa que este tivera com Bleuler obteve êxito e o congratulou por isso. Bleuler, por fim, estava dentro da associação psicanalítica. Agora, com a relação com Bleuler restabelecida, Jung apenas tinha de tentar mantê-la e colher os frutos disso.

Com esse novo passo em Zurique, as coisas estavam se acertando. Porém, uma questão estava afetando Freud: seu relacionamento com Stekel³⁷ e Adler. Constantemente o pai da psicanálise se queixava a Jung dos dois, principalmente de Adler. Freud dizia que as ideias de Adler eram fruto de seu funcionamento paranoico. E por um motivo muito interessante: Adler não aceitava a importância dada à sexualidade pela psicanálise. Suas teorias não encaravam a sexualidade como um fator principal e, inclusive, atribuía outra

³⁵ A relação entre os dois pensadores é analisada e pode ser acompanhada na leitura de diversos autores (Moritz, 2007; Bair, 2006; Kerr, 1997; Jones, 1989; McGuire, 1976).

³⁶ Alfred Adler (1870-1937), membro do grupo psicanalítico de Viena desde 1902 e o primeiro presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena. Foi o primeiro dos seguidores mais importantes de Freud a deixar o movimento e romper com ele, em 1911, fundando a “psicologia do indivíduo” (McGuire, 1976).

³⁷ Wilhelm Stekel (1868-1940), um dos quatro membros originais da Sociedade das Quartas-feiras, desde 1902. Foi admirado pela sua habilidade como escritor e por ser um psicanalista intuitivo. Separou-se de Freud em 1911, passando a viver em Londres após o ocorrido (McGuire, 1976).

interpretação ao incesto, a saber, o desejo masculino de conquistar uma mulher. A questão do poder também estava bem presente em seu pensamento (Jones, 1989). Essas diferenças de pensamento, juntamente com o caráter de Adler, foram deixando Freud insatisfeito. Tal fato culminou na saída de Adler da associação e do grupo psicanalítico em 24 de maio de 1911, quando esteve presente pela última vez em uma reunião da sociedade (McGuire, 1976). A forma como Freud tratou um integrante do movimento psicanalítico que discordava da importância dada à sexualidade pode ter tido uma importância íntima para Jung, ao mostrar a forma como Freud lidava com os integrantes que discordavam de suas ideias. Talvez seu medo de um rompimento com Freud tenha se agravado depois disso.

Em 18 de janeiro, como reflexo desse medo, por exemplo, Jung relatou se precaver das críticas de Freud com relação a seus estudos sobre mitologia. Em sua resposta, Freud tentou tranquilizá-lo, afirmando que: “Minha satisfação será enorme quando o senhor cravar nesse domínio a bandeira da repressão e da libido e voltar como um conquistador vitorioso à terra natal da medicina” (McGuire, 1976, p. 446). Ou seja, Freud já estava dando suas pistas de que não era para Jung “se perder” nas áreas da mitologia, pois sua “terra natal” era a medicina e Jung não devia se esquecer disso. Freud sempre tentava manter Jung dentro da sua esfera de pensamento, mas este agia de modo mais independente. É de se notar que Freud utilizou a palavra “quando” e não “se”, indicando que ele já tomava como certo que Jung se utilizaria da repressão e da libido, ideias suas, para compreender a mitologia. Talvez seja por isso que Freud tratou de tranquilizar Jung ao afirmar, pelas entrelinhas, que tudo bem ele estudar a mitologia. De uma certa forma, Freud utilizou de sua autoridade como “pai” em Jung, instruindo o caminho que o filho herdeiro deveria seguir.

Entretanto, Jung se comportava como um filho rebelde ao se “atrever” a seguir um caminho diferente do esperado por Freud. Seus sinais de distanciamento do caminho freudiano estavam cada vez mais frequentes e expressivos. Em 8 de maio de 1911, Jung escreveu a Freud dizendo que deveriam também “conquistar o ocultismo” (McGuire, 1976, p. 482) a partir da teoria da libido e que estava realizando uma incursão pela astrologia, a qual afirmava ser “indispensável para a perfeita compreensão da mitologia” (ibidem). Mas tentou tranquilizar Freud ao afirmar que regressaria. Em sua resposta, Freud pode ter demonstrado uma preocupação não declarada de seu filho herdeiro se demorar em seus estudos ou apenas o aconselhando a não se demorar “nas colônias tropicais”, pois Jung tinha “de governar em casa” (ibidem). Freud utilizou do mesmo argumento de sua carta em que disse “terra natal da medicina” (McGuire, 1976, p. 446), querendo dizer que o ocultismo e a astrologia não eram seu local principal de trabalho. Percebemos que esta era uma tentativa constante de Freud, de

trazer Jung para perto de sua zona de pensamento. Entretanto, isto não estava sob seu controle.

Jung, em 12 de junho de 1911, forneceu mais um exemplo de como poderia sair da esfera da psicanálise ao escrever a Freud dizendo que realizou cálculos astrológicos como uma técnica auxiliar ao tratamento de uma paciente e obteve êxito. Freud, em sua resposta, mais uma vez tratou de trazer Jung de volta à teoria psicanalítica, sugerindo que se unisse à Ferenczi (McGuire, 1976). Este também estudava o ocultismo e Freud sugeriu que os dois publicassem um trabalho juntos no *Jahrbuch*. Aparentemente, Freud se mostrava aberto às novidades trazidas por Jung, sob a condição de manter seu vínculo com a “terra da psicanálise”.

Outro ponto de divergência entre os dois médicos era quanto ao exercício da prática clínica por Jung. Talvez Freud acreditasse que na prática clínica, Jung não exerceria seu brilhantismo, além de perder um tempo precioso, em que poderia investir em pesquisas e estudos. Jung justificou seu desejo de atuar junto a pacientes na clínica pela sensação de inferioridade quando se comparava a Freud. Acreditava precisar de prática para adquirir experiência. Essa sensação de estar inferior e não à altura de seu mestre se tornou mais intensa após a publicação de *Transformações* (McGuire, 1976).

Mesmo após realizar uma primeira leitura da obra, Freud não dizia a Jung sua opinião. Apenas, num primeiro momento, se limitou a comemorar a conclusão do suíço, igual à sua, de que o complexo de Édipo estava na origem da religião. Mais nada. Isso gerou um estresse em Jung, a ponto de Emma, esposa de Jung, escrever a Freud comunicando sua apreensão pelo estado emocional em que seu marido se encontrava pelo medo da reprovação do pai da psicanálise: “Se falei das ‘Transformações’ foi sobretudo porque sabia com que ansiedade Carl esperava sua opinião; várias vezes ele dissera estar certo de que o senhor não as aprovaria, preocupando-se muito, por conseguinte, com o seu veredicto.” (McGuire, 1976, p. 520). Em sua autobiografia, Jung (1961/2016) também confirmou que sabia que, principalmente, o volume dois de *Transformações*, custaria sua amizade com Freud. Essa incerteza, intensificada pelo seu “complexo de pai”, pode ter causado essa ansiedade.

Talvez a carta de Emma tenha gerado resultado, pois, logo na próxima carta escrita a Jung, em 12 de novembro de 1911, Freud deu sua opinião sobre a primeira parte de *Transformações*. Disse ser uma das melhores obras que leu, ao mesmo tempo que teceu algumas críticas sobre ela, como a impressão que teve de que o seu horizonte foi muito limitado pelo Cristianismo, que Jung parece estar observando o material de fora dele e não de dentro dele e que poderia ter escrito o texto com suas próprias palavras, ao invés de ter

utilizado tantas traduções que deixaram o texto tedioso. Porém, por outro lado, sentiu-se satisfeito, pois muitos pontos de vista estavam de acordo com o que já tinha escrito ou com o que gostaria de dizer. Encerrou a carta a respeito das diferenças entre seus trabalhos, dizendo que os próprios túneis seriam mais profundos do que as escavações de Jung e que poderiam se encontrar cada vez que subissem à superfície (McGuire, 1976).

Em 14 de novembro de 1911, Jung respondeu destacando que seu procedimento era do exterior para o interior e do todo para a parte, e que suas diferenças pessoais tornariam seus trabalhos diferentes. É a partir desse momento que o tom de rivalidade entre eles adquire maior intensidade. Em carta anterior, logo após ler *Transformações*, Freud havia contado para Jung que o foco de seu trabalho naquele momento estava sendo a história das religiões (o que seria, mais tarde, *Totem e Tabu*).

Isso deve ter provocado espanto em Jung, bem como medo, pois alguém em quem depositava uma grande estima e autoridade, estava se debruçando sobre um tema que ele também estava. Como realizar um trabalho à altura, nesse caso? Jung somente se referiu pela primeira vez a essa questão, na mesma carta em que falou de suas diferenças, classificando Freud como um “rival perigoso” (McGuire, 1976, p. 525), marcando o início do fim da relação amistosa entre eles.

O elogio de Freud a seu trabalho, deve ter fornecido a Jung a segurança e confiança necessárias para tocar no assunto de sua alteração do conceito de libido, prevista para a segunda parte de *Transformações*, pois, nesta mesma carta, ele abre o jogo para Freud dando sua opinião de que “o conceito de libido, tal como foi estabelecido nos *Três ensaios*, precisa ser suplementado pelo fator genético para torná-lo aplicável à *Dementia praecox*.” (McGuire, 1976, p. 526). Podemos imaginar qual deve ter sido o espanto de Freud ao ver que Jung poderia estar indo pelo mesmo caminho de Adler. O pai da psicanálise foi direto em sua resposta de 30 de novembro:

Eu teria muito interesse em saber o que o senhor quer dizer com uma extensão do conceito de libido, para torná-lo aplicável à Dem. pr. Receio que haja um mal-entendido entre nós, o mesmo gênero de coisa que o senhor declarou certa vez num artigo, isto é, que, no meu modo de pensar, a libido é idêntica a qualquer espécie de desejo, quando, na realidade, simplesmente afirmo que existem dois impulsos básicos e que somente a força que está por trás do impulso sexual pode ser denominada libido (McGuire, 1976, p. 535).

Freud não pareceu gostar da audácia de seu herdeiro em querer mexer com o conceito de libido e sinalizou sua insatisfação ao perceber que o suíço não modificara sua visão desde a

época do artigo citado por Freud a respeito da libido. Ao que parece, Freud estava percebendo que Jung não se adequaria e nem viria a pensar como ele no futuro.

Freud queria dar uma independência teórica para a psicanálise, afirmando que ela deveria se fazer por si mesma. Não se deveria subordinar o material psíquico a qualquer área que não fosse a própria psicanálise. Freud também queria ver essa independência em Jung, ao passo que este considerava “bom fazer incursões ocasionais por outros territórios e olhar o nosso objeto através de um par de óculos diferente.” (McGuire, 1976, p. 536).

Jung, na carta de 11 de dezembro de 1911, esclareceu em poucas palavras sua ampliação do conceito de libido. Disse que a perda da realidade não poderia se reduzir à repressão da libido e que, por isso, substituiu o conceito antes descritivo de libido por um genético. É notável que ao indicar sua alteração, Jung fez alusão a uma passagem de Freud em seu texto sobre Schreber, apontando que percebia que Freud também tinha essa mesma questão. Freud, porém, não deu importância a isso, mas disse na carta de 17 de dezembro de 1911, ser a favor dele “atacar a questão da libido” (McGuire, 1976, p. 538) e que esperava muitos esclarecimentos seus no texto que estava sendo preparado.

Ao final do ano de 1911 um evento ajudaria a inflamar mais essa relação. Uma paciente de Freud, insatisfeita com seu tratamento, voltou para Zurique, sua cidade natal, e acabou por consultar-se com Jung e desabafou a respeito de sua insatisfação com Freud. Jung concordou com ela e demonstrou sua própria insatisfação. Ela retornou a Viena, se consultou com Freud e lhe contou a respeito de sua consulta com Jung. Freud enviou, então, uma carta para Jung, em 31 de janeiro de 1911, criticando sua atitude no atendimento à paciente:

Frau C— contou-me as mais variadas coisas sobre o senhor e Pfister, se é que se pode chamar “contar” às insinuações que ela destila; deduzo que nenhum de vocês adquiriu ainda a necessária objetividade na prática, que ainda se deixam envolver, dando uma boa parte de suas próprias pessoas na expectativa de que o paciente dê algo em troca. Permita-me dizer, falando como o venerável velho mestre, que essa técnica é invariavelmente imprudente e que é melhor permanecer reservado e simplesmente receptivo. (...)

Se o senhor sente realmente qualquer ressentimento contra mim, não há necessidade de usar Frau C— como veículo para torná-lo público. Se ela lhe pedir para informar-me sobre a sua conversa com ela, peço-lhe não deixá-la influenciá-lo ou intimidá-lo; espere apenas a minha próxima ação má e explique-se diretamente comigo (...) Não nego que gosto de estar com a razão. Afinal de contas, esse é um triste privilégio, já que é conferido pela idade. O problema de vocês, mais jovens, parece ser uma falta de compreensão ao lidar com os seus complexos paternos (McGuire, 1976, p. 541-542).

Freud foi implacável em sua crítica e sua raiva era evidente. Atacou a atuação profissional de Jung e sua habilidade em lidar com seu complexo de pai, queixa comum de

seu herdeiro. Além disso, insinuou que haveria algum ressentimento por parte de Jung para com ele. O clima entre eles começou tenso já em 1912. Jung respondeu a essa carta em 2 de janeiro de 1912 e seu tom foi bem ameno, buscando apenas se explicar e manter o bom relacionamento. Porém, para piorar ainda mais a situação, a carta sofreu um atraso de uma semana para chegar à Freud, fazendo Jung estranhar a demora em sua resposta (Kerr, 1997). Com isso, enviou outra carta a ele em 9 de janeiro, mudando seu tom amistoso anterior para um mais agressivo e ressaltando que tinha um posicionamento pessoal quanto à atuação profissional, quase que querendo enviar uma mensagem para Freud:

Para mim a regra principal é que o próprio analista deve possuir a liberdade que o paciente tem que adquirir por seu turno; de outro modo o analista terá ou que fingir ignorância ou, como o senhor diz, deixar-se enlouquecer. Acho que a questão se refere mais às nossas diferentes maneiras de viver do que a qualquer desacordo de princípios. Não reivindico qualquer validade geral para as minhas opiniões, não havendo portanto razão para “ressentimento” (McGuire, 1976, p. 544, grifos do autor).

Ao ressaltar o termo “para mim”, Jung provavelmente quis passar uma mensagem a Freud de que tinha opiniões próprias e que não estava completamente subordinado a ele em tudo. Aos poucos, Jung se libertava do domínio psicológico que a figura de Freud lhe conferia. A resposta de Freud para essa questão não foi das mais acolhedoras. Se Jung esperava amolecer Freud com sua explicação da primeira carta, sua tática não funcionou, mas a relação ainda perdurava, mesmo que ruim. Freud já não enviava cartas extensas como antigamente. Limitava-se a falar do básico e quase sempre sobre questões administrativas. Jung, por sua vez, ainda tentava manter a cordialidade e o investimento na relação, porém, com os longos intervalos de envio das cartas de sempre e as mesmas desculpas com relação ao volume de trabalho. Este fato irritou profundamente Freud nesse momento. O pai da psicanálise não iria mais ser brando com seu herdeiro. Faria sua crítica quando a achasse necessária, como na carta de 18 de fevereiro, em que fez referência ao fato de Jung se esconder em uma “nuvem religiosa-libidinal” (McGuire, 1976, p. 552), evidenciando seu descontentamento sobre a maior importância dada por Jung aos assuntos da libido e da religião do que às atribuições administrativas pelas quais ainda era responsável na associação psicanalítica.

Em 25 de fevereiro, Jung fez alusão ao comportamento de Freud nas correspondências, dizendo ter a impressão de que o pai da psicanálise teria um ressentimento em relação ao seu desleixo na correspondência. Aproveitou para dizer que estava tentando decifrar o significado da “mãe”. Porém, isso não tranquilizou Freud. Pelo contrário. Em sua

resposta, Freud expôs novamente seu descontentamento com o trabalho do suíço, citando: o evento com a paciente no final de 1911; um incidente em que Jung levou uma mordida de cão e não contou a Freud, mas que serviu para atrasar mais o envio das correspondências; sua impressão de que a associação não estava funcionando como deveria, pois, Jung deveria enviar notícias sobre o funcionamento de todos os grupos psicanalíticos locais, mas não cumpria com esse dever; e, o congresso daquele ano não tinha data estabelecida ainda.

Jung respondeu a estas críticas com suas justificativas e ao final da carta, tocou na questão da discordância entre eles com relação às verdades básicas da psicanálise. Pode-se dizer que Jung se arriscou trazendo à baila esse assunto. Mas Freud não respondeu a esse ponto.

O pai da psicanálise estava bem desiludido com o que considerava como falta de interesse de Jung no movimento psicanalítico. Porém, Freud não via que Jung tinha que dar conta do *Jahrbuch*, da associação, do congresso e ainda conseguir atender, pesquisar e escrever artigos e cartas, além dos afazeres familiares. Jung também deveria estar insatisfeito com seu ritmo de trabalho, que não lhe deixava tempo para estudar e pesquisar o que mais lhe interessava. Seu objetivo quando saiu do Burghölzli era conseguir maior tempo para se dedicar a suas pesquisas e não era isso que estava obtendo. Mesmo assim, não pareceu querer prolongar a discussão com Freud e tratou, em sua carta do dia 10 de março, de abordar questões burocráticas e administrativas, desviando o foco. Isso, aparentemente, deu certo. O foco foi mesmo desviado, mas pelo breve período de quase dois meses. Em 27 de abril de 1912, Jung relatou suas conclusões a respeito do tema do incesto. Sua perspectiva, decididamente diferente da de Freud, como veremos no próximo capítulo, rendeu uma reação do pai da psicanálise no dia 23 de maio de 1912: “confesso ter uma forte antipatia pela sua inovação” (McGuire, 1976, p. 576).

Freud justificou sua antipatia com dois argumentos. Um era que Jung estava propondo a ideia de que a proibição do incesto tenha sido criada pela ansiedade flutuante³⁸ e não o contrário, como postulava Freud. O outro era referente a uma semelhança com um teorema de Adler a respeito da libido do incesto, que dizia que ela seria arranjada pelo neurótico: ele não teria desejo pela própria mãe, de fato, mas quereria munir-se de sua própria libido e, desse modo, fingiria que ela era tão monstruosa que nem sua mãe seria poupada. Ao final da carta,

³⁸ O termo “ansiedade flutuante” foi primeiramente usado por Jung na carta de 17 de maio de 1912 na seguinte frase: “... o incesto é proibido não porque é desejado, mas porque a ansiedade flutuante reativa regressivamente o material infantil e o transforma numa cerimônia de reparação...” (McGuire, 1976, p. 574). Entendemos que não se trata da libido, embora, normalmente em Jung, o que reativa o material regressivo é a libido. Não encontramos referências a essa passagem nos comentadores da obra de Jung.

Freud informou que iria visitar Binswanger no dia 24 de maio, dia seguinte ao envio dessa carta. Binswanger estava morando em Kreuzlingen na época e este episódio marca o que se conheceu, dentro da história do relacionamento entre os dois, de “gesto de Kreuzlingen”.

O motivo por ficar conhecido a ponto de ter um “título” para o evento, se dá pelo ressentimento de ambos, mas principalmente de Jung. O suíço se ressentiu com Freud por este não ter ido visitá-lo enquanto estava em Kreuzlingen, pensando ter sido por conta da desaprovação de Freud por sua inovação no conceito de libido. Entretanto, a falta de resposta de Freud também o irritou. Não se sabe exatamente o que ocorreu, mas o fato é que no dia 25 de maio, Jung escreveu uma carta a Freud questionando a respeito do atraso na resposta de sua última carta. Conforme McGuire (1976) esclarece em uma nota de rodapé, uma carta de Viena a Zurique demorava cerca de um dia para chegar ao destino. No caso, não se sabe o motivo da demora da leitura da carta por Jung, mas ele não leu a resposta de Freud no dia seguinte ao seu envio pelo pai da psicanálise. Não há dados suficientes para ajudar a elucidar essa questão nem em Bair (2006), nem em Kerr (1997), nem em McGuire (1976). Bair (2006) somente afirma que não se sabe o que houve entre essa carta de Jung de 25 de maio e sua próxima, datada de 8 de junho, quase duas semanas de distância entre um envio e outro.

Na carta de 8 de junho, Jung respondeu aos argumentos de Freud exigindo ser tratado como o pesquisador competente que era, afirmando que tinha boas razões para acreditar em suas ideias. Por fim, citou a falta de interesse de Freud em visitá-lo – já que estava a apenas cerca de sessenta e cinco quilômetros de distância – como um resultado de sua insatisfação com a teoria da libido proposta por ele (McGuire, 1976). Talvez sua ansiedade e preocupação pela possível desaprovação de Freud tenham afetado o julgamento de Jung quanto à atitude de Freud, intensificando sua reação.

Freud respondeu a isso afirmando que não o visitou, pois teria pouco tempo de viagem, cerca de 48 horas, apenas, e que viajar até Jung faria com que perdesse meio dia de todo o período de sua curta visita, além de ter se decidido de última hora por ela. E reafirmou que não foi por conta da teoria da libido, já que não ficou claro a natureza da modificação e que ele não sabia de sua motivação para tal mudança. Esclareceu que Jung poderia ter se oferecido para a visita, mesmo que ele ou Binswanger não o tivessem convidado e que iria gostar disso. Porém, Jung sentiu o descaso. O motivo apresentado por Freud a Jung, conforme Kerr (1997), não está de acordo com a realidade, pois, Freud confirmou a viagem no dia 16 de maio e teve uma semana para comunicar Jung, coisa que não fez. Outra questão envolvia o caráter da viagem. Freud estava indo visitar Binswanger por conta de uma cirurgia que este fez para a retirada de um tumor no abdômen e, naquela época, o prognóstico para esse tipo de

problema não era dos melhores e Binswanger acreditava que iria morrer em breve, por isso, pediu a Freud que mantivesse segredo sobre isso. Além disso, Freud também estava interessado em auxiliá-lo em um artigo que estava escrevendo e queria terminar antes de sua “morte” (Binswanger viveu até 1966).

O fato é que, depois dessas cartas, só há registros de cartas enviadas de Jung a Freud, tratando de assuntos burocráticos, em sua grande maioria. Nesse meio tempo, em setembro de 1912, Jung proferiu suas palestras na Universidade Fordham e a segunda parte de *Transformações* foi publicada. A próxima carta considerável de Jung a Freud só será escrita em 11 de novembro. Nela, Jung contou como foram as palestras e o quanto suas inovações, no caso, a teoria da libido e o incesto, atraíram o interesse do público. Manifestou o interesse de que Freud pudesse vir a aceitar suas modificações na teoria da libido e citou o quanto o gesto de Kreuzlingen lhe ocasionou uma ferida duradoura e esclareceu que tinha razões objetivas para seus pontos de vista e que não queria ser tratado como um tolo cheio de complexos (McGuire, 1976).

Ao responder, Freud deixou claro que seu afeto pelo suíço havia diminuído e comentou que aguardava uma separata das conferências proferidas nos Estados Unidos, pois as modificações que propôs da libido não estavam totalmente claras na segunda parte de *Transformações*. Paralelamente a essa discussão, o grupo de Viena estava com alguns assuntos burocráticos que precisavam ser resolvidos e Jung tratou de organizar uma reunião com os presidentes de diversas sociedades europeias filiadas à associação. A reunião foi em Munique em 24 de novembro e, nessa ocasião, Jung teve uma conversa com Freud a respeito do “gesto de Kreuzlingen”. Aparentemente os dois conseguiram se entender (Kerr, 1997). Parecia que a trégua estava estabelecida, mas na verdade, não.

Nas cartas seguintes, os dois elevaram o tom e trocaram vários insultos a ponto de Freud tomar a iniciativa de propor o término das relações pessoais entre eles em 3 de janeiro de 1913 e foi o que se seguiu. O último registro de carta de Freud a Jung foi em 27 de janeiro de 1913, aparentemente, as restantes foram perdidas e somente as de Jung foram conservadas. O suíço enviou cartas a Freud durante todo o ano de 1913, porém, com longos intervalos (McGuire, 1976). Jung já estava bem mal falado no círculo psicanalítico e mesmo tendo sido reeleito para a presidência da Associação Internacional de Psicanálise no congresso de Munique daquele ano, estava infeliz. Alguns protestos durante a votação tinham ocorrido com abstenções de votos (Jung era o único candidato) e esse panorama não o agradou. Em vista deste fato, renunciou à presidência em 20 de abril de 1914, cortando, definitivamente, seus laços com o círculo psicanalítico e com Freud (Kerr, 1997).

Cabe retomar a opinião de Jones (1989) acerca do rompimento, que disse que um dos principais motivos fora a desilusão de Freud com a administração de Jung. No início de 1912 isso ficou mais expressivo, pois foi quando Freud listou as suas insatisfações com ela. Quando percebeu que Jung estava deixando de realizar suas atividades na revista e na associação para trabalhar em uma modificação da teoria da libido, isso deve ter despertado a ira de Freud. Aqui, podemos questionar, caso Jung estivesse realizando um estudo que fosse de amplo interesse de Freud e estivesse dentro do que sua teoria pregava, sem realizar alterações, se o seu mau desempenho administrativo teria realmente importado. Portanto, acreditamos que a opinião de Jones se relaciona intimamente ao fato de Jung estar pesquisando acerca de um tema que ia contra os preceitos psicanalíticos principais. Tal consideração pode ter escapado a Jones. Além disso, se as ideias de Jung não tivessem sido um dos principais fatores para o rompimento e motivo de preocupação para Freud, este não teria se ocupado em delimitar, em *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico*, de 1914, o que seria psicanálise ou não.

Acreditamos que outros fatores também poderiam ter influenciado Jung em sua decisão pela ruptura com Freud e o movimento psicanalítico, como sua história pessoal, sua espiritualidade, sua prática clínica, os filósofos que o influenciaram, sua relação com Sabina Spielrein e a própria relação pai-filho estabelecida com Freud. São muitos dados possíveis para análise, e o propósito aqui é averiguar o impacto da obra em Freud, deixando de lado as inúmeras razões para o rompimento, pois analisá-las seria uma tarefa imensa, diferente do que pretendemos neste trabalho.

Veremos como em *Transformações*, o incesto recebeu grande atenção por parte de Jung sendo, até mesmo, simbolizado. Por ser um conceito que possui a grande importância que tem dentro do pensamento freudiano, tal modificação de Jung foi alvo de críticas por parte de Freud em *Contribuições à História do Movimento Psicanalítico* (1914). A noção junguiana de desenvolvimento psíquico e de etiologia das neuroses são diferentes das de Freud. Isso culminou na ideia de existência de um mito do herói para explicar esses dois fenômenos, em contraposição ao complexo de Édipo. Tal ideia junguiana será melhor esclarecida no terceiro capítulo, como veremos.

3 A ANÁLISE DE TRANSFORMAÇÕES

Neste terceiro capítulo, serão abordadas as críticas de Jung feitas às ideias de Freud em seu livro *Transformações e Símbolos da Libido*. Algumas dessas críticas são feitas diretamente, como a questão que será vista mais adiante acerca da noção de libido ser compreendida como estritamente sexual. Outras são realizadas por meio de teses que vão de encontro às ideias psicanalíticas da época, sendo, portanto, inovações que demandariam mudanças na teoria.

Na obra, Jung se valeu das fantasias produzidas por Miss Miller, uma jovem americana paciente de Théodore Flournoy, perturbada por fantasias, internada várias vezes em hospitais psiquiátricos, para realizar analogias entre essas produções e as imagens mitológicas criadas por povos antigos. Ele entrou em contato com essas fantasias porque Flournoy as publicara em sua revista *Archives de Psychologie*, em 1904 (Taylor, 2009).

O livro de Jung se desenvolveu em duas direções principais: o lançamento das bases para uma psicologia científica e uma atualização da compreensão dos fenômenos e da dinâmica libidinal presentes no processo psicopatológico da demência precoce. Para isso, Jung se utilizou de algumas hipóteses que lhe servem de fundamento teórico: o caráter criador e destruidor da libido; o desenvolvimento do pensamento humano por meio de uma dinâmica entre o indivíduo, o meio e as instituições culturais; o papel psicológico e histórico do mito do herói; e a proposta de uma nova teoria da libido em que ela seria expressa por meio de símbolos (Massière, 2016).

Jung também realizou certas alterações em alguns conceitos psicanalíticos da época, como o de libido e o de inconsciente, concebeu outra etiologia para as neuroses e coloca a mitologia no patamar de explicar a psique e não o contrário, como era para Freud. Pode-se dizer que Jung também discutiu, de maneira indireta, a questão do complexo de Édipo em *Transformações*. Ele não o mencionou explicitamente, mas abordou o desejo incestuoso e a própria noção de incesto, além de propor um novo mito para o desenvolvimento psíquico, sugerindo um deslocamento da posição central do mito do Édipo como etiologia das neuroses. Neste capítulo explicaremos essas alterações e quais foram as críticas realizadas a ele por expoentes do movimento psicanalítico da época, como Freud e Ferenczi.

Daremos início a nossa análise apresentando, primeiramente, a ideia de inconsciente de Jung contida no livro. Em seguida, discutiremos a importância da mitologia, a ampliação do conceito de libido e, por fim, as modificações que levam a uma mudança na compreensão do adoecimento psíquico.

3.1 Inconsciente

O inconsciente é um conceito que sofreu grandes mudanças. Ele foi ampliado para englobar, também, resquícios simbólicos dos povos passados. Conforme o próprio autor afirmou na introdução do livro, tais materiais “podem lançar uma nova luz sobre os problemas da psicologia individual” (Jung, 1911-12/1916, p. 7, tradução nossa). Haveria uma relação entre o funcionamento psíquico dos povos antigos e o dos povos contemporâneos. Mas qual?

Jung respondeu a essa pergunta apresentando sua teoria dos dois tipos de pensamento: o de fantasia e o dirigido. O pensamento dirigido se relaciona à causa e efeito, à adaptação, à realidade, à lógica e à ciência, e à comunicação. Já o de fantasia está ligado aos sonhos, às fantasias, e não possui a característica de adaptação à realidade. Este último trabalha espontaneamente e é o responsável pela criação dos mitos e dos sonhos. É o tipo de pensamento do qual as crianças e os povos mais antigos se utilizavam para pensar e encarar a realidade. Ao apresentar esta relação entre as psiques infantis e as dos povos antigos, Jung quis dizer que este modo de pensamento é menos desenvolvido e mais arcaico que o dirigido.

A forma como Jung viu a existência dessa relação se deu pelo fato de que os povos antigos e as crianças criaram histórias fantásticas para explicar o mundo. A criança com suas histórias fantásticas de como as nuvens são feitas de algodão, por exemplo, e os povos antigos a partir da criação de mitos.

Toda essa experiência nos sugere que tracemos um paralelo entre o pensamento fantástico e mitológico da antiguidade e o pensamento similar das crianças, entre os povos primitivos e os sonhos. Esse raciocínio não nos é estranho, mas bastante familiar através do nosso conhecimento de anatomia comparada e da história do desenvolvimento, que nos mostram como a estrutura e função do corpo humano são o resultado de uma série de mudanças embrionárias que correspondem a mudanças similares na história humana. Portanto, justifica-se a suposição de que a ontogênese corresponde em psicologia à filogênese. Consequentemente, seria verdade, também, que o estado de pensamento infantil na vida psíquica da criança, assim como nos sonhos, nada mais é do que um eco do pré-histórico e do antigo. (Jung, 1911-12/1916, p.27-28, tradução nossa).

Para realizar esta afirmação, Jung se baseou nas teorias da herança filogenética, na teoria biológica evolucionária, mais especificamente, a da lei biogenética de Ernst Haeckel para se referir a esta parte histórica da psique (Nagy, 2003). Para Haeckel (1866), é possível se observar a história da evolução humana no desenvolvimento ontogenético do indivíduo: “A ontogênese é uma breve e rápida recapitulação da filogênese” (p. 300, tradução nossa). Nos anos de escrita de *Transformações*, a ideia de Haeckel era muito popular no meio científico e,

por isso, muito difundida, exercendo influência sobre as teorias do desenvolvimento infantil da época (Nagy, 2003).

Essa crença de Haeckel era sustentada pela ideia lamarckiana de herança seletiva de caracteres adquiridos. E mesmo após a redescoberta das leis hereditárias de Mendel, em 1900, que derrubou a justificação científica de recapitulação ontogenética e a ideia lamarckiana de caracteres adquiridos, a ideia de Haeckel continuou a ser popular e aceita no meio científico.

Baseado nessa ideia de Haeckel, Jung considerou a existência de uma correlação entre o desenvolvimento psíquico individual (relacionado à ontogênese) e o desenvolvimento psicológico da espécie humana (relacionado à filogênese). Dessa forma, para Jung, assim como no desenvolvimento embrionário, desde a gestação, cada um de nós carregaria a história evolucionária de nossa espécie e o mesmo se daria com o desenvolvimento psíquico: por carregarmos a história evolucionária da psique humana, repetimos o funcionamento psíquico de uma época antiga na história evolutiva humana, a saber, a faculdade de criar fantasias acerca da realidade. De acordo com Nagy (2003), ao aplicar a ideia filogenética à sua teoria, Jung abriu caminhos para uma noção de psique histórica. Diz Jung:

Assim como nossos corpos ainda conservam os resquícios de condições e funções antigas em muitos órgãos antiquados, nossa mente também, mesmo, aparentemente, parecer ter superado aquelas tendências arcaicas, ainda assim, carregam as marcas da evolução que passou, e o muito antigo se repete em sonhos e fantasias (Jung, 1911-12/1916, p.35, tradução nossa).

Conforme a ideia acima, esses conteúdos inatos se mostrariam nos sonhos e nas fantasias de pessoas saudáveis ou não. O autor acreditava que o inconsciente era dividido em conteúdos herdados e comuns a toda a humanidade - que se expressariam, por exemplo, nos mitos - e em conteúdos individuais.

Nagy (2003, p. 156) lançou uma questão acerca do entendimento do termo “filogenético” por Jung e de como ele se aplica à teoria junguiana. Pergunta se este termo se refere ao “desenvolvimento fisiológico ou a modelos existentes *a priori* na mente?” Para ela, encontramos na obra de Jung uma resposta insatisfatória e pouco precisa, levando a uma interpretação de que as duas leituras seriam possíveis, ou seja, poderíamos supor tanto o desenvolvimento fisiológico, quanto modelos existentes *a priori*. Nagy (2003) afirmou que é certo que os humanos possuem uma história filogenética, porém, é possível questionar sob qual forma essa história se faz presente. Trata-se aqui de já problematizar os primórdios do conceito de arquétipo, que foi apresentado somente em 1916. Ou seja, na época da escrita de *Transformações*, Jung não apresentou uma explicação de como aquilo que será

posteriormente conhecido como arquétipo é transmitido de pessoa para pessoa, se por meio cultural ou se por meio genético. Na opinião de Nagy (2003), isso tampouco ocorreu no decorrer da obra junguiana.

Roesler (2012) tentou responder à pergunta a respeito da forma com que o arquétipo se transmite. Em seu trabalho, o autor investigou como Jung chegou ao conceito das imagens arcaicas (e posteriormente, ao conceito de arquétipo), apontando dois caminhos que o suíço percorreria: através do seu estudo de associação, no qual percebeu que um grande número de participantes possuía complexos semelhantes e supôs que deveria haver um protótipo padrão compartilhado por toda a humanidade por trás deles; e, através de sua experiência com pacientes psicóticos no Burghölzli, onde encontrou casos de pacientes que produziam fantasias paralelas a motivos de mitos antigos, como, por exemplo, o caso do Homem do Falo Solar, visto no capítulo anterior. Este foi um caso emblemático para Jung, pois o fez suspeitar da existência de alguma função no ser humano que produzia a mesma ideia - ou outras semelhantes - que seria universalmente humana. Essas ideias irão se fundir ao sonho que teve enquanto estava nos Estados Unidos, em 1909, da casa com o porão em diversos níveis que, por sua vez, permitirão que Jung pense na possibilidade do inconsciente possuir diversas camadas (Bair, 2006).

Bair (2006) apresentou uma crítica a esta conclusão de Jung, argumentando que para poder afirmar que esses casos presenciados por ele são manifestações de imagens arcaicas universais, Jung teria de ter certeza de que em nenhum dos casos as pessoas tiveram algum contato com o conteúdo das fantasias, e não havia como obter essa certeza em todos os casos. Jones (2007), por sua vez, criticou a conclusão encontrada por Jung através da análise do caso do Homem do Falo Solar dizendo que, se fosse universal, deveriam ser encontrados mais casos de criações fantásticas com esse motivo, ao invés de ser encontrada em um texto antigo e em um único caso. Entretanto, Jones (2007) ignorou o fato de que Jung encontrou este tema mitológico em uma pintura e que não há como afirmar que não houve outras produções fantásticas com este tema, posto que Jung não esteve em contato com todas elas.

Fica, assim, evidente a ampliação do conceito de inconsciente proposto por Freud. Jung realizou esta modificação por não ver o conceito freudiano como amplo o suficiente para explicar toda a gama de fenômenos psíquicos produzidos pelos indivíduos, especialmente os psicóticos.

Jung acreditava que os conflitos e conteúdos psíquicos humanos, mesmo tendo um fundo em comum, eram diferenciados pela individualidade. Essas diferenças individuais superariam a uniformidade dos conteúdos inconscientes advindos de experiências e funções

psicológicas arcaicas. Jung, nessa época, lançou as bases do que mais tarde seria sua teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo, ampliações que tampouco vão ao encontro das ideias freudianas. A proposta de Jung para transformar a psicanálise em uma ciência tinha como caminho a universalização dos conteúdos e dos complexos (Massière, 2016).

É importante destacar a modificação proposta por Jung a respeito do inconsciente, pois ela se relaciona diretamente com a forma como o suíço pensa a etiologia das neuroses. A mãe não é vista como a mãe biológica, mas como um símbolo que carrega significados oriundos de povos antigos e oriundos da relação atual que os sujeitos estabelecem com a figura materna. O autor buscou nas produções mitológicas de povos antigos, os significados que estes atribuíam à mãe e os trouxe para a atualidade, apoiando-se neles para construir sua visão a respeito das neuroses. Entretanto, tal visão difere em muitos aspectos da psicanálise e isso inspirou uma reação de Freud e de Ferenczi, como veremos mais adiante.

3.2 A Mitologia e sua relação com o psiquismo

Na introdução de *Transformações*, Jung estabeleceu a relação que acredita existir entre a mitologia e o psiquismo: “assim como as concepções psicanalíticas promovem a compreensão das criações psicológicas históricas, também os materiais históricos, inversamente, podem lançar uma nova luz sobre os problemas da psicologia individual” (Jung, 1911-12/1916, p. 7, tradução nossa).

Conforme vimos no item anterior, Jung percebia que havia uma parte do inconsciente comum a todos os humanos e que se expressava nos mitos, nas fantasias e nos sonhos. Partindo dessa ideia, Jung trouxe em seu livro *Transformações* as produções mitológicas de alguns povos antigos e as analisou, relacionando seu conteúdo simbólico com as produções fantásticas individuais de Miss Miller, abrindo portas para que uma melhor compreensão acerca do funcionamento psíquico, em geral, fosse alcançada. Sua ideia é a de que o desenvolvimento histórico e psicológico do ser humano deixaria certos rastros ao longo de seu processo evolutivo. Ao fazer isso, Jung universalizou os conteúdos simbólicos humanos.

Em setembro de 1912, Jung proferiu uma série de palestras na Universidade de Fordham³⁹, em que apresentou de modo didático muitas das ideias contidas em

³⁹ Essas conferências, que utilizaremos para apresentar algumas das ideias de *Transformações*, foram publicadas em seu livro *Freud e a Psicanálise*, Volume 4 das Obras Completas (OC). Conferir a seção “Referências” do presente trabalho.

Transformações. Em uma delas, falou a respeito das criações míticas, dizendo que “os mitos não foram e não são idealizados conscientemente, mas brotam do inconsciente da pessoa humana.” (Jung, 1913⁴⁰/2014, §477⁴¹). E seguiu afirmando que os mitos “são em primeiro lugar manifestações de impulsos inconscientes” (ibidem). Jung (1911-12/1916) considerou os deuses mitológicos como representações simbólicas da libido, isto é, representantes de impulsos que orientam o percurso da libido na psique. Jung destacou, também, a presença de alguns elementos mitológicos em diversos povos, como o símbolo da cruz, difundido pelo mundo e não somente em sociedades adeptas do cristianismo.

Através de uma criação fantástica de Miss Miller utilizada por Jung em *Transformações*, denominado *A Mariposa e o Sol*, é possível verificar como o mito do herói solar se manifesta nas fantasias:

Ansiei por ti quando primeiro rastejei para a consciência, / Meus sonhos todos tratavam de ti quando na crisálida dormia. / Miríades de minha espécie esgotam suas vidas / Contra uma tênue centelha vinda de ti. / Só uma hora mais – e minha pobre vida se esvai; / Mas meu último esforço, como o primeiro desejo meu, será / Apenas de tua glória aproximar-me; depois, obtido / Um vislumbre encantado, eu morrerei contente, / Pois a fonte de beleza, calor e vida / Em seu esplendor perfeito, por uma vez olhei (Miller, 1906/2016, p. 637).

A história é de uma mariposa que anseia, deseja o Sol, mas que nunca poderá tocá-lo. Jung traçou um paralelo entre o Sol do poema com o Sol mitológico, o deus Sol, e compara a ânsia e a veneração das pessoas por esse Deus com o sentimento da mariposa pelo Sol do poema. Jung também recorreu à figura do herói solar, que morre e renasce renovado, presente em alguns mitos em figuras como Jesus, Mitra e outros. O anseio de Miss Miller, na interpretação de Jung (1911-12/1916), é por esse personagem, por esse herói, e o motivo ficará mais evidente quando tratarmos de incesto, mais adiante. O mito do herói possui uma importância ímpar para Jung, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento e equilíbrio psíquicos e foi um ponto de destaque na construção de sua ideia de adoecimento psíquico.

Ferenczi, em um artigo publicado em 1913, realizou algumas críticas à obra *Transformações*. Dentre elas, o uso do material escolhido por Jung, ou seja, a mitologia e as criações de Miss Miller. Segundo ele, as diferentes mitologias sofreram alterações ao longo

⁴⁰ A diferença entre essas datas se dá pelo motivo de que as conferências foram proferidas em 1912, porém, publicadas pela primeira vez em 1913. Para a data das referências, nos ateremos à data da primeira publicação.

⁴¹ As citações referentes às obras de Jung publicadas no Brasil como obras completas seguirão o padrão de estudos nacionais e internacionais, sendo referenciadas a partir de seus parágrafos. A obra *Transformações e Símbolos da Libido* não será tratada como pertencente às obras completas, visto que em sua 4ª edição, seu título e conteúdo foram modificados, dando margem para ser considerada outra obra.

dos anos, distanciando os materiais disponíveis atualmente, dos originais. Por esse motivo, ficaram forçosamente incompreensíveis sem uma redução preliminar e inutilizáveis para fins de análise psicológica. Tal argumento também foi utilizado por Freud, muito antes do artigo de Ferenczi, em uma carta a Jung datada de 17 de dezembro de 1911, para justificar suas objeções ao método, referido por ele como o “mais óbvio para explorar a mitologia” (McGuire, 1976, p. 538). Freud afirmou:

(...) afirmo que as versões superficiais dos mitos não podem ser usadas acriticamente para comparação com as nossas descobertas ψ Alíticas. Devemos encontrar o caminho de volta para as suas formas latentes, originais, através de um método comparativo que elimine as distorções a que foram submetidos no decorrer da história (ibidem, p.539).

A respeito das criações de Miss Miller, Ferenczi (1913/2011) argumentou que Jung tomou como material de estudo uma produção fantástica em que ele não poderia questionar pessoalmente quem as produziu para investigar sua veracidade. Tal fato, para o psicanalista, torna suas interpretações carentes de segurança e vagas. Ferenczi (1913/2011) ressaltou que os psiconeuróticos, se fossem interrogados a respeito da gênese de suas produções psíquicas, revelariam as “camadas de seu psiquismo que estão distanciadas, nos planos formal e temporal, de seu psiquismo atual” (Ferenczi (1913/2011, p. 100). A forma como a psicanálise freudiana analisava os mitos, como percebemos, era diferente da proposta por Jung. Em carta a este, datada de 5 de julho de 1910, Freud nos mostrou isso com maiores detalhes:

não podemos tomar o todo da fachada por revelador, como no caso de uma alegoria, mas temos de nos limitar ao conteúdo, traçando a gênese dos elementos que o compõem para não sermos enganados por acréscimos posteriores, duplicações, condensações, etc. Em suma, um procedimento muito semelhante ao que requerem os sonhos (McGuire, 1976, p. 395).

Aparentemente, tais aspectos não foram, de fato, considerados por Jung. A partir dessas críticas, podemos compreender que, na psicanálise, o método de análise dos mitos se assemelhava ao método de interpretação dos sonhos. Gewehr (2013) explica que, se Freud via os sonhos como mitos, é porque ambos seriam complexos psíquicos da mesma origem e com o mesmo mecanismo operacional. E, se os mitos possuem condensações assim como os sonhos, significa que são imagens sujeitas à “barreira de repressão, à castração, ao desdobramento do complexo de Édipo” (Gewehr, 2013, p. 90, tradução nossa). Nesse caso, é o complexo de Édipo que explicaria a produção mítica a respeito deste mesmo herói e de todos os outros, e não o inverso. Ou seja, o Édipo estaria na base das produções míticas,

possuindo o papel de mito fundador, no qual todos os outros encontrariam seu significado e origem.

Os helenistas Vernant e Vidal-Naquet (1999) criticaram essa visão de Freud acerca da existência de um mito fundador. Os autores apontaram que esse mito fundador, para Freud, é o mito do Édipo, e tentaram desconstruir essa ideia argumentando que cada mito possui sua história específica, com seu contexto histórico e temas específicos, e que se basear no Édipo para compreendê-los, é reduzir e desconsiderar esta variedade particular de significados que cada história mitológica possui. Os autores mostram que a própria história do rei Édipo não tem como tema central o incesto, mas a conquista de poder. Para Jung (1911-12), como é possível se observar em *Transformações*, não são todos os mitos que possuem como tema ou podem ser reduzidos ao incesto, tanto, que ele somente menciona o que para ele possui este conteúdo. E mesmo destacando o mito do herói solar como importante para o desenvolvimento psíquico, não reduziu os mitos a ele, como Freud fez com o mito de Édipo.

Para Gewehr (2013), com a escrita de *Transformações*, Jung apresentou a ideia chave de sua futura teoria: que os símbolos não poderiam ser reduzidos a nada mais, são fenômenos psíquicos por si só. Os mitos revelariam várias dinâmicas psíquicas, bem como, um processo de integração gradual e relativa do inconsciente pelo consciente. Para Jung, não se tratava de encontrar um mito fundador, no qual todos os outros encontrariam seu significado e origem, tal como Freud pensava acerca do Édipo. Sua intenção ao analisar as fantasias de Miss Miller e as mitologias era a de estabelecer uma relação universal, evidenciando elementos comuns a todos os seres humanos. Questionar os indivíduos que produziram tais fantasias iria apenas trazer os motivos individuais de cada um, quando, na verdade, Jung buscava evidenciar motivos universais. Estes vão além dos indivíduos e podem ser identificados mesmo com as barreiras da repressão, da ação da castração e do desdobramento do complexo de Édipo, pois as fantasias individuais seriam uma maneira pessoal de manifestação desses elementos universais.

Além disso, podemos pensar na validade da crítica de Freud e Ferenczi a Jung, sobre o uso de um material em que não é possível ter contato com quem o produziu. Essa mesma ideia poderia ser usada contra o próprio Freud, pois ele próprio escreveu obras baseadas em análises sem um contato pessoal com o produtor das fantasias, como, por exemplo, Schreber e o Pequeno Hans. A análise de Schreber foi baseada na leitura de um livro e o do Pequeno Hans, como vimos no capítulo um, foi baseada nas anotações do pai do menino. E, também, pode-se criticar a utilização direta de um mito para se referir a um comportamento, como o do

Rei Édipo, pois este pode ter sido modificado ao longo dos anos. Afinal, com o uso do mito de Édipo, Freud não teria feito o mesmo que Jung?

3.3 Potencial prospectivo da mente

Além de ampliar a noção de inconsciente e de relacionar alguns conteúdos do psiquismo com a mitologia de diversos povos, Jung também inovou ao introduzir a ideia de uma função de psicossíntese ou potencial prospectivo da mente.

Jung encarou as fantasias dos neuróticos e psicóticos como detentoras de um caráter teleológico (ou prospectivo), orientadas para um fim. Ele considerava que havia uma tentativa da psique de realizar uma cura. No percurso regressivo da libido na neurose (que explicaremos adiante), o doente poderia “descobrir um novo plano de vida” (Jung, 1913/2013, p. 187).

Antes de apresentar em *Transformações* o caráter prospectivo da mente, Jung apresentou a Freud numa carta escrita em 12 de abril de 1909, em que utilizou o termo “psicossíntese” para denominar o mesmo fenômeno:

Ocorreu-me intuir que, por baixo de tudo isso, haja um complexo inteiramente singular, um complexo universal relacionado às tendências prospectivas do homem. Se há uma “psicanálise” deve também haver uma “psicossíntese” que cria os acontecimentos futuros segundo as mesmas leis. (McGuire, 1976, p. 267).

Obviamente, que tal visão não foi bem aceita por Freud na época, como podemos verificar na carta datada de 16 de abril de 1909, em que respondeu a Jung a respeito desse conceito: “meneio minha sábia cabeça para a psicossíntese, pensando: é assim que são os moços, os únicos lugares que realmente têm prazer em visitar são os que podem atingir sem a gente, lá onde nosso fôlego curto e as trôpegas pernas não nos permitem segui-los” (McGuire, 1976, p. 269). Freud percebeu o desvio que o conceito de psicossíntese produzia em suas próprias teorias, porém, não tentou proibir ou coibir Jung de seguir por essa via, apenas optou por não o acompanhar.

A seguir, vemos mais detalhadamente como Jung compreendeu a psicossíntese, por meio de uma nota de rodapé em *Transformações*:

(...) sem dúvida, o inconsciente contém material que não se eleva ao limiar da consciência. A análise dissolve essas combinações em seus determinantes históricos, pois uma das tarefas essenciais da análise é tornar impotente por dissolução o

conteúdo dos complexos que competem com a conduta de vida adequada. A psicanálise funciona de forma contrária, como a ciência da história. Assim como a maior parte do passado está tão distante que não é alcançada pelo conhecimento histórico, também a maior parte dos determinantes inconscientes é inalcançável. A história, porém, nada sabe sobre dois tipos de coisas, o que está oculto no passado e o que está oculto no futuro. Ambos talvez possam ser alcançados com certa probabilidade; o primeiro como postulado, o segundo como prognóstico histórico. Na medida em que o amanhã já está contido no hoje e todos os fios do futuro estão colocados, um conhecimento mais profundo do passado pode tornar possível um conhecimento mais ou menos abrangente e certo do futuro. Vamos transferir esse raciocínio (...) à psicologia. Então, necessariamente, devemos chegar ao mesmo resultado. Assim como traços de memória há muito subliminares são acessíveis ao inconsciente, também existem certas combinações subliminares muito boas do futuro, que são da maior importância para os acontecimentos futuros, na medida em que o futuro é condicionado por nossa própria psicologia. Mas assim como a história não se preocupa com as combinações para o futuro, que é objeto da política, tampouco as combinações psicológicas para o futuro são alvo da análise; elas seriam muito mais o objeto de uma síntese psicológica infinitamente aperfeiçoada, que tenta acompanhar o curso natural da libido. Isso não podemos fazer, mas possivelmente isso pode acontecer no inconsciente, e parece que de vez em quando, em certos casos, fragmentos significativos desse processo vêm à tona, pelo menos nos sonhos. Daí vem o significado profético do sonho há muito reivindicado pela superstição (Jung, 1911-12/1916, p. 493, tradução nossa).

Lembremos que, ao fazer esta afirmação, Jung se considerava um psicanalista, usando o termo ‘psicanálise’, pois ainda pertencia ao círculo psicanalítico próximo a Freud. Entretanto, tal ideia não encontrou espaço no meio psicanalítico. A psicanálise baseia seu tratamento na investigação do percurso que a libido fez até o presente, no intuito de identificar a etiologia da doença.

O que Jung queria dizer com “psicossíntese” seria a junção (síntese) realizada de probabilidades de ocorrências de determinados fenômenos ligados ao estado mental do indivíduo, para a criação de um prognóstico, muitas vezes manifestado por meio de imagens, contendo uma possibilidade de acontecimento futuro. Esta junção ocorre a partir das informações às quais o inconsciente tem acesso, ou seja, toda a história de vida do indivíduo e como ela foi desenrolada: suas escolhas, percepções, vivências, reações corporais etc. São essas informações que são combinadas e compiladas pelo inconsciente na formação deste prognóstico. Muitas vezes, tais imagens aparecem em sonhos e fantasias, mostrando-se para a consciência. Algumas podem oferecer uma solução a problemas ou dificuldades que o indivíduo enfrenta em sua vida.

A proposta de Jung caminhou na direção de se olhar um determinado conteúdo psíquico não apenas direcionado à sua causa, ao seu passado, mas também ao futuro, a um cenário que a própria mente do indivíduo indica. Não se trata de uma previsão de futuro, mas de uma sugestão inconsciente de um caminho a se seguir. Jung não foi o primeiro a discutir a respeito desse aspecto psíquico. Conforme apontou Shamdasani (2011), outros autores com os

quais Jung teve contato também falaram de uma função teleológica da vida ou da mente, como Carus, von Hartmann e seus amigos Flournoy e Maeder. É importante que se diga que, embora essa ideia não tenha sido inventada por Jung, ele a ampliou para as produções fantásticas dos neuróticos.

Esta função inconsciente se relaciona diretamente ao aspecto progressivo da libido, ao indicar uma tentativa de transformação da libido para uma forma de expressão superior. Para explicar melhor sobre isso, segue-se o tópico sobre “libido”.

3.4 Conceito de libido

Chegamos agora ao que talvez seja o eixo principal do ponto de ruptura com as ideias freudianas. Trata-se das mudanças no conceito de libido.

Antes mesmo de iniciar a comunicação com Freud, a questão da ênfase na sexualidade da teoria psicanalítica foi um problema para Jung. No prefácio do texto de *Psicologia da ‘Dementia Praecox’: Um Ensaio*, de 1906, Jung escreveu:

Se admito, por exemplo, os mecanismos complexos dos sonhos e da histeria, não significa, de forma alguma, que atribuo ao trauma sexual da juventude uma significação exclusiva, como Freud parece fazer; muito menos que eu coloque a sexualidade em primeiro plano, acima de tudo, ou lhe confira universalidade psicológica que, como parece, é postulada por Freud, pela impressão do papel poderoso que a sexualidade desempenha na psique (Jung, 1906/2012, p. 11⁴²).

Este prefácio data de julho de 1906 e a comunicação com Freud se iniciou em outubro do mesmo ano. Como visto no capítulo anterior, logo nas primeiras cartas enviadas a Freud, Jung expôs seu questionamento acerca da ênfase sexual. Na carta datada de 23 de outubro ele escreveu:

Mas não lhe parece que há um número de fenômenos fronteiros que com maior propriedade podem ser considerados em termos do outro impulso básico — a fome? Refiro-me por exemplo ao ato de comer, de sugar (predominantemente fome), de beijar (predominantemente sexualidade) (McGuire, 1976, p. 47).

Durante seu contato com Freud, Jung manteve essa posição. Ao longo do período de troca de cartas entre os dois, de 1906 a 1913, Jung ora se aproximava, ora se afastava das

⁴² Os prefácios das Obras Completas não possuem a contagem de parágrafos, por isso, a referência é feita pela página.

ideias freudianas. O conceito de libido é um dos pilares da psicanálise. Modificá-lo, traria consequências para a teoria e para o modo como se vê a dinâmica de formação dos sintomas e de funcionamento da psique. Mesmo assim, Jung propôs uma nova definição de libido em *Transformações* em que considera o impulso básico da fome como o que rege o movimento da libido em sua primeira fase de desenvolvimento. Dessa forma, conseguimos perceber que Jung nunca chegou a considerar, de fato, a sexualidade com a mesma ênfase da psicanálise. Ele não a desconsiderou, apenas não atribuiu um caráter sexual exclusivo à libido.

Isso se explica devido ao contato com seus pacientes psicóticos: uma libido exclusivamente sexual não era suficiente para explicar os sintomas que neles observava. Ele propôs, então, uma visão genética de libido, considerando a multiplicidade de instintos como proveniente de uma unidade relativa, a libido primordial, não necessariamente de natureza sexual, mas com a possibilidade de se expressar dessa forma. Jung afirmou que quantidades definidas da libido primordial são cindidas e transformadas em outras funções ao longo do desenvolvimento humano. Essas transformações poderiam estar inicialmente relacionadas a atividades sexuais e, posteriormente, serem dissolvidas em novas funções. Com isso, Jung aproximou sua nova concepção de libido da concepção de Vontade de Schopenhauer (Stein, 2006; Nagy, 2003). Isso permitiria explicar também a dinâmica psíquica na psicose.

Diferente disso é o ponto de vista genético. Ele considera a multiplicidade de instintos como emanada de uma unidade relativa, a libido primordial; ele reconhece que quantidades definidas da libido primordial são cindidas, por assim dizer, associadas com as funções recentemente formadas e finalmente fundidas nelas. Como resultado, é impossível, do ponto de vista genético, manter o conceito estritamente limitado de libido do ponto de vista descritivo; ele leva, inevitavelmente, a um alargamento da concepção. (...) Pela primeira vez, por meio dessa ideia genética da libido, que em todos os sentidos, ultrapassa o sexual descritivo, tornou-se possível a transferência da teoria da libido freudiana para a psicologia da doença mental. (...) Portanto, quando eu falo de libido, eu associo a ela a concepção genética que contém não só a libido sexual imediata, mas também uma quantidade de libido primária dessexualizada. Quando eu digo que uma pessoa doente tira sua libido do mundo exterior, no intuito de utilizá-la para tomar posse do mundo interior, não quero dizer que ela apenas tira aflusos da função da realidade, mas retira energia, de acordo com minha visão, daqueles instintos⁴³ dessexualizados que, regularmente e propriamente, apoiam a função de realidade (Jung, 1911-12/1916, p. 150-151, tradução nossa).

⁴³ Gewehr (2019) aponta que Jung faz uso indiscriminado dos termos *Instinkt* e *Trieb*, que tem provocado bastante discussão acerca de sua tradução e uso conceitual. Também faz uma referência ao conceito de Jung de instinto, que se relacionaria ao que Von Hartmann apresenta em *Filosofia do Inconsciente*. Nessa obra, encontramos instinto associado a um “saber inconsciente”, a intuição. Em Jung, vemos a noção de instinto ligada a inconsciente e intuição, incluindo a dimensão psíquica, distanciando-a de um automatismo pré-programado. Jung desenvolve melhor sua noção de instinto ao longo de sua obra.

Esse comentário de Jung define bem sua forma de ver a libido. Ele explicou que o que acontece na esquizofrenia é muito diferente do que acontece na histeria. Para ele, na esquizofrenia é como se a própria função da realidade fosse reprimida e o indivíduo perdesse o contato com a realidade. A função da realidade passaria a agir no meio interno do indivíduo, criando ali um correspondente da realidade. Para isso, seria necessário o emprego de outra dinâmica, diferente daquela proporcionada pelo afluxo erótico, pois, para Jung (1911-12/1916), o esquizofrênico perde muito mais do que o interesse sexual pela realidade. Assim, a função da realidade, para Jung, aponta para a existência, também, de uma libido dessexualizada, permitindo a consideração de uma ampla gama de significados para as fantasias produzidas pelos pacientes, principalmente no que diz respeito aos sonhos.

Inclusive, esse é um outro ponto de crítica levantado por Ferenczi (1913/2011), pois Jung teria compreendido mal as hipóteses acerca da libido apresentadas por Freud no caso Schreber, por exemplo. Jung afirmou que: “...Freud, assim como eu, viu a necessidade de ampliar a concepção de libido. Foi a paranoia, tão intimamente relacionada à *dementia praecox*, que pareceu compelir Freud a ampliar os limites anteriores do conceito.” (Jung, 1911-12/1916, p. 140, tradução nossa).

Ferenczi (1913/2011) retomou a citação de Freud no referido texto sobre Schreber, onde ele formula duas hipóteses, que aparecem no final:

Uma terceira reflexão, nascida no terreno das concepções aqui desenvolvidas, coloca a seguinte questão: devemos tomar o desprendimento geral da libido em relação ao mundo externo como suficientemente eficaz, para com ele explicar o “fim do mundo”, ou nesse caso não deveriam bastar os investimentos do Eu conservados, para manter o vínculo com o mundo externo? Seria preciso, então, ou fazer coincidir o que chamamos investimento libidinal (interesse de fontes eróticas) com o interesse em geral, ou considerar a possibilidade de que um amplo distúrbio na alocação da libido também possa induzir um distúrbio correspondente nos investimentos do Eu (Freud, 1911/2010, p. 64, apud Ferenczi, 1913/2011, p. 103).

E continuou sua argumentação, afirmando que Freud, porém, não se decidiu sobre nenhuma das duas por não julgar a psicanálise ainda preparada para tal: “Mas para a solução desses problemas ainda nos sentimos canhestros e desamparados” (Freud, 1911/2010, p. 64). Ferenczi (1913/2011) aponta que Jung manteve uma ênfase unilateral para a primeira hipótese formulada por Freud e seguiu afirmando que a observação dos paranoicos não contradiz a concepção de pulsão, que considera a distinção entre pulsões sexuais e pulsões do ego. Os estudos de Freud dessa época, conforme Ferenczi (1913/2011) afirmou, se dão no sentido de uma manutenção da compreensão dessa distinção e do papel patogênico da libido sexual em todas as psicose, incluindo a paranoia e a parafrenia. Ou seja, Freud não realizou a

ampliação reivindicada por Jung. Ferenczi (1913/2011) classificou a visão junguiana do conceito de libido como “fruto de uma especulação pessoal” (Ferenczi, 1913/2011, p.104).

Discordamos desse posicionamento de Ferenczi (1913/2011), pois ele desconsiderou as observações realizadas por Jung em sua trajetória profissional. Jung não atribuía a mesma importância que Freud à sexualidade e isso influenciou na maneira como percebeu os fenômenos. Partindo desse ponto de vista, as conclusões a que Jung chegou, obviamente, não são as mesmas das de Freud (e nem por isso estariam erradas). Independentemente se Freud teve essa percepção ou não, a partir do caso Schreber, a conclusão de Jung seria a mesma. Ressaltamos que Jung estava iniciando a construção do que seria sua própria linha de pensamento e este foi um dos fatores que o fez perceber que as ideias de Freud a respeito dos fenômenos psíquicos poderiam não estar tão corretas como este postulava. Porém, concordamos com o fato de que Jung possa ter compreendido a afirmação freudiana erroneamente quando afirma que “Freud, assim como eu, viu a necessidade de ampliar a concepção de libido.” (Jung, 1911-12/1916, p. 140). De fato, não foi este o caminho que Freud quis tomar na construção de sua argumentação e de sua teoria naquele momento.

Retomando as críticas de Ferenczi (1913/2011), este acreditou que Jung tampouco deu atenção à segunda hipótese de Freud, tendo afirmado ser difícil acreditar que a função do real normal só seria mantida por investimentos libidinais na realidade e que a realidade, em geral, pode até vir a ser suprimida, como nos pacientes catatônicos (p. 104). Para Ferenczi (1913/2011), Jung promulgou essa afirmação sem nenhuma prova. Além disso, Ferenczi (1913/2011) acrescentou o argumento de que se estava muito longe de “conhecer as proporções do dano que pode sofrer a função do real em consequência de verdadeiros traumatismos sexuais” (ibidem, p. 105). Por exemplo, o psicanalista afirmou que o desvio da realidade, ocasionado por traumas psíquicos de natureza erótica, também é observado na histeria e na neurose obsessiva. Em suma, o que Ferenczi (1913/2011) pontuou é que Jung interpretou erroneamente as ideias de Freud.

Com relação a esta crítica, talvez Jung possa ter interpretado, de fato, erroneamente o que Freud quis dizer na segunda hipótese destacada por Ferenczi. Mas Jung pode, simplesmente, não ter concordado com a ideia de Freud, ao invés de não tê-la interpretado corretamente, caminhando por uma outra via. Tal via é o que possibilitou o desenvolvimento de uma teoria mais sólida e aperfeiçoada do que a apresentada em *Transformações*. A dessexualização da libido permitiu a consideração, por Jung, de uma ampla gama de significados para as fantasias produzidas pelos pacientes, principalmente no que diz respeito aos sonhos.

Jung, ainda assim, apresentou uma visão acerca da existência de uma sexualidade nos primeiros anos de vida. Ele explicou esse fato mais claramente em uma de suas conferências de 1912. Diferentemente de Freud, percebeu a fase inicial da criança como não-sexual e não incluiu um período de latência. Para ele, o ato de mamar não possui uma função sexual, pois, nesse período da vida o instinto sexual não está desenvolvido ou existe apenas de maneira rudimentar. A libido estaria investida, primariamente, nas funções de nutrição, crescimento e desenvolvimento do corpo. Mesmo assim, Jung não deixou de considerar a sensação de prazer e satisfação que o lactente obtém após o ato de mamar, mas não a associa com a sexualidade (Jung, 1913/2014).

A própria ideia de desenvolvimento libidinal em Jung é diferente da freudiana. Jung percebeu a fase inicial como não-sexual e não incluiu uma fase de latência, por exemplo. Sua teoria compreendeu três fases do desenvolvimento sexual: a fase *pré-sexual*, que corresponde aos primeiros anos de vida, indo até, mais ou menos, os três ou quatro anos de idade e caracteriza-se quase exclusivamente pela libido sendo aplicada às funções de crescimento e nutrição; a fase do *período da pré-puberdade*, que vai até a puberdade e caracteriza-se pela aplicação da libido também na função da sexualidade, fazendo-a germinar; e, a terceira e última fase é a do *período de maturidade*, que se estende da puberdade em diante (Jung, 1913/2014).

O desenvolvimento da sexualidade acontece de maneira gradual. Ao longo do desenvolvimento corporal, a libido cria para si novos caminhos de necessidades, de satisfação e de atividade. Grande parte da libido investida na fome tem que se converter em sexual e isso acontece aos poucos até se atingir um desenvolvimento maduro da sexualidade na puberdade (Jung, 1913/2014).

A ideia de um polimorfismo-perverso na criança também recebeu críticas de Jung, embora não tenha tecido comentários a respeito dele em *Transformações*. O polimorfismo, para ele, era decorrente da transferência gradual da libido. Essa transferência ocorria em diversas partes do corpo, se manifestando de diversas maneiras, até se centralizar na função genital. Já a perversão era entendida por ele como uma fase transitória do desenvolvimento sexual. Se um adulto apresentasse um comportamento sexual perverso, significava dizer que sua sexualidade não se desenvolveu, permaneceu infantil (Jung, 1913/2014).

Em Freud essa questão é diferente, conforme escreveu em *Três Ensaio*s, apesar de alguns pontos em comum. Retomando de modo breve o que foi dito no capítulo um, há a consideração de um caráter infantil na sexualidade por Freud. A ideia freudiana de um polimorfismo sexual infantil estaria ligada à de perversão pelo fato de que a criança poderia

obter prazer de diversas formas, incluindo as que fogem do convencional. O caminho para a normalidade, a neurose ou a perversão na vida adulta dependeria de distintos fatores. A perversão seria a fixação e exclusividade de uma determinada forma de obtenção de prazer diferente da relação baseada na genitalidade.

A grande questão de divergência entre os dois nesse assunto, se dá pelo que ambos entendem como o conceito e o percurso de desenvolvimento da libido. Em Freud, como visto, o percurso da libido se dá pelas vias erógenas até se centrar no genital. Isso ocorre por meio dos condicionantes sociais - como medo, vergonha, nojo - que redirecionam a libido até a zona genital, onde será estipulado seu primado. Relacionado a isso, está o aspecto autoerótico infantil. Além disso, ele considerou a libido como a “força que está por trás do impulso sexual” (McGuire, 1976, p. 535), sendo sexual desde o nascimento do indivíduo até sua morte.

Já para Jung, conforme visto, a libido se dissolve em outras funções ao longo do desenvolvimento. Em sua palestra de 1912, Jung relacionou esta ideia ao que acontece no polimorfismo: a libido está migrando, paulatinamente e por etapas, da função da nutrição para o da função sexual (Jung, 1913/2014). Levando em consideração sua ideia de libido e de polimorfismo, acredita que o termo “perverso” pode ser retirado ao se referir à configuração sexual da criança, pois, “as perversões são produtos de distúrbios da sexualidade desenvolvida, mas nunca os primeiros estágios da sexualidade, embora haja semelhança substancial entre os primeiros estágios e o produto da decomposição” (ibidem, §293). Isso significa que a libido possui sua força motriz de desenvolvimento, ou ainda, é a própria força motriz e segue seu percurso em direção à zona genital, por si só, sem necessitar ser redirecionada pela educação ou normas sociais.

Há, entretanto, pontos de concordância entre eles no que se refere à “perversão infantil”: a consideração desta como apenas uma fase transitória, a ideia de que a sexualidade infantil é dissolvida na sexualidade normal⁴⁴ e na ideia de que a libido precisa ser retirada de suas posições transitórias para que o desenvolvimento da sexualidade seja mais rápido e perfeito. Com relação a esta última, os dois pensadores consideram que as tendências sexuais da infância precisam ser descartadas para que se atinja uma sexualidade normal. Quanto menos isso ocorrer, mais perversa a sexualidade poderá se tornar, pois o estado sexual infantil estará insuficientemente desenvolvido (ibidem).

⁴⁴ Jung não especificou o que quis dizer com sexualidade normal, mas deduzimos que, como está falando sobre psicanálise, seja a mesma considerada por Freud, ou seja, a heterossexual centrada nos genitais.

De acordo com Ferenczi (1913/2011), ao tentar atribuir a origem das funções psíquicas à libido, Jung desejaria negar que essas produções pudessem ter algo de sexual ainda. Mas para Ferenczi, que sustentou o caráter sexual da libido, não há como novas funções surgirem desligando-se totalmente de sua origem. Além disso, ao derivar todas as funções psíquicas das sexuais, Ferenczi (1913/2011) acrescentou que isso incluiria as pulsões do ego e que não se possui informações suficientes para se realizar a afirmação de que elas derivam das pulsões sexuais.

Jung sustentou que as sucessivas transformações em atividades da libido, faziam com que ela atingisse um ponto em que sua origem, e consequente natureza sexual, era desconsiderada, tornando-se uma atividade independente da sexualidade:

A característica sexual original desses fenômenos biológicos se perdeu na fixação orgânica e independência funcional. Mesmo se não houvesse dúvida a respeito da origem sexual da música, ainda assim, seria uma generalização pobre e antiestética incluir a música na categoria de sexualidade. Uma nomenclatura similar nos levaria a classificar a Catedral de Colônia como mineralogia por ser construída de pedra (Jung, 1911-12/1916, p. 145, tradução nossa).

Em *Transformações*, Jung (1911-12/1916) afirmou que a sexualidade primitiva foi substituída por um ato simbólico, no caso, a produção do fogo. A produção do fogo pela fricção seria um derivado das atividades rítmicas masturbatórias, uma substituição simbólica, portanto. O humano primitivo substituiu as atividades sexuais pela produção do fogo e isso aconteceu em decorrência de um conflito interno de duas correntes libidinais antagônicas. Ferenczi (1913/2011) também criticou essa ideia. Em suas palavras: “a formação simbólica (e a sublimação) produz-se quando se impõe uma tendência, existente *a priori*, para rejeitar as diferentes atividades primitivas” (ibidem, p. 109). O psicanalista discordou da ideia formulada por Jung, argumentando que isso atribui um papel determinista muito estreito à psique. Ferenczi considerou que são obstáculos externos, ou seja, coerções externas, que obrigam os seres vivos a abandonarem os modos de satisfação adquiridos e a criarem modos de satisfação substitutivos.

Com relação a essa crítica, e nos referindo apenas ao que está escrito em *Transformações*, ou seja, a essa época do desenvolvimento da teoria junguiana, nos parece estreito, de fato, pensar a psique desse modo. Além disso, soa como se Jung estivesse desconsiderando os eventos do meio externo, o que não é verdade. Porém, também nos parece estreito demais considerar o desenvolvimento da libido apenas como uma resposta a uma norma social. A explicação de Jung considerou a libido para bem mais do que isso, a

considerou como uma energia detentora de seu próprio movimento. Nesse sentido, nos parece que uma união dessas duas visões acerca da libido faça mais sentido.

A respeito da consideração da libido como uma força de ação por si mesma, Jung postulou a existência, ao mesmo tempo, de dois caracteres opostos que determinariam o sentido que ela tomaria em seu percurso: o caráter destrutivo e o caráter criador da libido. A libido pode adquirir uma ou outra característica em seu movimento de regressão, como será explicitado mais abaixo. Ao regredir, ela pode tanto ter a capacidade de criar um novo caminho ou de destruir o indivíduo (ao levá-lo a uma psicose, por exemplo), a depender do uso que o indivíduo é capaz de fazer dessa regressão. É interessante notar que a característica destrutiva guarda algumas semelhanças com o conceito de pulsão de morte de Freud e sofreu influências das ideias de Sabina Spielrein.

Isso é claramente diferente da visão freudiana da época a respeito do funcionamento da libido e mostra o quanto a diferença entre os autores se acentuou no decorrer do livro. Freud, aliás, discordou da reformulação proposta por Jung, como explicitou na carta de 23 de maio de 1912: “Na questão da libido, finalmente, vejo a que ponto a sua concepção difere da minha (...) confesso ter uma forte antipatia pela sua inovação” (McGuire, 1976, p. 576).

A concepção junguiana pode ter soado um pouco difícil para o leitor à primeira vista, e essa também foi a reação de Freud, publicada em 1914 em seu texto *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico*:

Já a modificação junguiana afrouxa o vínculo dos fenômenos com a vida instintual; e, como ressaltaram seus críticos (Abraham, Ferenczi, Jones), ela é tão confusa, opaca e obscura que fica difícil tomar posição a seu respeito. Por onde quer que alguém a examine, deve estar preparado para escutar que não a compreendeu bem, e não sabe como chegar a entendê-la corretamente (Freud, 1914/2012, p. 226).

Vale salientar que Jung não excluiu ou deixou de considerar os instintos como importantes. Talvez o fato de ele não ter tido o mesmo olhar de Freud, pode ter sido interpretado por este como um “afrouxamento”, o que na verdade, não se concretiza. O que talvez se “afrouxe” seja a importância do instinto sexual, pois, Jung apenas considerou a existência de outros instintos, como o impulso ao sacrifício, discutido mais adiante. Jung descreveu o desenvolvimento psíquico baseado em forças instintivas, mas elas diferem da força sexual e da conservação. Freud pareceu ter tido dificuldade em aceitar que Jung derivou praticamente todos os processos psíquicos de uma só energia, a libido, além de atribuir a ela um aspecto destruidor. Uma só energia, mas com diversas manifestações. A sexualidade é só

mais uma dentre tantas outras. A sua proposição para a compreensão do adoecimento psíquico torna mais visível o lugar atribuído por ele à sexualidade na dinâmica psíquica.

3.5 O incesto e o desejo incestuoso

Juntamente com a libido, o incesto e o desejo incestuoso, em Jung, compõem o trio que remodela a teoria sexual de Freud. Neste trecho de uma carta de Jung endereçada a Freud, de 27 de abril de 1912, podemos ver de que maneira ele concebia o incesto:

Como o senhor, estou absorvido pelo problema do incesto e cheguei a conclusões que mostram primariamente o incesto como um problema de fantasia. Originariamente, a moralidade era apenas uma cerimônia de reparação, uma proibição substitutiva, de forma que a proibição étnica do incesto pode não significar absolutamente incesto biológico, mas simplesmente a utilização de material incestuoso infantil na construção das primeiras proibições. (Não sei se estou me expressando claramente!) Se significasse incesto biológico, então o incesto pai-filha teria caído em proibição muito mais prontamente do que aquele entre genro e sogra. O espantoso papel da mãe na mitologia tem um significado que excede em muito o problema do incesto biológico — um significado que corresponde à pura fantasia (McGuire, 1976, p. 570-571).

Podemos apreender deste trecho da carta que Jung compreendia o incesto de uma maneira mais ampla, para além do sentido literal biológico de Freud. Jung não excluiu o sentido biológico, apenas deu mais importância ao sentido fantástico relacionado ao incesto. Em carta a Freud, datada de 2 de agosto de 1912, Jung complementou esse ponto de vista:

O fato evidente é simplesmente o movimento regressivo da libido, e não a mãe, ou então as pessoas sem pais não teriam oportunidade de desenvolver um complexo incestuoso; considerando o que sei por experiência, o contrário é verdadeiro. Em certas circunstâncias, na verdade, como regra geral, o objeto da fantasia é chamado “mãe”. Mas parece-me altamente improvável que o homem primitivo tenha alguma vez passado por uma era de incesto. Seria bem mais provável que a primeira manifestação de desejo incestuoso tenha sido a proibição em si (McGuire, 1976, p. 580-581).

Neste trecho, Jung comentou que “o objeto da fantasia é chamado mãe”. Em *Transformações*, Jung (1911-12, p. 335) esclareceu que “Naturalmente, não é a mãe real (...) é antes a imago-materna”. Stein (2006) complementou afirmando que a “mãe” desejada no incesto era representada, na interpretação simbólica de Jung, “no desejo de regressar à dependência infantil, à infância, à inconsciência e irresponsabilidade” (Stein, 2006, p. 66).

Jung interpretou o incesto como um desejo por permanecer no paraíso da infância. Esse desejo torna-se mais evidente quando o sujeito precisa enfrentar um desafio na vida, como crescer, adaptando-se a um meio que gera estresse. A vontade é de fugir da situação (Stein, 2006).

Assim, quando uma fantasia incestuosa aparecia no tratamento da neurose, Jung a interpretava como uma resistência ao processo de adaptação (Jung, 1913/2014) e um desejo de se reunir a essa mãe, ao invés de desejos inconscientes reais ou lembranças infantis desses desejos. Há uma conexão entre esses materiais inconscientes, o incesto e os mitos, pois os impulsos inconscientes que geram as manifestações míticas, “foram ocasionados pela libido regressiva no inconsciente. O material que vem à luz é naturalmente material infantil, ou seja, fantasias oriundas do complexo de incesto” (Jung, 1913/2014, §477). Jung argumentou que é fácil encontrar nos mitos solares teorias infantis a respeito da procriação, renascimento e relação incestuosa. Portanto, para o pensador, os conteúdos míticos estão permeados de símbolos incestuosos.

Jung também percebia um significado religioso atribuído ao incesto. Ao analisar as práticas de incesto literal de povos antigos, como faraós, ele compreendeu essas práticas como religiosamente simbólicas, em que eram realizadas a união com uma figura divina, a Mãe-como-origem da vida, anunciando um status privilegiado. Não se tratava propriamente da realização de um ato incestuoso enquanto desejo sexual. A sexualidade teria pouco a ver com o incesto, pois este não era biologicamente desejado, mas simbolicamente significativa (Stein, 2006)⁴⁵. Ou seja, o incesto relacionado ao Édipo da psicanálise perdia sua conotação sexual principal para dar espaço a um significado simbólico.

A sexualização desse processo, que envolve a fantasia incestuosa, pode ocorrer a depender do estado de desenvolvimento em que a libido se encontra. Para Jung (1911-12/1916), a sexualidade na criança, em seu desenvolvimento gradual, pode, eventualmente, influenciar nesse processo.

Jung (1913/2014) reiterou essa questão, afirmando que, inicialmente, a mãe é o primeiro objeto de amor para as crianças, tanto meninas quanto meninos e, somente na pós-adolescência, quando a sexualidade já se desenvolveu, é que o complexo de Édipo assume sua forma clássica. No caso das meninas, ele assume a forma clássica do complexo de Electra.

⁴⁵ Freud não poderia deixar isso passar em branco e, em 1914, acrescentou uma nota de rodapé em *A Interpretação dos sonhos*, dizendo: “(...) Nos últimos tempos, houve até uma tentativa de, apesar de todas as experiências, reconhecer o incesto apenas como ‘simbólico’ ” (Freud, 1900/2019). Apesar de não se referir diretamente a Jung, podemos inferir que o comentário era direcionado às ideias sobre o incesto desenvolvidas em *Transformações*, pois em *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico*, afirmou, se referindo às inovações de Jung: “o complexo de Édipo tem sentido apenas ‘simbólico’ ” (Freud, 1914/2012, p. 228).

Mesmo quando há manifestação de ciúmes por parte dos filhos com relação à mãe, antes da puberdade e do desenvolvimento da sexualidade, Jung não disse que há um componente sexual envolvido, pois, a criança deseja a mãe para si, já que ela é a fonte de acolhimento, nutrição e proteção.

Mesmo quando a sexualidade já está desenvolvida e as fantasias se tornam sexuais, como no caso de neuroses desencadeadas após a puberdade, ele discordava de que o fator sexual fosse o preponderante. Jung não via as fantasias sexuais incestuosas como relacionadas à causa da neurose, mas como consequência da regressão da libido.

Para Jung (1911-12/1916), a barreira do incesto exerceria um papel semelhante do postulado por Freud. Seu papel seria o de contribuir para o filho não buscar a realização de seus desejos sexuais dentro da família, mas fora dela, se afastando de sua ligação com a mãe, impulsionando-o a continuar seu desenvolvimento psíquico, permitindo que outras criações sociais e culturais sejam possíveis, como a religião.

Por conta da barreira do incesto, a libido sexual é forçada a se afastar da identificação com os pais e introvertida por falta de atividade adequada. É a libido sexual que força o indivíduo em crescimento a se afastar lentamente de sua família. Se essa necessidade não existisse, a família permaneceria sempre agrupada em um grupo sólido (Jung, 1911-12/1916, p. 460, tradução nossa).

Além disso, o próprio desenvolvimento do indivíduo enquanto humano é possibilitado nesse movimento, pois, segundo o pensador, para que o indivíduo se humanize, é necessário que domine seu desejo incestuoso. Caso não o faça, permanecerá ligado à sua natureza animal. “O animal não conhece a proibição ao incesto” (Jung, 1911-12/1916, p. 294). Atingir o objetivo de tornar-se humano exige, portanto, o sacrifício de sua natureza animal, seu desejo incestuoso, e a consequente superação da mãe (Jung, 1911-12/1916).

Freud sugeriu algo parecido no texto *O Romance Familiar dos Neuróticos*:

Desprender-se da autoridade dos pais é uma das realizações mais necessárias e também mais dolorosas do indivíduo em crescimento. É absolutamente necessário que ele o faça, e podemos presumir que isso foi alcançado, em alguma medida, por todo aquele que se tornou normal (Freud, 1909/2015, p. 295).

Freud também defende um desprendimento do indivíduo de sua família e a falha total ou parcial desse processo, o que indicaria a existência de uma neurose. Porém, a compreensão que ambos têm do motivo da existência de uma ligação forte com os pais é diferente. Freud a vê como sexual e caso não haja desprendimento da libido das figuras parentais, produzem-se sintomas neuróticos. No caso de Jung, quando existe um vínculo forte com os pais, pode

haver a presença de sintomas neuróticos, mas o caráter sexual é retirado do lugar central de explicação do adoecimento.

Outras questões relativas ao incesto e ao desejo incestuoso, que aparecem na obra de Freud relativa a esse período, não são abordadas em *Transformações*, como a homossexualidade, a perversão e o amor. Todas podem ser pensadas na psicanálise a partir do complexo de Édipo, porém, como Jung não as comenta em seu livro, ficamos sem saber como as relacionaria com as mudanças conceituais que introduziu. Veremos a seguir, como Jung compreende nessa época o adoecimento psíquico, especificamente a neurose.

3.6 O adoecimento psíquico

Já antes de conhecer Freud, Jung discordava de seu pensamento com relação à origem das neuroses ser estritamente sexual, conforme afirmou no prefácio de *Psicogênese das Doenças Mentais*, escrito em julho de 1906 (porém, publicado em 1907):

Se admito, por exemplo, os mecanismos complexos dos sonhos e da histeria, não significa, de forma alguma, que atribuo ao trauma sexual da juventude uma significação exclusiva, como Freud parece fazer; muito menos que eu coloque a sexualidade em primeiro plano, acima de tudo, ou lhe confira universalidade psicológica que, como parece, é postulada por Freud, pela impressão do papel poderoso que a sexualidade desempenha na psique (Jung, 1907/2012, p. 12⁴⁶).

Ao realizar os experimentos com a associação de palavras no Hospital Burghölzli, descritos em *Estudos Experimentais e Psicogênese das Doenças Mentais*, ocorreu a Jung que algumas reações, como: prolongamento do tempo de reação, esquecimento, formas peculiares de reação, eventual quebra na reação, dentre outras, eram ocasionadas por ação do que chamou de complexo⁴⁷. O complexo, para Jung, foi entendido como uma rede de pensamentos, sentimentos e emoções ligadas a um determinado tema (pai, sexo, religião etc.) e que detém uma carga de tonalidade afetiva.

Jung percebeu que um grande número desses complexos que apareciam nas pessoas experimentais era de natureza erótica. Isso não foi uma surpresa para ele, pois, conforme

⁴⁶ O prefácio de todos os títulos das Obras Completas não possuem numeração de parágrafos.

⁴⁷ A palavra, conforme descreve Ellenberger (1970), foi utilizada por Jung a partir do termo *gefühlsbetonter Vorstellungskomplex* (traduzido como complexos ou representações emocionalmente carregadas), de Theodor Ziehen (1862-1950), berlinense que possuía a cátedra de psiquiatria (Bair, 2006) e que descobriu que o tempo de resposta do sujeito era maior quando a palavra estímulo estivesse relacionada a algo desagradável a ele (Ellenberger, 1970). Anos mais tarde, Freud adotou este termo.

afirmou: “o amor e a sexualidade desempenham papel muito importante na vida humana” (Jung, 1904/2011, §381).

Apesar de nunca ter considerado a sexualidade como sendo a causa exclusiva da neurose, Jung tampouco deixou de considerar sua importância na dinâmica da doença. Seu contato com Freud não mudou essa percepção, por mais que, em alguns momentos, Jung se aproximasse das ideias do pai da psicanálise. Sua experiência com os pacientes do Burghölzli indicou haver casos em que a sexualidade exercia um papel secundário em relação a outras questões (Bair, 2006).

Conforme vimos no capítulo anterior, esta visão acerca da sexualidade foi externalizada a Freud na primeira carta enviada a ele: “acredito que a gênese da histeria, embora predominantemente sexual, não o seja exclusivamente. Encaro de igual modo sua teoria da sexualidade.” (McGuire, 1976, p. 45).

Ao longo dos anos seguintes até a ruptura da relação entre os dois, Jung reiterou sua visão como, por exemplo, na palestra pronunciada em 1907 em Amsterdã⁴⁸, ao não afirmar a validade universal e exclusiva da sexualidade na histeria: “*A ‘histeria’ freudiana existe. Quem estudou com afinco a técnica de Freud sabe muito bem disto. O que não sabemos é se o esquema pode ser aplicado a todas as formas de histeria (de qualquer modo, ficam de fora a histeria infantil e a neurose psicotraumática)*” (Jung, 1908/2014, §62).

Nessa época, seu pensamento a respeito da histeria era o de que os sintomas histéricos derivavam de um complexo reprimido. Muito frequentemente, como dito, de natureza sexual. Este complexo possuiria grande autonomia na histeria, com uma tendência a existir ativamente e separado da consciência do eu. Dessa forma, cria-se como se uma personalidade nova, em que as tendências, julgamentos e decisões caminham na direção de querer ser doente. Esta personalidade nova oprimiria o eu e o forçaria a entrar no papel de um complexo secundário, adquirindo uma força muito grande. Com o experimento, Jung também concluiu que as emoções dos histéricos são maiores do que as das pessoas normais. Ele também percebia uma relação entre a adaptação psicológica deficitária ao meio e a existência de um complexo emocional na histeria (Jung, 1904-1910/2011).

Essa visão de Jung a respeito da histeria foi aperfeiçoada ao longo dos anos, principalmente com seu contato com a mitologia e com sua reformulação do conceito de libido, levando-o a pensar numa relação existente entre uma condição deficitária de adaptação

⁴⁸ Publicado em formato escrito em 1908, em *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, XXIII/4, p. 310-322. Berlim. Nas Obras Completas, encontra-se no Volume 4, sob o título *A Teoria freudiana da histeria*.

psicológica ao meio ambiente e o surgimento das neuroses, e a considerar o incesto e o papel da figura materna na dinâmica psíquica.

Em setembro de 1912, Jung comenta em uma de suas nove conferências pronunciadas na Universidade de Fordham, que “sempre nos pareceu estranho que os complexos de Édipo ou Electra tivessem força determinante no surgimento da neurose, pois esses complexos estão presentes em todo ser humano” (Jung, 1913/2014, §377).

Partindo dessa estranheza, Jung forneceu outra explicação para o surgimento das neuroses e o conflito psíquico associado a elas, retirando a exclusividade da sexualidade. Ao verificar que a libido regredia quando a pessoa se deparava com um desafio ou uma dificuldade grande em sua vida e recuava diante dele, percebeu, que, em alguns casos, essa situação gerava um conflito interno. Esse conflito se dava pela consideração do obstáculo como, ao mesmo tempo, intransponível e transponível. No fundo, a pessoa sabia que era possível superar o obstáculo se tivesse um pouco mais de condições morais.

Entretanto, pelo caráter desagradável de tal consideração, a descartaria e classificaria o obstáculo como insuperável, criando uma barreira ilusória para sua ação e, ainda, vangloriando-se por sua coragem: é a barreira que era impossível de se transpor, independentemente do tamanho de sua coragem ou força de vontade; o sujeito, apesar disso, continuava se considerando corajoso, não assumindo sua covardia. Tal atitude gerava uma contradição interna e um conflito que aprisionava sua libido. Sua eficiência na vida ficava comprometida, tal como sua adaptação à realidade (Jung, 1913/2014).

O problema estava assim resolvido com uma atitude de mentalidade infantil, pois a procura dos erros se voltou para os objetos externos e não internos. A libido recuou diante de um problema e substituiu a ação real por uma ilusão infantil, regredindo a um estado psíquico infantil e, com isso, instaurando o conflito que dá origem à doença (Jung, 1913/2014). Ou seja, para Jung, um conflito de natureza sexual não precisaria estar presente, o que impõe uma diferença em relação à explicação freudiana.

Entretanto, a regressão pode tomar outro caminho. Em *Transformações*, Jung deixou claro que nem sempre ela é ruim. Ele afirmou que este processo pode oferecer uma proposta de novo caminho a seguir pelo indivíduo para garantir seu equilíbrio mental. Manter-se por tempo demais ligado aos pais ou no processo de regressão é que é o problema. A regressão foi encarada por Jung como um recuo muitas vezes necessário ao desenvolvimento psicológico. Através desse recuo o indivíduo pode ter acesso a uma fonte criativa inesgotável que pode mostrar possibilidades a serem seguidas no futuro, obtendo uma melhor forma de adaptação à realidade (Jung, 1911-12/1916).

Jung (1911-12/1916) traçou um paralelo desse movimento de regressão com o mito do herói solar, trazendo elementos presentes em alguns mitos, que se ligam ao útero, como o cesto, a arca, o barril e o mar. Deuses que viajam pelo mar, por exemplo, simbolizam o sol. “Eles são fechados em um baú ou em uma arca para a ‘jornada noturna no mar’ (...), muitas vezes junto com uma mulher (...). Durante a jornada noturna no mar, o deus-sol é fechado no útero materno, muitas vezes ameaçado por perigos de todos os tipos” (Jung, 1911-12/1916, p. 237, tradução nossa). Esses deuses solares, portanto, imergem no mar, retornando ao útero materno (entrada no baú) durante a noite, e emergem, renascidos e renovados, durante o dia (1911-12/1916). A regressão é simbolizada por essa imersão no mar, quando o herói solar é fechado no baú. Quanto à figura da mãe, ela é compreendida como uma fonte criadora inesgotável e é no contato com ela, obtido com a regressão, que o encontro de uma forma melhor de adaptação ao meio se torna possível.

O movimento libidinal considerado saudável para Jung seria a saída desse estado de regressão, do contato com a “mãe”, por meio de um movimento de progressão da libido, com seu redirecionamento para o meio exterior. Na continuação do mito do herói é possível uma analogia com este movimento, pois, após a viagem, é comum que os deuses ancorem em uma praia distante para dar início a uma nova vida (um símbolo para o renascimento). A interpretação psicológica que Jung deu para essas passagens típicas dos mitos heróicos é: “o desejo de *alcançar o renascimento através do retorno ao útero materno*” (Jung, 1911-12/1916, p. 240, grifos do autor, tradução nossa). O “renascimento” significa o nascimento de um novo indivíduo, mais adaptado ao meio. Esse é o típico movimento de uma regressão saudável, que não traz como consequência a neurose, mas uma possibilidade de vida nova.

Um paralelo que se pode fazer entre o herói e a adaptação à realidade, é o de que o herói é aquele que supera as adversidades que a vida apresenta. Nesse sentido, “Somente a superação dos obstáculos da realidade traz a libertação da mãe, que é fonte contínua e inesgotável de vida para o criador, mas morte para os covardes, tímidos e preguiçosos.” (Jung, 1911-12/1916, p. 428, tradução nossa). Caso os obstáculos não sejam superados, caso um ato heróico não seja realizado, o indivíduo cairá na neurose, ou ainda, em uma psicose. Ficar preso à mãe, ao estado regredido é que é o problema. Jung disse que este estado é uma prisão incestuosa, o que envolve o significado do desejo incestuoso para ele: é o desejo de se manter protegido, com a mãe continuando a ser sua fonte de segurança. Dessa forma, o indivíduo não se arrisca na vida e não realiza o que precisa ser realizado. Tal ideia é importante para a compreensão mais ampla de sua etiologia das neuroses.

Para que o indivíduo possa libertar-se dessa prisão incestuosa e se livrar da neurose, portanto, Jung diz ser necessário haver um sacrifício da atitude infantil, tornando possível o nascimento de uma nova atitude perante a vida, menos infantil, mais independente da mãe e mais voltada às necessidades da vida. Apenas a partir da morte, e consequente libertação desse estado psíquico infantil e incestuoso (o qual mantém a libido retida), é que é possível redirecionar a libido para propósitos mais elevados, como a cultura e a vivência em sociedade. O sacrifício tem um significado de processo de amadurecimento psicológico (Jung, 1911-12/1916).

O simbolismo do sacrifício, segundo Jung (1911-12/1916), está presente em inúmeros mitos apresentados em *Transformações*, principalmente no que diz respeito ao sacrifício animal. O autor relaciona o símbolo animal à libido animal. No caso de alguns mitos heróicos, o animal que acompanha o herói simboliza sua parte animal. Quando o herói sacrifica seu animal, significa dizer que ele está sacrificando sua parte animal.

Esta parte animal é relacionada por Jung (1911-12/1916) ao desejo incestuoso: “O animal não conhece a proibição do incesto; o homem é, portanto, homem, porque ele domina o desejo do incesto, ou seja, a natureza animal.” (ibidem, p. 294, tradução nossa). Dessa forma, o sacrifício animal presente nos mitos simboliza o sacrifício do desejo incestuoso. O homem a que Jung se refere na citação é o ser humano. Para se humanizar, o indivíduo precisa sacrificar seu desejo incestuoso e direcionar sua libido, anteriormente investida no incesto, para o mundo externo. Outra criação fantástica de Miss Miller é analisada à luz da ideia do sacrifício. Nessa fantasia, há a presença de um herói chamado pela autora de “Chiwantopel”, montado a cavalo em uma floresta:

O personagem Chi-wan-to-pel surgiu do sul, a cavalo, envolto em manto de cores vivas, vermelho, azul e branco. Um índio, em traje de camurça bordado de pérolas e ornado de plumas, avança agachado e se prepara para atirar uma flecha contra Chiwan-to-pel. Este apresenta seu peito, numa atitude de desafio, e o índio, fascinado diante desta visão, esquiva-se e desaparece na floresta (Miller, 1906/2016, p. 640).

Jung apontou diversos mitos em que os heróis são mortos por uma flecha como uma forma de validar o que apresentou no início da obra, a respeito do caráter universalmente comum das criações fantásticas neuróticas e, para mostrar que os mitos apresentam soluções para a questão do incesto, que é sacrificar a parte infantil humana para que a libido continue seu caminho progressivo, trazendo o desenvolvimento psicológico (Jung, 1911-12/1916).

O ferimento pela flecha é encarado por Jung como ao mesmo tempo um ato de introversão e de união consigo mesmo (autofecundação), e também um ato de matar a si mesmo. Esse ferimento representa um mergulho às suas próprias profundezas, com todas as consequências que advém disso (Jung, 1911-12/1916).

E, Chiwantopel, é interpretado por Jung como um herói infantil (o filho, o peixe, o cordeiro, a criança), que ainda está acorrentado à mãe e precisa se libertar deste estado. Um herói infantil que representa a parcela infantil da própria autora e que precisa ser sacrificada. Porém, como percebido, o herói não é morto. Isso indica que Miss Miller não sacrificou sua parcela psíquica infantil, mantendo sua libido represada e ligada ao materno. A fantasia indicou que há um desejo de sacrificar a parcela infantil (quando o herói mostra o peito para o índio), porém, indicou também haver um desejo na direção oposta, representando o caráter dual da libido, o destrutivo e o criativo (Jung, 1911-12/1916).

Nas conferências de Fordham, Jung relacionou o complexo de castração e o sacrifício. Referindo a este último, ele afirma: “A Escola de Viena designa este fenômeno pelo termo equívoco de *complexo de castração*. O emprego paradoxal desse termo provém da posição singular que a Escola de Viena adotou com relação à sexualidade.” (Jung, 1913/2014, §342, grifos do autor). Por não atribuir o mesmo enfoque à sexualidade para as dinâmicas psíquicas (porém, sem excluir sua importância psicológica), Jung preferiu adotar o termo “sacrifício”. Outro motivo apontado por Stein (2006) para esta decisão é que o fenômeno compreendido como “sacrifício” ocorre voluntariamente e não por meio da ação de ameaças externas de castração, a barreira do incesto, como na teoria freudiana.

Stein (2006) observou que, em *Transformações*, Jung defendeu a tese geral de que a transformação da libido não ocorre por meio de um conflito entre a pulsão sexual e a realidade externa, mas sim, através de um mecanismo interno que se insere na natureza humana e que também produz o sacrifício do incesto em prol do desenvolvimento humano. O sacrifício explicaria as transformações de energia de determinadas formas de expressão e atividades, em outras. Porém, conforme Stein (2006) ainda apontou, questões permanecem, como, por exemplo, qual a motivação dos homens para extraordinários sacrifícios e o que dirige um percurso de libido para ocupações e esforços específicos. A capacidade dos símbolos de transformar e dirigir a libido seria uma ideia que poderia ajudar a responder essas questões.

Jung não enxergou o desejo incestuoso e sua proibição como centrais no surgimento das neuroses, sendo considerados, principalmente, como simbólicos. Essa é uma ideia muito diferente da de repressão e de eleição de um dos pais como objeto sexual. No caso de

crianças, por exemplo, Jung afirmou que o componente sexual está presente. Porém, como a sexualidade não está completamente desenvolvida ainda, não é o principal fator. A mãe é vista pela criança muito mais como detentora de um papel protetor do que de um papel de objeto de satisfação dos desejos sexuais. Somente em alguns momentos, a dependência da criança à mãe se tornava sexualizada. Durante a puberdade isso também aconteceria. Já no caso de neuroses adultas, os impulsos incestuosos são ativados por conta de um recuo regressivo relacionado à demanda que o impulso sexual exerce no sujeito para que ele se desconecte dos pais (Young-Eisendrath & Dawson, 2002). Tais impulsos incestuosos devem ser encarados com a mesma dualidade na qual Jung postulou o caráter libidinal, criador e destrutivo, em que o caráter destrutivo se dá pela fuga patológica do conflito, enquanto o criador, se dá pela representação de um recuo e reorganização para que se possa resolver o conflito.

Tais ideias trouxeram, para Jung (1913/2014), outra perspectiva de tratamento das neuroses. Conforme explicou em sua conferência, ele considerou inútil o esforço psicanalítico em buscar no período infantil a causa da neurose, pois agindo dessa forma, faria-se o jogo do paciente, que quer manter o profissional afastado do presente crítico “*O conflito patogênico está sobretudo no presente.*” (Jung, 1913/2014, §373, grifos do autor). Assim, Jung não defendeu o enfoque do tratamento das neuroses no passado do paciente, mas sim, em seu presente, onde reside o conflito.

Tal visão foi alvo de críticas de Freud em *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico*, que afirmou que essa compreensão e solução do conflito do indivíduo neurótico só é possível quando se percorre “o caminho que sua libido percorreu no adoecimento” (Freud, 1914/2012, p. 230).

Além disso, Freud (1914/2012) apontou para o fato de que a tarefa terapêutica deve ser retirar o investimento libidinal de complexos. E isso só seria obtido ocupando o paciente intensamente deles, a fim de torná-los perfeitamente conscientes para ele. E acrescenta: “O esforço de subtraí-lo a essa tarefa aponta para uma incapacidade do médico em ajudá-lo a superar as resistências, ou para seu temor quanto aos resultados desse trabalho.” (ibidem, p. 232). Jung, a nosso ver, não parece ser incapaz de ajudar seus pacientes a lidarem com suas próprias resistências, posto que a dificuldade em realizar as tarefas da vida pode ser compreendida como uma resistência também. Jung não deixou de considerar as resistências que Freud tem em mente, apenas as considerou a partir de uma outra perspectiva.

Pode-se dizer que a questão da classificação dos tipos de adoecimento psíquico vai se transformando em função do giro realizado quanto à compreensão dos processos psíquicos,

em geral, principalmente em relação ao lugar ocupado pela sexualidade. A universalidade do mito do herói, a proposta de um inconsciente comum a toda a humanidade e a ampliação do conceito de libido vão fornecer uma nova base para a compreensão das diferentes manifestações da neurose e de outras formas de adoecimento. Contrariamente à ideia de que o complexo de Édipo baseado na relação entre a criança e as figuras parentais seria o principal organizador da neurose, o incesto relacionado ao Édipo perde sua conotação sexual principal para dar espaço a um significado simbólico.

Outro ponto que pode ser destacado como contrastante com a teoria freudiana é o posicionamento que o complexo de Édipo, como causa das neuroses, traz consigo. Descritivamente, é um complexo voltado para a atração sexual do menino para com sua mãe, portanto, uma explicação centrada num indivíduo homem e heterossexual. Mas e para a mulher e os homossexuais? Jung, ao deixar o aspecto sexual um pouco de lado e com a simbolização do incesto, conseguiu, mais do que Freud, estabelecer uma universalização da causa da neurose. O próprio sujeito de análise, em *Transformações*, é uma mulher. Na carta de 2 de agosto de 1912, enviada à Freud, Jung já fez referência a isso: “Em certas circunstâncias, na verdade, como regra geral, o objeto da fantasia é *chamado* ‘mãe’” (McGuire, 1976, p. 581, grifos do autor). Ou seja, como já foi extensamente analisado aqui neste capítulo, não é a mãe real, mas uma representação que carrega todos os significados já elencados aqui.

Ao que nos parece, Jung conseguiu, mesmo por métodos não muito aprovados por Freud (referimo-nos ao uso da mitologia e das fantasias de Miss Miller) uma realização que Freud gostaria de ter feito, mas que não foi possível. Entretanto, uma questão se impõe, mas que poderá ser discutida melhor em futuros trabalhos: como Freud, mesmo tendo em sua maioria pacientes mulheres, formulou uma etiologia para as neuroses centrada em indivíduos homens? Não seria mais lógico ter formulado primeiramente o complexo de Electra e depois o de Édipo? Outras questões se impõem ao trabalho de Jung, como a transmissibilidade de conteúdos entre os humanos. Tal questão, conforme vimos com Nagy (2003) e outros autores, se mantém aberta no livro de Jung.

4 CONCLUSÃO

Ao longo do que foi exposto no trabalho, ficou claro que Jung contradisse diversos pontos importantes e estruturais da psicanálise e que uma resposta do círculo psicanalítico era inevitável. Conseguimos compreender que tal discordância com as ideias freudiana, em grande parte, era proveniente da bagagem epistemológica que Jung carregava antes de se relacionar com Freud e que o levou a ter concepções próprias do inconsciente e seu funcionamento, e a teorizar uma libido e uma dinâmica psíquica diferentes das do pai da psicanálise.

O conflito de ideias entre Freud e Jung evidenciou-se logo na primeira carta que Jung escreveu a Freud e se estendeu por todo o período dessa relação, de 1906 a 1913, com exceção de uma pequena aproximação em 1907. Após esse período, o distanciamento só aumentou e, com a publicação de *Transformações*, atingiu seu ápice.

A obra de Jung expôs de maneira contundente e óbvia, sua discordância com a psicanálise. Não foram poucas as modificações que ele propôs em relação à teoria freudiana. Tratavam-se de conceitos pilares: o inconsciente, a libido, o complexo nuclear das neuroses (complexo de Édipo) e a teoria do adoecimento psíquico. Estas três últimas, para nós, foram especificamente o cerne da divergência entre Freud e Jung. A questão do desenvolvimento libidinal proposta por Jung, sem um caráter exclusivamente sexual, a simbolização do Édipo e o método empregado por Jung na análise das mitologias em seu estudo foram de especial incômodo para Freud e muito criticadas por Ferenczi. A ideia da existência de um modo de funcionamento psíquico semelhante à psique ancestral e que carregava conteúdos oriundos dessa psique antiga, bem como a ideia de uma psicossíntese, não foram exatamente o cerne da divergência entre os dois.

Por essa razão, não havia como Jung pertencer ao círculo psicanalítico ou se manter junto a Freud teoricamente e nem clinicamente. As reações de Freud, como vimos, foram inúmeras, incluindo a escrita de *Totem e Tabu*, supostamente uma resposta a Jung, como comentamos no início.

Freud não foi o único a reagir. Vimos como Ferenczi, membro importante do círculo psicanalítico da época, também se manifestou e criticou a obra junguiana. Houve, inclusive, uma tentativa de boicotar a reeleição de Jung à presidência da Associação Internacional de Psicanálise, em 1913 (Moritz, 2007).

Não podemos negar que há uma inovação na criação de Jung. Suas ideias relacionando fortemente a mitologia ao desenvolvimento psicológico e ao incesto; a ideia, ainda que

rudimentar, de uma instância psíquica que liga os homens modernos aos seus antepassados; e, a função prospectiva da psique, divergem não somente das ideias freudianas, mas da ciência da época. Muitas foram as críticas que acompanharam e ainda acompanham a teoria junguiana, seja por incompreensão de suas ideias ou por outros motivos. E mesmo tendo alguns pontos de vista comuns aos de Freud, como a existência de uma barreira contra o incesto igualmente de origem social, a consideração da existência de um desejo incestuoso para o surgimento das neuroses (mesmo que de caráter diferente do postulado por Freud, ainda assim, é um desejo pela mãe), os pontos de vista divergentes de Jung foram mais profundos e, por isso, cruciais para seu afastamento do movimento psicanalítico.

Uma abertura de Freud e do círculo psicanalítico da época a uma discussão acerca das inovações de Jung poderia ter sido benéfico, trazendo mais avanços para a teoria psicanalítica. Será que os ânimos estavam tão inflamados acerca do grupo de Zurique por conta do livro de Jung e do fim da relação com Freud, que não tornou possível essa abertura de diálogo? Acreditamos que sim. Tais sinais nos levam a concluir que o motivo da ruptura da relação entre Freud e Jung foi uma junção do motivo apresentado por Jones (1989), com relação à atuação de Jung na associação, juntamente com o conteúdo de *Transformações*. Este último, com maior peso.

Em sua explanação de ideias, Jung abre a possibilidade para que algumas questões sejam feitas, podendo ser exploradas e aprofundadas em pesquisas futuras. A hereditariedade e a filogenia são uma delas, no sentido de quais conteúdos passam da família ou da espécie, para o indivíduo. São todos? Como funciona a transmissão de imagens? Para ele, seria ela transmissível? Isso tem a ver com a influência de Haeckel sobre sua obra. Um trabalho futuro poderia explicar melhor o reflexo dessa influência na obra de Jung.

Outra questão em aberto e que poderia ser respondida em outro trabalho, seria uma análise detalhada a respeito da afirmativa exposta na seção de Introdução do presente trabalho, acerca da ideia de que *Totem e Tabu* tenha sido uma resposta de Freud para Jung, explicitando qual foi essa resposta e dirigida a quais argumentos junguianos. Uma análise da diferença entre o conceito de simbolismo para Freud e Jung não pôde ser apresentada aqui, representando uma lacuna que ficou em aberto no trabalho e uma oportunidade para trabalhos futuros.

Em síntese, uma compreensão da totalidade dos temas discutidos por Jung em *Transformações* não foi possível de ser realizada devido às limitações de tempo que uma dissertação de mestrado estabelece. Entretanto, os temas mais essenciais do livro foram extensamente analisados aqui, bem como a ampla contextualização do período, que envolvia

tanto as relações com Freud quanto a bagagem epistemológica que Jung carregou para essa relação, contribuindo para ampliar o entendimento acerca do movimento gerado com sua escrita.

Por fim, Jung provou dissabores e conquistas ao seguir seu próprio caminho e desenvolver sua teoria. A nós, resta apenas saborear a multiplicidade de pontos de vista e conhecimento gerados com ambas as teorias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIR, Deirdre. **Jung**: uma biografia. São Paulo: Globo, 2006.

BISHOP, Paul. **Analytical Psychology and German Classical Aesthetics**: Goethe, Schiller, and Jung, Vol 1: The Development of the Personality. Londres: Routledge, 2008.

BORNHOLDT, Ingeborg. Releitura do caso O Pequeno Hans: sobre silêncios e invisibilidades. **Revista de Psicanálise da SPPA**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, pp 339-358, 2015.

CAROTENUTO, Aldo. **Diário de uma secreta assimetria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

CLARKE, J. J. **Em Busca de Jung**: indagações históricas e filosóficas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

DIETERICH, Albrecht. **Eine Mithrasliturgie**. Leipzig: B. G. Teubner, 1910.

ELLENBERGER, Henri F. **The Discovery of the unconscious**: the history and evolution of dynamic psychiatry. Nova York, Basic Books, 1970.

ESTEVÃO, Ivan Ramos. **A Teoria freudiana do complexo de Édipo**. São Paulo: Escuta, 2017.

FERENCZI, Sándor. (1913). Crítica de metamorfoses e símbolos da libido, de Jung. In: **Obras Completas Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREUD, Sigmund (1900). A Interpretação dos sonhos. In: **Sigmund Freud Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 4.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Sigmund Freud Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a, v. 6.

_____. (1906). Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In: **Sigmund Freud Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b, v. 6.

_____. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 10.

_____. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: **Sigmund Freud Obras Completas Volume 8**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, v. 8.

_____. (1910). Cinco lições sobre psicanálise. In: **Sigmund Freud Obras Completas Volume 9**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a, v. 9.

_____. (1910). Um Tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (contribuições à psicologia do amor I). In: **Sigmund Freud Obras Completas Volume 9**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b, v. 9.

_____. (1911). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia (“o caso Schreber”, 1911). In: **Sigmund Freud Obras Completas Volume 10**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, v. 10.

_____. (1912-1913). Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras Completas Volume 11**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, v. 11.

_____. (1914). Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras Completas Volume 12**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 12.

_____. (1914). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras Completas Volume 11**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, v. 11.

FREUD, Sigmund; ABRAHAM, Karl. **A Psycho-analytic dialogue: the letters of Sigmund Freud and Karl Abraham 1907-1926**. Nova York, Basic Books, 1965.

FREUD, Sigmund; FERENCZI, Sándor. **The Correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi, Volume I, 1908-1914**. Cambridge; London: The Belknap Press of Harvard University Press, 1993.

GEWEHR, Rodrigo Barros. Entre filosofia e ciência: o problema do naturalismo na psicologia de Carl Gustav Jung. **Psicologia USP**, v. 30, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/161336>. Acesso em: 5 out. 2023.

GEWEHR, Rodrigo Barros. L'inconscient phylogénétique versus l'inconscient collectif: contribution au dialogue entre Freud et Jung. **Revue de psychologie analytique**, n.1, pp. 75-97, 2013.

HAECKEL, Ernest. **Generelle Morphologie der Organismen: allgemeine Grundzüge der organischen Formen-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von Charles Darwin reformirte Descendenz-Theorie**, 2 vol. Berlim: Georg Reimer, 1866. Disponível em: www.biodiversitylibrary.org/item/52177#page/107/mode/1up. Acesso em: 16 out. 2023.

JONES, Ernest. **A Vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v. 2.

JONES, Raya A. **Jung, psychology, postmodernity**. Londres: Routledge, 2007.

JUNG, Carl Gustav (1902). **Estudos psiquiátricos**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. (1904-1910). **Estudos experimentais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. (1907). A Psicologia da *dementia praecox*: um ensaio. In: **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. (1908). A Teoria freudiana da histeria. In: **Freud e a psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. (1911-1912). **Psychology of the unconscious: a study of the transformation and symbolism of the libido**. Nova York: Moffat, Yard and Company, 1916.

_____. (1913). Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica. In: **Freud e a psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. (1952). **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. (1961). **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

KERR, John. **Um Método Muito Perigoso Jung, Freud e Sabina Spielrein: A História Ignorada dos Primeiros anos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MASSIÈRE, Fábio Medeiros. **A Construção da psicologia analítica a partir do livro Símbolos da transformação: o processo de escrever e reescrever uma psicologia**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2016. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/Publicacoes/Dissertacoes/Fabio_Medeiros_Massiere.pdf. Acesso em: 5 jan. 2021.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

McGUIRE, William. (org.). **Freud/Jung: correspondência completa**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MEZAN, Renato. **A Trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MILLER, Frank. (1906). Quelques faits d'imagination créatrice subconsciente. In: JUNG, Carl Gustav (1952). **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MONZANI, Luiz Roberto. **Freud: O Movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

MORITZ, Rafael Ernest. **Um estudo sobre o relacionamento e ruptura entre Sigmund Freud e Carl Gustav Jung**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007, 267 p. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18550/2/Rafael%20Ernest%20Moritz.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

NAGY, Marilyn. **Questões filosóficas na psicologia de C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PISSARDO, Carlos Henrique. **Angústia e capitalismo em A ética protestante**. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: [2018_CarlosHenriquePissardo_VOrig.pdf \(usp.br\)](#). Acesso em: 20 fev. 2024.

RIBEIRO, Cecília Rodrigues. Totemismo e tabu hoje. In: **Anais do II Simpósio Bienal da SBPSP. Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento**. São Paulo: Blucher, 2020.

ROAZEN, Paul. **Freud and his followers**. Nova York: Alfred A. Knopf, 1975.

ROESLER, Christian. Are archetypes transmitted more by culture than biology? Questions arising from conceptualizations of the archetype. **Journal of Analytical Psychology**, Oxford, Blackwell Publishing Ltd, v. 57, pp. 224-247, 2012.

SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Alfred. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Imago Editora: Rio de Janeiro, 1988.

SAUERTEIG, L D. H. Loss of innocence: Albert Moll, Sigmund Freud and the invention of childhood sexuality around 1900. **Medical History**, Cambridge, Reino Unido, v. 56, n. 2, pp. 156-183, 2012.

SHAMDASANI, Sonu. **Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

SCHMIDL, Fritz. Freud's sociological thinking. **Bulletin of the Menninger Clinic**, v. 16, n. 1, 1952.

STEA, Jonathan N. Freud's conceptualization of the social world: psychology recapitulating sociology or sociology recapitulating psychology? **Europe's Journal of Psychology**, Calgary, v. 8, n. 1, p. 182-202. 2012.

STEIN, Murray. **O Mapa da alma**. Cultrix: São Paulo, 2006.

TARNAS, Richard. **A epopeia do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TAYLOR, Eugene. **The Mystery of Personality: a History of Psychodynamic Theories**. New York: Springer, 2009.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. Édipo sem complexo. In: **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para estudos Junguianos**. Porto Alegre: Artmed, 2002.